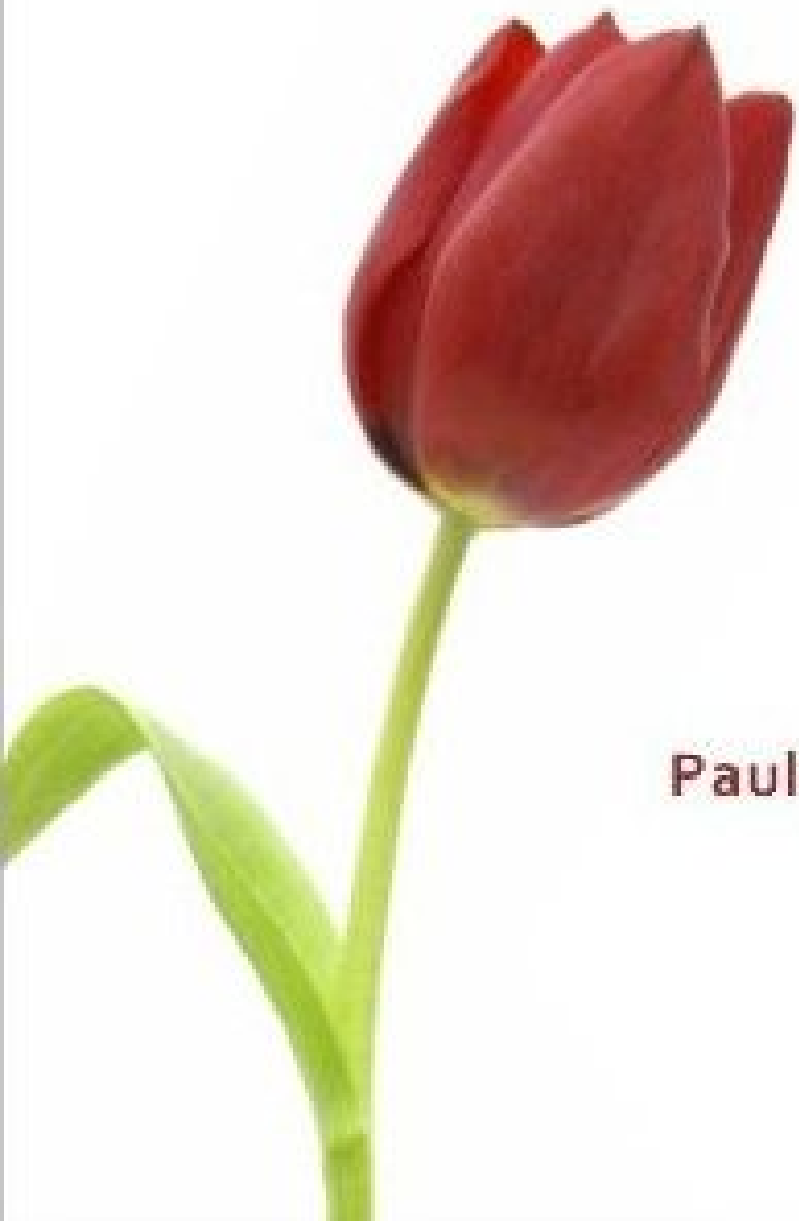
CALVINISMO

AS ANTIGAS DOUTRINAS DA GRAÇA

Edição Revisada



Paulo Anglada

Calvinismo

As Antigas Doutrinas da Graça

Paulo Anglada

EDITORA
OS PURITANOS

1ª Edição - Junho de 1996 - 2.000 exemplares
2ª Edição - Abril de 2000 - 2.000 exemplares

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, sem autorização por escrito dos editores, exceto citações em resenhas.

Revisão:
Alaíde Chaves Bemerguy

Capa:
Heraldo Ferreira de Almeida

Edição:
Editora Os Puritanos
Telefax: (011) 6957-3148
Site: www.puritanos.com.br
e-mail: facioligrafic@osite.com.br

Impressão:
Facioli Gráfica e Editora Ltda
Telefax: (011) 6957-5111

PREFÁCIO

Estes estudos sobre o *Calvinismo: As Antigas Doutrinas da Graça*, foram inicialmente proferidos na escola dominical e cultos, durante dez domingos consecutivos no ano de 1992, na igreja que pastoreio: a Igreja Presbiteriana Central do Pará.

As referências freqüentes a Spurgeon, o Príncipe dos Pregadores, têm uma explicação muito simples: estes estudos sobre o calvinismo foram imediatamente precedidos e inspirados por outros, também ministrados na referida igreja, sobre *Spurgeon e o Evangelicalismo Moderno*.

Por estímulo — e até mesmo insistência — de um amado irmão, o Presbítero Manoel Canuto, da Primeira Igreja Presbiteriana de Recife, um dos dirigentes do *Projeto Os Puritanos*, o qual leu as anotações originais, estas notas foram organizadas, corrigidas e colocadas em forma impressa. A este amado irmão, a minha gratidão.

Sou grato também a minha esposa, Layse, e aos irmãos em Cristo Emir e Alayde Bemerguy, os quais revisaram estes escritos.

Na medida do possível, as citações de outros autores foram identificadas em breves notas de rodapé. A bibliografia no final do livro relaciona as obras diretamente citadas e outras também utilizadas pelo autor, quando da preparação desse estudo. Entre estas, as obras de Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination*; de Owen, *Por Quem Cristo Morreu?*; e de Paker, *O "Antigo" Evangelho*, foram empregadas com maior freqüência. Muito do que aqui está escrito deve-se a estas obras em particular. As confissões de fé reformadas também foram bastante consultadas e citadas.

Mas certamente são nas Escrituras, que a essência desse trabalho se fundamenta. Creio que o conteúdo desse trabalho reflete com fidelidade e equilíbrio o ensino bíblico sobre o assunto.

Que não obstante as imperfeições dessas anotações, elas possam ajudar os seus leitores a obterem uma melhor compreensão das antigas doutrinas da graça. Que venham a inspirar-lhes mais apreço e confiança na eficácia delas; e conferir às suas mentes e corações, mais da verdadeira e preciosa graça do nosso amado Deus e Pai do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

O propósito último destes estudos é o louvor da glória da Trindade Santa. "Àquele que está assentado no trono, e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos."

Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro lhe deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele e por meio dele e para ele são todas as cousas. A ele, pois a glória eternamente. Amém.[1]

Belém, 3 de Janeiro de 1995 *Paulo Anglada*

---

[1] Ap 5:13b e Rm 11:33-36.

ÍNDICE

PREFÁCIO iii

O QUE É CALVINISMO? 01
HISTÓRICO DOS 5 PONTOS DO CALVINISMO 03
OS 5 PONTOS DO ARMINIANISMO E DO CALVINISMO 04
DIFERENÇA DE ÊNFASE? NÃO, DE CONTEÚDO 08
A ESSÊNCIA DO CALVINISMO 11
QUAL A EXPLICAÇÃO PARA A DOUTRINA ARMINIANA? 15

DEPRAVAÇÃO TOTAL 17
ENSINO DAS CONFISSÕES REFORMADAS 18
O ENSINO BÍBLICO SOBRE A QUEDA E SUAS CONSEQÜÊNCIAS 20
UM MORTO ESTÁ ESPIRITUALMENTE INCAPAZ? 22
TERMOS BÍBLICOS PARA DESCREVER A CONVERSÃO 24
PIOR DO QUE MORTO 25
O LIVRE-ARBÍTRIO 26
OBJEÇÕES 28
CONCLUSÃO 29

ELEIÇÃO INCONDICIONAL 32
ENSINO DAS CONFISSÕES REFORMADAS 32
ENSINO BÍBLICO SOBRE A ELEIÇÃO 35
VÁRIOS TIPOS DE ELEIÇÃO 36
CONDICIONAL OU INCONDICIONAL? 38
LUGAR DO ARREPENDIMENTO E FÉ 42
OBJEÇÕES 44

EXPIAÇÃO LIMITADA 49
ENSINO DAS CONFISSÕES REFORMADAS 50
O QUE É EXPIAÇÃO? 53
INFERÊNCIA LÓGICA 53
EXTENSÃO DA EXPIAÇÃO 55
O PROPÓSITO E RESULTADO DA EXPIAÇÃO 58
OBJEÇÕES 59
CONCLUSÃO 66

GRAÇA EFICAZ 68
ENSINO DAS CONFISSÕES REFORMADAS 69
A DOUTRINA ARMINIANA 71

GRAÇA COMUM E GRAÇA ESPECIAL 73
O ENSINO BÍBLICO 74
OBJEÇÃO 81
CONCLUSÃO 82

PERSEVERANÇA DOS SANTOS 84
ENSINO DAS CONFISSÕES DE FÉ REFORMADAS 85
INFERÊNCIA LÓGICA 86
EVIDÊNCIAS BÍBLICAS DA DOUTRINA 89
PECAR? É POSSÍVEL; APOSTATAR? NUNCA 92
OBJEÇÕES 93
CONCLUSÃO 99

CALVINISMO E EVANGELISMO 101
O EVANGELISMO MODERNO 102
CARACTERÍSTICAS DO EVANGELISMO ARMINIANO 104
O CALVINISTA EVANGELIZA? 108
A EVANGELISMO CALVINISTA 111
A PREGAÇÃO EVANGELÍSTICA CALVINISTA 114
CONCLUSÃO 117

CALVINISMO E VIDA CRISTÃ 118
SEGURANÇA DE SALVAÇÃO 120
CONFORTO NAS PROVAÇÕES 122
HUMILDADE 125
OUSADIA E CORAGEM 129
TOLERÂNCIA PARA COM CRENTES E DESCRENTES 134
SENTIMENTO MAIS PROFUNDO DE GRATIDÃO 139
OUTRAS IMPLICAÇÕES PRÁTICAS DO CALVINISMO 141

CONCLUSÃO 145

BIBLIOGRAFIA 149

O QUE É CALVINISMO?

Há exatamente um século, mais precisamente no dia 31 de janeiro de 1892, faleceu Charles Spurgeon, o Príncipe dos Pregadores, um dos maiores conquistadores de almas que o mundo já viu e ouviu. O que ele pregava? Que ele mesmo responda: "A velha verdade que Calvino pregava, que Agostinho pregava, que Paulo pregava, é a verdade que tenho que pregar hoje, ou do contrário, serei falso para com a minha consciência e para com o meu Deus... O evangelho de John Knox é o meu evangelho."[2] "Meu labor diário é reavivar as velhas doutrinas de Gill, Owen, Calvino, Agostinho e Cristo."[3]

Conforme observou um contemporâneo do grande pregador,[4] Spurgeon viveu em uma época em que prevalecia uma evidente aversão e desagrado para com o calvinismo. Em uma época em que "muitos estavam unidos em afirmar que a teologia de Spurgeon era desapropriada para as necessidades e espírito dos tempos modernos."[5] Ainda assim, o pregador mais conhecido do século passado, não hesitava em declarar que não concebia pregação do evangelho que não fosse calvinista:

> Minha opinião pessoal é que não há pregação de Cristo e este crucificado, a menos que se pregue aquilo que atualmente se chama Calvinismo. É cognome chamar isso de Calvinismo; pois Calvinismo é o evangelho e nada mais. Não creio que possamos pregar o evangelho... a menos que preguemos a soberania de Deus em sua dispensação

---

[2] C. H. Spurgeon, *The Early Years*, p. 162.

[3] Em um carta publicada no dia 17 de janeiro de 1963 em *The Baptist Times*.

[4] Em *The Christian World*, fevereiro de 1888.

[5] I. Murray, *The Forgotten Spurgeon*, p. 183.

da graça; e também a menos que exaltemos o amor eletivo, imutável, eterno, inalterável e conquistador de Jeová; como também não penso que podemos pregar o evangelho, a menos que o alicercemos sobre a redenção especial e particular do seu povo eleito e escolhido, que Cristo realizou na cruz; e também não posso compreender um evangelho que permite que os santos apostatem depois de haverem sido chamados.[6]

O que é Calvinismo? Que sistema doutrinário é este que ficou conhecido pelo nome do grande reformador francês do século XVI? Qual a sua essência? Quais as suas afirmativas principais? Quais as objeções feitas a ele? Qual a sua história? Faz justiça à revelação bíblica? Estas são as questões que procuraremos responder neste breve estudo.

O termo empregado para identificar as doutrinas a que Spurgeon se refere não é tão apropriado. Não por não corresponder às doutrinas ensinadas por João Calvino, mas porque, na verdade, essas doutrinas não são subscritas apenas por ele. O calvinismo é a síntese das doutrinas dos reformadores; que por sua vez, é a redescoberta da pregação apostólica do evangelho bíblico; e também é confessada na maioria das confissões de fé protestantes. O calvinismo, portanto, são as antigas doutrinas da graça. As confissões de fé das igrejas Luterana, Reformada, Presbiteriana, Anglicana, Congregacional e Batista professam, todas elas, pelo menos nas suas confissões de fé originais, o sistema doutrinário conhecido como calvinismo.

O evangelho, conforme crido e proclamado pelo calvinismo, é o evangelho do Senhor Jesus, do apóstolo Paulo, de Agostinho, de Lutero, de Calvino, de Tyndale, de Latimer, de John Knox, de Parkins, de Rutherford, de John Bunyan, de Owen, de Charnock, de Thomas Goodwin, de Flavel, de Watson, de Henry, de Watts, de Jonathan Edwards, de Whitefield, de Newton, de Toplady, de Daniel Rowlands, de Spurgeon, de Ryle, de Lloyd-Jones, de Packer, e de milhares que engrossam a nuvem de testemunhas dos mais fiéis, piedosos e operosos servos de Deus. Podemos estar certos de que

---

[6] C. H. Spurgeon, *Spurgeon's Autobiography*, vol. I, p. 172 .

aqueles que professam o calvinismo estão na mais excelente companhia.

Com a palavra novamente o nosso irmão Spurgeon. Pregando sobre a eleição, uma das doutrinas chaves do calvinismo, ele disse:

> Não estou pregando aqui nenhuma novidade; nenhuma doutrina nova. Gosto imensamente de proclamar essas antigas e vigorosas doutrinas que são conhecidas pelo cognome de Calvinismo, e que, por certo e verdadeiramente, são a verdade de Deus, a qual nos foi revelada em Jesus Cristo. Por meio dessa verdade da eleição, faço uma peregrinação ao passado, e, enquanto prossigo, contemplo pai após pai da Igreja, confessor após confessor, mártir após mártir levantarem-se e virem apertar minha mão. Se eu fosse um defensor do pelagianismo, ou acreditasse na doutrina do livre-arbítrio humano, então eu teria de prosseguir sozinho por séculos e mais séculos em minha peregrinação ao passado. Aqui e acolá algum herege, de caráter não muito honrado, talvez se levantasse e me chamasse de irmão. Entretanto, aceitando como aceito essas realidades espirituais como padrão da minha fé, contemplo a pátria dos antigos crentes povoada por numerosíssimos irmãos; posso contemplar multidões que professam as mesmas verdades que defendo.[7]

HISTÓRICO DOS 5 PONTOS DO CALVINISMO

A doutrina calvinista tornou-se mais amplamente conhecida pelo que se convencionou chamar de *os cinco pontos do calvinismo*. Em que circunstâncias esta síntese das doutrinas reformadas foram estabelecidas?

No final do século XVI, a estrita moral e a teologia precisa do calvinismo de Genebra suscitaram reação por parte de alguns eruditos na Holanda, "onde as tradições humanistas não haviam morrido e o anabatismo estava bastante difundido."[8] Avessos a definições doutrinárias precisas, essa corrente de pensamento tornou-se conhecida através do seu representante mais famoso, um professor da Universidade de Leyden, de nome Jacó Arminius (1560-1609), que

---

[7] C. H. Spurgeon, *Eleição*, p. 7-8.
[8] W. Walker, *História da Igreja Cristã*, p. 540.

questionou algumas das doutrinas centrais amplamente aceitas então, pelas igrejas protestantes.

Com a morte de Arminius, seus discípulos sistematizaram e desenvolveram suas doutrinas, em oposição à precisão doutrinária buscada na época, por considerarem, como coloca Walker, "o cristianismo primeiramente uma força de transformação moral."[9] Em 1610, cerca de quarenta simpatizantes das idéias de Arminius redigiram uma declaração de fé conhecida como *The Remonstrance* (A Representação). A Representação foi condenada por um sínodo nacional, o Sínodo de Dort, com representantes não só dos Países Baixos, mas também de outros países, como a Inglaterra e Suíça, que se reuniram durante seis meses, de novembro de 1618 a maio de 1619.

Os assim chamados *Cinco Pontos do Calvinismo* são a síntese da doutrina reformada, formulada em contraposição ao que podemos chamar de *Cinco Pontos do Arminianismo*, condenados pelo Sínodo de Dort. É neste contexto que esta síntese da doutrina reformada precisa ser entendida.

OS 5 PONTOS DO ARMINIANISMO E DO CALVINISMO

Qual foi a síntese da declaração de fé arminiana, e a síntese da doutrina reformada que ficou conhecida como os cinco pontos do calvinismo? Em outras palavras, quais foram as doutrinas reformadas que os arminianos queriam alterar, mas que foram confirmadas no Sínodo de Dort?

1. Uma das doutrinas fundamentais questionadas, foi a *doutrina da queda*. Mais especificamente, a natureza da corrupção que a queda produziu no coração do homem. Até onde o pecado corrompeu a vontade humana no que diz respeito à salvação? O arminianismo defende o livre-arbítrio ou a capacidade humana. Segundo eles, o homem em seu estado natural tem, em si mesmo, a capacidade para responder negativa ou positivamente ao evangelho. A queda não o deixou totalmente incapacitado para escolher no que diz respeito às

---

[9] W. Walker, *História da Igreja Cristã*, p. 541.

questões espirituais. Ainda em estado de pecado, sem uma operação prévia do Espírito Santo, ele pode cooperar, com a fé e o arrependimento. A corrupção espiritual produzida pela queda, portanto, para os arminianos, foi apenas parcial.

O calvinismo entende o oposto. Entende que, depois da queda, o homem não tem mais livre-arbítrio. Ele continua responsável, pois o estado de pecado em que se encontra foi decorrente da sua livre decisão no Éden. Mas agora, em estado de pecado, a vontade do homem foi escravizada pelo pecado que o cegou, impedindo-o de discernir e conseqüentemente decidir positivamente, por si mesmo, em questões espirituais vitais para a salvação. Entende que a corrupção espiritual produzida pela queda foi tal que, espiritualmente falando, o homem está morto nos seus delitos e pecados. Assim, para o calvinista, o homem não precisa apenas de justificação, mas de vivificação; ele precisa ser primeiro regenerado pelo Espírito Santo de Deus, para que então, só então, possa ser convencido do pecado e se arrependa, e seja iluminado para crer no evangelho da salvação. Para os calvinistas, a queda foi realmente uma queda e não um tropeço, ou um escorregão sem maiores conseqüências.

2. Outra doutrina rejeitada pelos arminianos, foi a *doutrina da eleição*. O arminianismo crê na eleição condicional; na eleição baseada na presciência de Deus. Crê que Deus, antes da fundação do mundo, escolheu aqueles a quem anteviu que se arrependeriam e creriam no evangelho. Trata-se, portanto, de uma eleição condicional — a condição é o arrependimento e a fé. Ou seja, Deus elege aqueles a quem previu que o elegeriam.

O calvinismo, por sua vez, crê na eleição incondicional. Crê que a escolha de alguns homens para a santidade e para a vida não se baseia em nenhum mérito ou virtude humana, nem mesmo na fé ou no arrependimento; mas unicamente no amor e na misericórdia de Deus como expressão da sua livre e soberana vontade. Para os calvinistas, a fé e o arrependimento não são condição, mas resultado da eleição, o meio que Deus escolhe para aplicar a salvação aos eleitos. Deus não elege porque antevê arrependimento e fé; Ele produz arrependimento e fé porque elegeu.

3. Outro item da representação arminiana, dizia respeito à *doutrina da expiação*. As Escrituras afirmam que Cristo nos resgatou do pecado morrendo na cruz em nosso lugar; o justo pelo injusto. Pois bem, por quem Cristo morreu? O arminiano crê na expiação geral (na redenção universal). Ou seja, que Cristo morreu na cruz por todos os seres humanos indistintamente. Crê que a expiação de Cristo não foi individual, mas potencial. Cristo não morreu na cruz em substituição a cada um dos eleitos individualmente, mas de modo geral, por toda a raça humana, permitindo, assim, que Deus perdoasse os pecados daqueles que viessem a crer nele. Desse modo, a doutrina arminiana da expiação apenas tornou possível a salvação de todos, mas não assegurou a salvação de ninguém.

Já o calvinismo crê na expiação limitada de Cristo. Isto não quer dizer que a expiação de Cristo não seja suficiente para a salvação do mundo inteiro; mas que foi eficiente apenas para a salvação dos eleitos, pois este foi o seu propósito. Ou seja, Cristo morreu na cruz, não apenas potencialmente, mas em substituição verdadeira e individual aos eleitos. O calvinismo não entende que Cristo veio ao mundo apenas para possibilitar a redenção (de todos), mas para efetivamente redimir (os eleitos) através da sua morte vicária e expiatória na cruz. A expiação não é potencial e geral, mas objetiva e pessoal.

4. O item seguinte da representação arminiana era com relação à *doutrina da graça*; a natureza da graça de Deus em alcançar os pecadores; a eficácia do chamado de Deus; a soberania do Espírito Santo na aplicação da obra da redenção. O arminianismo crê na graça resistível. Ou seja, que depende do pecador permitir que a graça de Deus o alcance, ou resistir a ela. Crê que a aplicação da redenção ao coração dos pecadores não é obra soberana do Espírito Santo, mas depende da vontade livre do homem que pode submeter-se ou resistir à graça de Deus. Os redimidos não serão aqueles a quem Deus eficazmente chamou, mas aqueles que decidem aceitar o apelo geral e indistinto do Espírito.

Os calvinistas crêem na graça irresistível; na soberania de Deus em aplicar a redenção no coração dos eleitos; no chamado eficaz de Deus para a salvação. Os calvinistas crêem que o que faz alguns

submeterem-se e outros rejeitarem a vontade de Deus, em última instância, é a graça irresistível de Deus em chamar eficazmente os eleitos para a salvação. Crêem que a ação de Deus no coração dos seus eleitos não poderá ser eficazmente resistida; isso não quer dizer que os pecadores serão convertidos à força, mas que suas vontades serão eficazmente convencidas; serão levados ao arrependimento e crerão no evangelho, de modo que acabarão respondendo positivamente ao chamado do Espírito Santo. Os calvinistas crêem que a ação do Espírito Santo no coração dos eleitos é invencível; que a graça de Deus para com eles é irresistível; e que os propósitos de Deus na eleição e a obra de Cristo na expiação serão efetivamente aplicados pelo Espírito Santo. Em outras palavras, os calvinistas crêem que a quem Deus elegeu, a estes também chamou, e a estes também justificou. Crêem que não há eleito que não seja chamado; e que não há chamado que não seja justificado.

5. O quinto e último ponto da doutrina calvinista atacado pelos arminianos relacionava-se com a *doutrina da salvação.* Ou melhor, com a perseverança na salvação; a durabilidade, certeza, consumação, ou eternidade da salvação. Os arminianos crêem na instabilidade da salvação; que a salvação pode durar, ou não, dependendo da própria determinação humana. É coerente. Se a salvação para eles depende do livre-arbítrio, é de se esperar que a glorificação também dependa da determinação da vontade humana. Assim, crêem que o salvo pode cair da graça, pode efetiva e definitivamente apartar-se da graça de Deus, se não permanecer na fé. Em outras palavras, para os arminianos é possível ser salvo hoje, e amanhã não. Eles crêem na regeneração e na "desregeneração".

Os calvinistas ensinam o oposto: a perseverança dos santos. Ensinam que a mesma graça de Deus que os salvou, agirá eficazmente nas suas vidas, de modo que não poderão cair total e finalmente da graça de Deus. O calvinista crê que a justificação, a regeneração e a adoção são obras irreversíveis; que já não pode mais haver condenação para os que estão em Cristo Jesus. Crê que, visto que Deus começou a obra, haverá de completá-la; e que não há justificado que não será glorificado. Isso não quer dizer, entretanto, que o salvo não mais cometa pecado; mas que Deus, sendo fiel, não

permitirá que seus eleitos sejam tentados além das suas forças e que lhes concederá o auxílio necessário a fim de possam resistir às tentações, e não venham jamais a se apartar definitivamente da graça de Deus.

DIFERENÇA DE ÊNFASE? NÃO, DE CONTEÚDO.

Esses cinco pontos da doutrina calvinista, formulados em contrapartida às posições arminianas, representam fielmente a posição reformada histórica. Deve-se dizer, entretanto, que o calvinismo não se limita a estas doutrinas. O calvinismo é um sistema doutrinário bem mais amplo, harmônico, sistemático e, conseqüentemente, mais sólido. É um sistema de doutrinas fundamentado nos princípios exegéticos mais sadios e aprovados pelo tempo. O calvinismo fundamenta-se nas doutrinas da inspiração verbal, da inerrância, da suficiência e da autoridade final e absoluta das Escrituras como regra de fé e prática. O calvinismo é um sistema doutrinário que coloca o Deus eterno à frente de todas as coisas, e que contempla a tudo em relação com a glória de Deus.[10] O calvinismo está interessado em reconhecer plenamente a majestade, soberania, independência, onisciência, onipotência, onipresença, santidade, fidelidade, justiça, bondade, longanimidade, amor, misericórdia e demais atributos de Deus, tributando-lhe toda virtude, honra, glória, louvor e adoração só a Ele devidos. John Wesley reconheceu a ênfase calvinista, quando afirmou, com relação a Whitefield, por ocasião do seu funeral: "Seu ponto fundamental era dar a Deus toda a glória de tudo o que de bom pode haver no homem. No que diz respeito à salvação, ele colocou Cristo o mais alto possível e o homem o mais baixo."[11]

A diferença entre o calvinismo e o arminianismo é ainda mais profunda do que pode parecer à primeira vista. Não é simplesmente questão de ênfase, mas de conteúdo. O calvinismo crê em um Deus que realmente salva; enquanto que o arminianismo crê em um Deus que possibilita que o homem se salve. O calvinista crê em um Deus Pai que elege de fato; o arminiano crê em um Deus Pai que apenas

---

[10] C. H. Spurgeon, *Um Ministério Ideal*, vol 2, p. 84.

[11] J. C. Ryle, *John Wesley. Líderes Evangélicos do Século XVIII*, p. 29.

ratifica a eleição que os homens farão. O calvinista crê em um Redentor que objetivamente redime; o arminiano crê em um Redentor em potencial, que apenas viabiliza a redenção do mundo. O calvinista crê em um Espírito Santo que chama soberana e eficazmente indivíduos; o arminiano crê em um Espírito Santo que apenas 'persuade moralmente', mas que pode ser resistido.

A discrepância, portanto, não é meramente adjetiva, mas substantiva. Ou seja, o problema não está em que ambos creiam que as doutrinas da queda, eleição, expiação, graça e salvação têm a mesma natureza, diferindo apenas na extensão. A dificuldade não está na queda ser maior ou menor; na eleição ser condicional ou incondicional; na expiação ser limitada ou ilimitada; na graça ser resistível ou irresistível; ou na salvação ser estável (segura) ou instável (insegura). O problema maior não está na extensão, mas na natureza dessas doutrinas. O problema real é que, conforme entendemos, no arminianismo a queda não é queda; a eleição não é eleição; a expiação não é expiação; a graça não é graça; e a salvação não é salvação. Ou seja, estas doutrinas, conforme enunciadas pelo arminianismo, não correspondem às doutrinas que cremos com esses nomes.

A Queda, segundo os arminianos, produziu escoriações e ferimentos espirituais sérios no homem, deixou-o ferido ao ponto de precisar ser levado para o hospital. Quem sabe, até se lhe quebraram alguns ossos e alguns de seus órgãos espirituais importantes foram afetados. Não obstante, na verdade, para os arminianos, a queda não passou de um acidente. Para os calvinistas, entretanto, a queda não foi um acidente; foi uma tragédia tão grave que inutilizou espiritualmente o homem. Mais que isso, foi uma precipitação em um abismo tão profundo, que resultou em nada menos que a morte. O homem espatifou-se espiritualmente; suas entranhas espirituais se despedaçaram, morrendo instantaneamente. A diferença entre um ferido e um morto não é apenas questão de ênfase!

A Eleição, para os arminianos, não é um ato livre do Deus que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade livre e soberana; é, sim, uma resolução de receber aqueles que, conforme o conselho de suas vontades livres e soberanas, vierem a Deus.

"Enquanto o arminiano diz: 'Devo minha eleição à minha fé', o calvinista diz: 'Devo a minha fé à minha eleição.'"[12] Decididamente não estamos falando da mesma coisa.

A Expiação. Para os arminianos, a obra da redenção realizada por Cristo na cruz tem por objetivo apenas satisfazer a justiça de Deus e remover, potencialmente, o pecado do mundo, que era um obstáculo para a redenção do homem. A redenção não redime ninguém, mas apenas permite que os homens sejam redimidos pela fé em Cristo. Nenhum arminiano pode dizer: "Quando Cristo morreu na cruz do Calvário, ele morreu por mim, em meu lugar, pagando os meus pecados individuais". Quando dizem que Cristo morreu por todos, na verdade, estão dizendo que Cristo não morreu por ninguém especificamente. "Enquanto os arminianos dizem: 'Eu não poderia ter obtido a minha salvação sem o Calvário', os calvinistas asseveram: 'Cristo obteve para mim a minha salvação no Calvário.'"[13] A diferença entre esses conceitos não é apenas de ênfase, mas de conteúdo. Na expiação arminiana, Cristo é apenas o instrumento, o meio, mas não o autor da nossa salvação.

Com relação *à graça salvadora*, para os arminianos, ela não passa de uma 'persuasão moral', de uma influência geral do Espírito Santo, pela qual as verdades divinas passam a ser compreendidas e o homem é convencido do pecado. Para os calvinistas, entretanto, a graça de Deus na salvação vai muito mais além do que iluminar e convencer o homem do pecado; ela tem poder regenerador; ela transforma o homem em nova criatura. Os calvinistas definem a graça de Deus como um favor real, verdadeiro e totalmente imerecido, independente das qualificações do objeto. Ela não é passiva, mas age ativamente no homem, de modo que, atuando na sua mente, sentimento e vontade, vence a sua resistência pecaminosa.

Quanto *à salvação,* o conceito que os arminianos têm é também diferente do conceito calvinista. É por isso que acreditam que o salvo pode perder a salvação. É coerente. Se a queda não corrompeu totalmente a vontade humana, de modo que a expiação, a eleição e a

---

[12] J. I. Paker, *O "Antigo" Evangelho*, p. 11.
[13] *Ibid*, p. 12.

graça de Deus dependem da decisão humana, é natural que a salvação, para os arminianos, seja instável, e que a perseverança do salvo neste estado também dependa da sua vontade. Mas, se a vontade de Adão, mesmo em estado de inocência, não foi suficientemente firme para sustentá-lo nesse estado, que dizer da vontade corrompida do homem em estado de pecado? O conceito de salvação dos calvinistas também é coerente. Crendo que a vontade do homem corrompeu-se totalmente, e que a eleição, expiação e chamado do Espírito Santo são obras da pura graça de Deus, fundamentada apenas no seu amor soberano, o calvinista assegura que a salvação é eterna; que Deus não muda nos seus propósitos, e que glorificará todos os seus eleitos.

A ESSÊNCIA DO CALVINISMO

Já vimos o que é o calvinismo, um histórico dos cinco pontos fundamentais do calvinismo, um resumo dos enunciados desses pontos, e que a diferença entre o calvinismo e o arminianismo não é mera questão de ênfase, mas de conteúdo. Há diferenças concretas, reais, substanciais e significativas entre esses dois sistemas doutrinários.

Mas qual a essência do calvinismo? Qual a verdade, ou verdades que o calvinismo quer destacar com este sistema doutrinário? São duas as verdades, em dois departamentos da teologia sistemática: a Antropologia e a Teologia propriamente dita. Todo o sistema teológico conhecido como calvinismo é o resultado natural, lógico e bíblico de duas doutrinas básicas fundamentais: a queda do homem e a soberania de Deus; a corrupção da natureza humana e a vontade livre e soberana de Deus; o castigo divino prometido para o pecado, em Gn 2:17: "No dia em que dela comeres, certamente morrerás" (reconhecido nas palavras do apóstolo Paulo quando afirma que o não convertido está morto nos seus delitos e pecados); e a afirmativa inequívoca, também de Paulo, que Deus faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade. Se estas duas doutrinas são verdadeiras — e não há como negá-las biblicamente — então não se pode concluir outra coisa senão que Jesus é o Autor e Consumador da fé; não o homem.

O fundamento da doutrina calvinista está na afirmativa bíblica fundamental e literalmente verdadeira, que *Deus salva pecadores*, como coloca Paker.[14] A salvação de pecadores (totalmente corrompidos) é obra exclusiva de Deus. É o Deus Pai, Filho e Espírito Santo quem salva, quem redime, quem expia. A vontade é de Deus (o Pai), a redenção é do Filho, e a aplicação é do Espírito Santo. Colocando de outro modo: é Deus quem vivifica mortos. A competência e poder para vivificar mortos é de Deus. A natureza do estado espiritual do homem (morto) e o caráter soberano de Deus são os fundamentos da doutrina calvinista.

A essência do calvinismo está, portanto, na doutrina bíblica do eterno, imutável, soberano, incondicional e eficaz propósito de Deus. Os atributos divinos da independência, imutabilidade, onisciência, onipotência e eternidade, e o claro e abundante ensino bíblico sobre a vontade eterna e soberana de Deus não permitem que o calvinista creia em um Deus sujeito a contingências temporais; em um Deus que seja tomado de surpresa, ou que qualquer coisa no tempo ou na eternidade aconteça à parte da sua vontade. O calvinista crê, juntamente com o autor da Epístola aos Hebreus, em um Deus imutável em seus propósitos (Hb 6:17); crê, assim como Tiago, em um Deus "em quem não pode haver variação ou sombra de mudanças" (Tg 1:17). O calvinista exclama com Jó: "...se ele resolveu alguma coisa, quem o pode dissuadir? O que ele deseja, isso fará" (Jó 23:13). O calvinista afirma com o salmista: "O conselho do Senhor dura para sempre, os desígnios do seu coração, por todas as gerações" (Sl 33:11). A conclusão do calvinista é a conclusão do apóstolo Paulo: "...é Deus quem opera em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2:13). A vontade soberana, livre, imutável de Deus é a premissa fundamental do calvinismo. Tudo gira em torno dessa verdade bíblica.

E quanto ao arrependimento e à fé? Os calvinistas crêem no arrependimento e fé como meios indispensáveis para que a obra de Cristo venha a ser aplicada no homem (pelo menos nos que têm condições mentais para tal). "Arrependei-vos e crede no evangelho"

---

[14] J. I. Paker, *O "Antigo" Evangelho*, p. 9.

é um sumário da exortação bíblica para o homem. Mas o que leva alguns dentre os pecadores, escravos do pecado e cegos por causa do pecado, a arrependerem-se e crerem na Palavra da verdade? A Bíblia afirma que o homem "está morto em seus delitos e pecados". Quem toma a iniciativa? A vontade de Deus é condicionada pela vontade do homem, ou a vontade do homem é condicionada pela vontade de Deus? Essa é a questão.

O *pelagianismo* não hesita em responder: o homem aceita a Cristo porque escolheu fazer isso. A vontade humana desassistida é a base da sua salvação. Ou seja, tudo depende do homem. Mas o pelagianismo não crê no pecado original, nem na graça divina, tendo sido rejeitado como heresia pela Igreja como um todo, na sua história.

O *semi-pelagianismo*, por sua vez, embora reconheça a enfermidade moral do homem, diz que este deve fazer o primeiro movimento em direção a Deus, com suas próprias forças; após o que, vendo a sinceridade de seus esforços, Deus cooperará com sua graça, recompensando seus esforços. Ou seja, o homem dá o primeiro passo.

A doutrina *arminiana*, reconhecendo a pecaminosidade do homem em decorrência da queda, admite que ele, por si só, é incapaz de arrepender-se e crer, mas crê que Deus concede sua graça indistintamente sobre todos, habilitando-os a cooperarem para que a graça que lhe foi concedida seja efetiva ou não. Tudo depende da cooperação do homem.

O *luteranismo moderno*, por outro lado, afirma que o homem está morto, e que, como tal, não pode sequer cooperar com a graça de Deus; entretanto, sustenta que pode resistir a ela. Assim, para o luterano, o crente pode ser definido como um não-resistente e o descrente como um resistente à graça de Deus. De qualquer modo, a base da diferença entre um e outro ainda está no homem. Tudo depende da resistência humana.

Já *o calvinismo*, no que diz respeito à salvação, atribui tudo à graça de Deus. Morto nos seus delitos e pecados, o homem não pode tomar a iniciativa em direção a Deus, nem cooperar, nem resistir à

eficácia do chamado divino. Todos os predestinados para a adoção de filhos serão eficazmente chamados; todos os chamados crerão (pois até a fé é dom de Deus); todos os que crêem serão justificados, os justificados, santificados; e todos glorificados. Para o calvinista, portanto, Deus opera a redenção de quem quer, e rejeita a quem quer, independentemente da vontade do homem. A vontade de Deus não depende da vontade do homem, mas a vontade do homem, sim, depende da vontade de Deus. Não é a fé que exercemos que determina a eleição; é a eleição que predetermina (predestina) a fé. Para o calvinista, portanto, tudo depende de Deus.[15]

Mas, paralelamente a isso (e sem detrimento algum dessas afirmativas), o calvinista afirma também que, embora a redenção dependa exclusivamente da vontade livre e soberana de Deus, Ele a opera de tal modo que a vontade do homem não é violada. Ou seja, as criaturas morais envolvidas continuam livres nas suas decisões, e, por conseguinte, responsáveis pelos seus atos. Deus age através de meios. "O seu modo de operar com relação à graça é semelhante ao seu modo de agir com relação à natureza. Portanto, Ele normalmente enraíza e fortalece aqueles a quem quer que permaneçam inabaláveis."[16] O calvinista não crê que o homem é convertido à força, contrário à sua vontade; mas que a vontade do homem, naturalmente inabilitada, é vivificada e persuadida pela ação do Espírito Santo de Deus. O calvinista admite que "grande é este mistério", incompreensível à mente humana limitada; mas afirma que esta é a revelação bíblica, e portanto, crê nela.

A essência do calvinismo, e que o diferencia por um lado do hipercalvinismo, e por outro do arminianismo (deturpações da verdadeira doutrina da graça), é que o calvinismo leva cativo seus pensamentos às doutrinas da soberania de Deus e da responsabilidade humana, reconhecendo que o raciocínio humano é insuficiente e incapaz quando aplicado às verdades divinas reveladas, mas não explicadas e que são aparentemente contraditórias. "Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?". Assim, o calvinista crê que

---

[15] A. A. Hodge, *Evangelical Theology — Lectures on Doctrine*, p. 121-122.
[16] R. Baxter, *Directions for Weak Distempered Christians*, p. 658.

as Escrituras ensinam que o homem é responsável quanto a crer no evangelho, ao mesmo tempo em que, por causa do pecado, está totalmente inabilitado, por si mesmo, para tal. O calvinista prega que ninguém, senão os eleitos, podem ser salvos; ao mesmo tempo em que não hesita em convocá-los ao arrependimento. O calvinista defende que o homem está morto nos seus delitos e pecados, e que só a graça eficaz de Deus pode retirá-lo desse estado; ao mesmo tempo em que insta veementemente com os pecadores para que se submetam ao evangelho.

O calvinista não consegue conciliar plenamente estas revelações mas dobra-se diante de ambas, sem, contudo, confundir a responsabilidade humana com livre arbítrio, nem a soberania de Deus com determinismo.

QUAL A EXPLICAÇÃO PARA A DOUTRINA ARMINIANA?

Pontos de vista inadequados. A nossa compreensão de qualquer coisa, depende do nosso ponto de vista, do ângulo em que olhamos as coisas. Enquanto a Terra era tida como o centro do universo, não se conseguia ver a ordem do sistema solar. No momento em que se passou a olhar o sistema solar tendo o Sol como centro, a ordem existente se revelou. As obras de Deus só podem ser melhor compreendidas, se olhadas do ponto de vista dos lugares celestiais. O ponto de vista humanista dos arminianos é totalmente inadequado para compreender a obra da redenção.

Má interpretação bíblica. Nós reconhecemos que há textos bíblicos que aparentemente contradizem outras afirmativas bíblicas. Mas as Escrituras não podem contradizer as Escrituras. Assim, as aparentes contradições devem ser esclarecidas pelo contexto. Além disso, textos mais obscuros têm que ser entendidos à luz de textos mais claros, e não o oposto. Afirmativas particulares têm que ser compreendidas à luz das verdades gerais. Estes são princípios fundamentais de interpretação bíblica às vezes ignorados pelos arminianos.

Desconsideração pela história da Igreja. Pode parecer piedade dizer: "para mim, bastam as Escrituras". Mas isso é tolice. Não é prudente (e pode até ser arrogância) desprezar o acervo teológico monumental que a história da Igreja nos legou — especialmente as obras produzidas nos períodos áureos, como nas reformas e reavivamentos religiosos. Além disso, não podemos esquecer que ainda temos uma natureza pecaminosa, que nos induz ao erro. É muito mais prudente averiguar nossas interpretações bíblicas com as interpretações de outros servos de Deus que viveram nesses períodos. O testemunho interno do Espírito Santo na Igreja como um todo, certamente não é um critério desprezível de averiguação de uma doutrina.

O arminianismo está de acordo com a natureza humana caída. As doutrinas arminianas harmonizam-se mais facilmente com a tendência pervertida do homem que não concebe submeter-se totalmente à vontade soberana de Deus. Neste sentido, a interpretação arminiana parece mais natural. Afinal, todos nascemos arminianos.

DEPRAVAÇÃO TOTAL

Como já vimos, a doutrina calvinista, ou melhor, as antigas doutrinas da graça, afirmam que, em decorrência da queda, o homem ficou totalmente inabilitado espiritualmente. Ou seja, ele não pode, por si mesmo, fazer nada para mudar o seu estado de pecado. A corrupção original impregnou de tal modo toda a natureza humana que alcançou seu espírito, mente, vontade, sentimentos e o próprio corpo, inabilitando-o a fazer qualquer coisa espiritualmente agradável a Deus. Em oposição aos arminianos, que defendem o livre-arbítrio afirmando que o homem natural tem em si mesmo a capacidade para responder positivamente ao evangelho, o calvinismo prega que o homem está cego para as realidades espirituais, que se tornou escravo do pecado, que está morto espiritualmente.

Assim se expressa o próprio Calvino, sobre o estado do homem em pecado:

> As Escrituras atestam que o homem é escravo do pecado; o que significa que seu espírito é tão estranho à justiça de Deus que não concebe, deseja, nem empreende coisa alguma que não seja má, perversa, iníqua e impura; pois o coração, completamente cheio do veneno do pecado, não pode produzir senão os frutos do pecado. Não pensemos, entretanto, que o homem peca como que impelido por uma necessidade incontrolável; pois peca com o consentimento de sua própria vontade continuamente e segundo sua inclinação. Mas, visto que, por causa da corrupção de seu coração, odeia profundamente a justiça de Deus; e, por outro lado, atrai para si toda sorte de maldade, por isso afirmamos que não tem o livre poder de eleger o bem ou o mal — que é o que chamamos livre-arbítrio.[17]

---

[17] J. Calvino, *Breve Instruccion Cristiana*, p. 13.

ENSINO DAS CONFISSÕES REFORMADAS

Quando mencionamos algumas das explicações para a doutrina arminiana, incluímos a tendência em desconsiderar (por ignorância ou deliberadamente) a história da Igreja, pois o calvinismo nada mais é do que a doutrina da Reforma. Vejamos o que afirmam as principais confissões de fé e catecismos reformados.

A *Confissão Escocesa*, cuja maior parte foi preparada por John Knox e aprovada como credo da Escócia em 17 de agosto de 1560, diz o seguinte:

> Por essa transgressão, geralmente conhecida como pecado original, a imagem de Deus foi totalmente deformada no homem, e ele e seus filhos se tornaram, por natureza, inimigos de Deus, escravos de Satanás e servos do pecado, de modo que a morte eterna tem tido e terá poder e domínio sobre todos os que não foram e não são regenerados do alto. Essa regeneração se realiza pelo poder do Espírito Santo, que cria nos corações dos escolhidos de Deus uma fé firme na promessa de Deus a nós revelada pela Palavra.[18]

A *Confissão de Fé dos Países Baixos*, uma das mais antigas confissões reformadas (1561), nos artigos 14 e 15, assim expressa a doutrina da depravação total:

> Cremos que o homem ...por causa do pecado, se separou de Deus que era a sua vida verdadeira; havendo pervertido toda a sua natureza; pelo que se fez culpado de morte física e espiritual. E havendo-se feito ímpio, perverso e corrompido em todos os seus caminhos, perdeu todos os excelentes dons que havia recebido de Deus, não restando deles senão pequenos resquícios, os quais são suficientes para privar o homem de toda desculpa; já que toda a luz que há em nós se tem transformado em trevas... Por isso, rechaçamos tudo o que contra isso se ensina sobre o livre-arbítrio do homem, visto que o homem não pode aceitar coisa alguma, exceto o que lhe é dado do céu. Pois, quem há que se glorie de poder fazer algo bom como de si mesmo, visto que Cristo disse: "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer" (Jo 6:44)... Porque não há entendimento, nem vontade conformes à vontade de Deus, se Cristo não tiver operado no homem...Cremos que, por causa da desobediência de Adão, o pecado

---

[18] Capítulo III.

> original se estendeu a toda a raça humana; o qual é uma depravação de toda a natureza... o pecado original é tão repugnante e abominável a Deus que é suficiente para condenar a raça humana.[19]

O *Catecismo de Heidelberg*, adotado na Alemanha em 1563, diz o seguinte:

> De onde vem, então, esta corrupção da natureza humana? Da queda e desobediência de nossos primeiros pais, Adão e Eva, no Jardim do Éden; pelo que a nossa vida humana foi de tal modo envenenada que todos nós somos concebidos em pecado. Mas somos nós de tal forma pervertidos que nos tornamos totalmente incapazes de praticar o bem e inclinados ao mal? Sim, se não nascermos de novo pelo Espírito de Deus.[20]

Na *Segunda Confissão Helvética*, lemos:

> Por pecado, entendemos a corrupção inata do homem que se comunicou ou propagou de nossos primeiros pais a todos nós, pela qual nós — mergulhados em más concupiscências, avessos a todo o bem, inclinados a todo o mal, cheios de toda impiedade, de descrenças, de desprezo e de ódio a Deus — nada de bom podemos fazer... Importa considerar qual se tornou o homem depois da queda. Sem dúvida, seu entendimento não lhe foi retirado, nem foi ele privado de vontade, nem foi transformado inteiramente numa pedra ou árvore; mas seu entendimento e sua vontade foram de tal sorte alterados e enfraquecidos que não pode fazer o que podia antes da queda. O entendimento se obscureceu, e a vontade, que era livre, tornou-se uma vontade escrava. Agora, ela serve ao pecado, não involuntária, mas voluntariamente.[21]

A *Confissão de Fé de Westminster*, elaborada entre 1643 e 1649, diz o seguinte:

> Por este pecado [original] eles decaíram da sua retidão original e da comunhão com Deus, e assim se tornaram mortos em pecado e inteiramente corrompidos em todas as suas faculdades e partes do corpo e da alma. O homem caído em um estado de pecado perdeu totalmente o poder de vontade quanto a qualquer bem espiritual que acompanhe a

---

[19] *Creemos y Confesamos: Confesión de Fe de los Países Bajos*, p. 37-38.
[20] Perguntas 7 e 8
[21] Capítulos VIII e IX.

salvação, de sorte que um homem natural, inteiramente adverso ao bem e morto no pecado, é incapaz de, pelo seu próprio poder, converter-se ou mesmo preparar-se para isso.[22]

À luz dessas citações, não pode haver nenhuma dúvida que a doutrina calvinista da depravação total do homem é uma doutrina tipicamente reformada, e que o arminianismo não passa de um desvio do ensino reformado sobre a doutrina da queda.

O ENSINO BÍBLICO SOBRE A QUEDA E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

A pergunta que precisa ser respondida é a seguinte: Estas doutrinas, conhecidas como calvinistas, correspondem ao ensino bíblico? É isto o que as Escrituras revelam com relação ao homem em seu estado de pecado?

A Queda

O que as Escrituras têm a dizer sobre a queda? Afinal, foi ela que produziu o que os calvinistas chamam de depravação total. O que aconteceu no Éden? Uma simples desobediência sem maiores conseqüências? Não, foi um processo em que o pecado envolveu totalmente o ser de nossos primeiros pais. O intelecto foi tomado pela dúvida que produziu incredulidade, que gerou insubmissão, que por sua vez degenerou em rebeldia contra Deus. A vontade foi tomada pelo desejo pecaminoso de tornarem-se iguais a Deus. E os sentimentos só foram satisfeitos com o prazer carnal de comer do fruto proibido.

Como escreveu Berkhof, "a serpente foi um instrumento adequado de Satanás, porque é a personificação do pecado. Ela simboliza o pecado, em sua natureza sutil e enganosa, e em suas presas venenosas que matam o homem."[23]

---

[22] Capítulo VI, parágrafo II e capítulo IX, parágrafo III.
[23] L. Berkhof, *Teologia Sistematica*, p. 266-267.

O Resultado Imediato da Queda

Aconteceu conforme Deus havia advertido: "...da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2:17). E o homem morreu no dia em que comeu? Fisicamente não (só cerca de novecentos anos depois). Contudo, seja Deus verdadeiro e mentiroso todo o homem. Em que sentido, então, nossos primeiros pais morreram no dia da desobediência? Espiritualmente. Criados à imagem e semelhança de Deus, eles, antes, gozavam de comunhão com o Criador; depois, a perderam; foram separados de Deus que é a fonte da vida espiritual; foram expulsos do Paraíso, porque não podiam mais comer da árvore da vida, o símbolo da vida prometida no pacto de obras. Quem lançasse mão de uma árvore, não poderia lançar mão da outra. Eles escolheram a desobediência, a árvore do pecado. O resultado foi a morte espiritual, segundo a advertência de Deus.

Propagação para toda a Raça Humana

A morte espiritual, como resultado da queda, não se limita a nossos primeiros pais. A queda produziu neles uma natureza pecaminosa depravada hereditária. Quando o salmista diz "em pecado me concebeu minha mãe", é esta verdade que ele salienta. Porque nossos primeiros pais pecaram, somos concebidos em pecado; herdamos deles uma natureza depravada. O "gene" do pecado foi transmitido por eles a toda a raça humana, de modo que, "como está escrito: Não há justo, nem sequer um, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer" (Rm 3:10-12).

Mas não é só isso; as Escrituras também ensinam que Adão foi o cabeça representativo de todos os seus descendentes. Todos nós estávamos representados nele. Assim, o seu pecado é considerado nosso. Nele, todos somos culpados e condenados à morte espiritual. Deste modo, o homem já nasce espiritualmente morto. Em última instância, nós não somos condenados por causa dos nossos pecados, mas por causa do pecado original, a fonte de todos os nossos peca-

dos; não por causa das nossas ofensas individuais, mas pelo pecado de Adão.

O apóstolo Paulo explica exatamente isso em Romanos 5, quando afirma:

> ...por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte... (v.12); ...o julgamento derivou de uma só ofensa, para a condenação... (v.16); Se pela ofensa de um, e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo. Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida. Porque, como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de um só muitos se tornarão justos. (versos 17-19).

As Escrituras não deixam a menor dúvida quanto ao estado espiritual do homem não regenerado: está morto em seus delitos e pecados (F^e^ 2:1,5).

UM MORTO ESTÁ ESPIRITUALMENTE INCAPAZ?

O que as Escrituras querem dizer quando afirmam que o homem está espiritualmente morto? Não é, comparando com a morte física, que está espiritualmente incapaz, imobilizado, escravizado e cego, não podendo responder por si só ao evangelho?

Escravo do Pecado

O que Paulo quer dizer em Efésios 2, quando afirma que o homem está morto em seus delitos e pecados? Ele explica: o homem está sendo levado pelo curso deste mundo, conduzido pela força do rio, sem condição alguma de nadar contra a correnteza; está sendo impelido, dirigido pelo espírito que agora atua nos filhos da desobediência (2:2). Ele continua, no verso seguinte, explicando que o homem em estado de pecado não pode reagir contra as inclinações pecaminosas da carne; sua vontade é a vontade da carne e dos pensamentos; e esta é a condição de todos os que se encontram nesse estado (2:3).

O homem natural, por si mesmo, pode escolher o bem espiritual? Podia um escravo decidir: "Hoje não vou oferecer meu corpo para o trabalho, vou descansar na praia, vou passear no campo"? Nunca; um escravo é um cativo que tem sua vontade subjugada, que só lhe compete fazer a vontade do seu Senhor. "Em verdade, em verdade vos digo: todo o que comete pecado é escravo do pecado" (Jo 8:34); não é mais senhor do seu querer. Todos os homens naturais estão nos "laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele para cumprirem a sua vontade" (2 Tm 2:26). O ensino de Paulo em Romanos 6 é explícito: outrora éramos escravos do pecado, e por isso não podíamos fazer outra coisa, senão oferecer-lhe nossos membros para a escravidão da impureza e da maldade. E que resultado colhemos? Somente as coisas das quais agora nos envergonhamos, porque o fim delas é a morte. O salário do pecado é a morte. Mas, graças a Deus, fomos libertos do pecado e feitos servos da justiça (Rm 6:16-23).

Seus Sentidos Espirituais não Funcionam

Isto é, está cego, está surdo; sua mente está espiritualmente incapacitada; está impossibilitado de compreender verdades espirituais. Assim como os sentidos de um morto não podem mais responder aos estímulos, não levando mais nenhuma informação à sua mente, o mesmo acontece com o morto espiritual. Ele não enxerga verdades espirituais, não ouve a palavra da verdade, não sente a fragrância de vida, não sente o gosto dos alimentos espirituais mais apetitosos, e não responde aos estímulos do evangelho.

Que tipo de cooperação um morto pode dar? Como pode um morto espiritual cooperar para a sua vivificação? Como pode arrepender-se, como pode crer, se não ouve e nada vê?

Por que as pessoas ouvem o evangelho e não o compreendem? Por que o evangelho está encoberto para o homem em seu estado de pecado? O apóstolo responde: "...o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo" (2 Co 4:4). "Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus porque lhe são loucura; e

não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente" (1 Co 2:14).

"Qual a razão por que não compreendeis a minha linguagem?", perguntou Jesus; "É porque sois incapazes de ouvir a minha voz" (Jo 8:43). O homem natural não pode ouvir a voz de Cristo; ele está surdo, está morto para o chamado do evangelho. "Éreis trevas; porém agora sois luz no Senhor" (Ef 5:12).

> Quando um homem tem o coração frio e desinteressado pela religião, quando suas mãos jamais se empregam na obra de Deus, quando os seus pés desconhecem os caminhos de Deus, quando sua língua quase nunca é usada para louvar ou para a oração, quando seus ouvidos são surdos à voz de Cristo no evangelho e seus olhos cegos à beleza do reino dos céus, quando sua mente está repleta das coisas do mundo e não há lugar para coisas espirituais — quando encontramos essas marcas num homem, a palavra que o descreve é "morto"... Isso explica porque o pecado não é sentido, os sermões não são cridos, os bons conselhos não são seguidos, o evangelho não é abraçado, o mundo não é abandonado, a cruz não é tomada, a vontade própria não é mortificada, maus hábitos não são deixados, a Bíblia raramente é lida e os joelhos jamais se dobram em oração. Por que vemos isso por todos os lados? A resposta é simples: os homens estão mortos.[24]

TERMOS BÍBLICOS PARA DESCREVER A CONVERSÃO

É porque o homem está morto em seus delitos e pecados (no que concerne ao bem espiritual), que as Escrituras descrevem a conversão com termos como *regeneração*, *novo nascimento*, *vivificação*, *vida*, *ressurreição*, etc.

"Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (Jo 3:3). "Eu sou a ressurreição e a vida" (Jo 11:25). "Pois assim como o Pai ressuscita e vivifica os mortos, assim também o Filho vivifica aqueles a quem quer" (Jo 5:21). "E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2 Co 5:17).

---

[24] J. C. Ryle, *Vivo ou Morto*, p. 3-4.

O que mais poderiam estes termos significar, senão que o homem em estado de pecado está morto e incapacitado para, por si só, sair do estado em que se encontra e passar para o estado de graça?

PIOR DO QUE MORTO

A Bíblia não descreve o homem apenas como morto. Morto, com relação a Deus, ainda seria uma situação menos séria. Seria um estado de total passividade. Quanto ao bem, sim, o homem em estado de pecado está morto, inativo, impossibilitado de fazer qualquer coisa. Quanto ao mal, entretanto, ele é bem ativo, pois a Bíblia o apresenta como inimigo de Deus.

E isto não significa apenas o seu estado natural de inimizade. Que a sua natureza é inimiga de Deus é evidente: "O pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus" (Rm 8:7,8).

Indica também a sua atitude com relação a Deus. O homem em estado de pecado é um militante, é ativo na prática do mal e na oposição a Deus. O homem decididamente não quer ir a Cristo para ter vida. Esta é a deliberação da sua vontade. Para o bem ela é inativa, mas para o mal é ativíssima. Foi o que disse Jesus: "Não quereis vir a mim para terdes vida" (Jo 5:40). "Porque a carne milita contra o Espírito e o Espírito contra a carne, porque são opostos entre si" (Gl 5:17).

O homem em estado de pecado é "...inimigo ... pelas vossas obras malignas" (Cl 1:21). "A luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más. Pois todo aquele que pratica o mal, aborrece a luz" (Jo 3:19,20). O homem em estado de pecado invariavelmente aborrece a luz.

A exposição de Paulo da pecaminosidade e da culpabilidade humana, em Romanos 1:18 a 3:20 é incontestável. Deus se revela do céu tanto na natureza, quanto na consciência, quanto nas próprias Escrituras. Mas o homem, em estado de pecado (gentil ou judeu), deliberadamente troca a verdade de Deus em mentira, e a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptí-

vel. Tendo conhecimento de Deus, não o glorificam como Deus, nem lhe dão graças, antes se tornam nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Por isso Deus os entregou à concupiscência dos seus próprios corações.

> ...por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem cousas inconvenientes, cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia. Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais cousas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem. (Rm 1:28-32).

Para o bem espiritual, o homem está morto nos seus delitos e pecados; para o mal, entretanto, ele está bem vivo, ativo, militante, não somente praticando, como aprovando os que assim praticam.

Qual a conclusão do apóstolo?

> Não há justo nem sequer um, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer (Rm 3:10-12).

O LIVRE-ARBÍTRIO

Não obstante tudo isso, o arminiano sustenta que o homem em estado de pecado pode decidir por si só entre o bem e o mal espiritual; sustenta que, se quiser, pode responder positivamente ao evangelho; que tem livre-arbítrio para, sem ação prévia do Espírito Santo no seu coração, arrepender-se e crer no evangelho, cooperando, assim, com a graça de Deus para a sua salvação!

Como pode um escravo do pecado ter livre-arbítrio? Como pode alguém, cujos sentidos espirituais não funcionam, compreender, aceitar e decidir-se a favor do evangelho. Como pode um morto espiritual arrepender-se e crer? Como pode um inimigo ativo e militante de Deus, e amante do pecado, decidir-se contra a sua própria natureza e prática, a favor do que odeia e contra o que ama?

O calvinista só admite falar em livre-arbítrio com relação ao homem em estado de pecado, no sentido em que tal homem continua a existir como um ser moral, responsável e indesculpável pelos seus atos. "Tais homens são, por isso, indesculpáveis", afirma o apóstolo Paulo com relação a gentios e judeus, indistintamente. Ele tem livre-arbítrio no sentido em que não é coagido, em seus atos pecaminosos, a agir contra a sua vontade. Ele decide e escolhe, de acordo com o seu conhecimento, índole, tendência e vontade. Mas, como a queda corrompeu a sua natureza de tal modo que seu conhecimento, índole, tendência e vontade foram pervertidos, ele sempre escolhe, livremente (no sentido em que é responsável) rejeitar a Deus e apegar-se ao pecado. Nas palavras de Spurgeon, "a graça de Deus não viola a vontade humana, mas triunfa docemente sobre ela. Nunca haverá alguém arrastado para o céu pelas orelhas; saiba disso. Nós iremos para lá de coração e porque desejamos."[25]

O ensino bíblico sobre o livre-arbítrio é que, embora o homem, após a queda, não tenha deixado de ser uma criatura moralmente responsável (com capacidade de tomar decisões conforme seu conhecimento, gosto, disposições mentais, afeições e tendências dominantes do seu caráter), por causa do pecado, o seu gosto, disposições mentais, afeições e tendências do seu caráter com relação às verdades espirituais são todas em direção ao mal e em oposição a Deus.

> Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos [o que decididamente não é o caso do homem natural], porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons (Mt 7:16-18).

Arrependimento e fé são frutos que não podem ser produzidos por um coração corrompido. Espinheiros produzem livremente o que lhes é próprio: espinhos. Eles não precisam que nenhuma força externa os obrigue a tal.

Se o Espírito Santo de Deus não agir previamente no coração e mente do homem regenerando-o, e vivificando-o espiritualmente, ele jamais se arrependerá dos seus pecados e crerá na eficácia da expia-

---

[25] C. H. Spurgeon, *Livre Arbítrio: Um Escravo*, p. 21.

ção de Cristo; "isto não vem de vós, é dom de Deus, não de obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2:8-9). Só uma ação prévia do Espírito Santo na vontade humana pode habilitá-la a decidir-se favoravelmente a Deus, a quem antes odiava; e contra o pecado, que outrora amava. O apóstolo deixa bem claro, em Filipenses 2:13, que é Deus quem opera no homem tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade. "O homem não pode receber cousa alguma se do céu não lhe for dado" (Jo 3:27).

> Não vos enganeis, meus amados irmãos. Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação, ou sombra de mudança. Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade (Tg 1:16-18).

OBJEÇÕES

1. Alegam os arminianos que a doutrina da depravação total *é inconsistente com a obrigação moral.* Como pode o homem ser considerado justamente responsável por obrigações morais, às quais não tem capacidade para responder? É justo o homem ser exortado ao arrependimento e a crer, se, por si mesmo, não pode fazê-lo? Resposta: Sim, porque o seu estado de depravação e incapacidade espiritual é decorrente da sua própria decisão no Éden, quando, livremente (ainda em estado de inocência) decidiu pecar. Adão poderia ter escolhido não pecar. Mas, no exercício do seu livre-arbítrio, escolheu pecar, apesar de haver sido alertado para a trágica conseqüência que adviria daquela decisão. Logo, se o próprio homem é o culpado pela sua incapacidade espiritual, este seu estado não o torna espiritualmente irresponsável. Alguém isentaria de responsabilidade um motorista embriagado que atropela e mata uma criança, por estar incapacitado de frear ou desviar o carro?!

2. *E que dizer do restante da raça humana?* A explicação é válida com relação a Adão e Eva. Todavia, e com relação ao restante da raça humana que não teve a oportunidade de decidir livremente como Adão, e já nasce herdeira do pecado? Resposta bíblica: A decisão de Adão representou a decisão de toda a humanidade. Ou seja, se a oportunidade que foi dada a Adão fosse dada a qualquer um de

nós, teríamos tomado exatamente a mesma decisão. Teríamos escolhido o pecado.

CONCLUSÃO

Seaton afirmou corretamente que,

> ...se tivermos um perspectiva deficiente e amena sobre o pecado, então estamos sujeitos a ter uma perspectiva deficiente quanto aos meios necessários para a salvação do pecador. Se acreditarmos que a queda foi só parcial, então é provável que fiquemos satisfeitos com uma salvação que seja atribuída parcialmente ao homem e parcialmente a Deus.[26]

É a mais pura verdade. Não discernir as desastrosas conseqüências da queda para a natureza humana, inevitavelmente resultará no não reconhecimento de uma eleição soberana, de uma graça superabundante e irresistível, de uma expiação que realmente redime, e de uma salvação eterna, definitiva e segura do pecador do domínio do pecado.

Quero finalizar, com duas citações de Spurgeon. No seu sermão *Livre-arbítrio: Um Escravo,* ele diz:

> Vocês têm ouvido muitos sermões arminianos, eu ouso dizer, mas nunca ouviram uma oração arminiana.... Um arminiano de joelhos orará desesperadamente como um calvinista. Ele não pode orar a respeito do livre-arbítrio; não há lugar para isso. Imagine-o orando: "Senhor, eu te agradeço que não sou como esses pobres calvinistas presunçosos. Senhor, eu nasci com um glorioso livre-arbítrio; eu nasci com poder pelo qual posso me voltar para Ti por conta própria; tenho melhorado minha graça. Se todos tivessem feito o mesmo que eu fiz com a tua graça, poderiam todos ser salvos. Senhor, eu sei que Tu não nos fazes espiritualmente propensos, se nós mesmos não quisermos. Tu dás graça a todos; alguns não a melhoram, mas eu sim. Haverá muitos que irão para o inferno, tantos quantos foram comprados pelo sangue de Cristo, como eu fui; eles tiveram uma boa chance, e foram tão abençoados como eu sou. Não foi a tua graça que nos diferenciou; eu sei que ela fez muito, mas eu cheguei ao ponto desejado; eu usei o

---

[26] W. J. Seaton, *Os Cinco Pontos do Calvinismo*, p. 6.

que me foi dado e os outros não — essa é a diferença entre eu e eles.[27]

Ouçamos novamente o Príncipe dos Pregadores:

Pecador, inconverso pecador, eu te advirto que jamais poderás tu mesmo fazer com que nasças de novo; e embora o novo nascimento seja absolutamente necessário, te é absolutamente impossível, a não ser que o Espírito Santo faça isso... Faças o que fizeres, e o melhor que conseguires, ainda assim, há uma diferença, tão grande quanto a eternidade, entre ti e o homem regenerado... O Espírito de Deus precisa fazer-te novo, tu precisas nascer de novo. O mesmo poder que ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos tem que agir para ressuscitar-nos dos mortos; a mesma onipotência, sem a qual anjos e vermes não poderiam ter vindo à existência, precisa se manifestar e realizar uma obra tão grande quanto a que Ele fez na primeira criação, recriando-nos em Cristo Jesus, nosso Senhor. Constantemente a igreja cristã tenta esquecer isto, mas sempre que esta velha doutrina da regeneração é apresentada claramente, Deus se apraz em agraciar a sua igreja com reavivamento... A menos que Deus, o Espírito Santo, que opera em nós tanto o querer como o realizar, opere sobre a vontade e a consciência, a regeneração é uma absoluta impossibilidade, e assim também a salvação. "O quê!", diz alguém, "Você quer dizer que Deus intervém absoluto na salvação de cada pessoa para regenerá-lo?" Sim, eu quero; na salvação de cada pessoa há um brotar de poder divino, pelo qual o pecador morto é vivificado, o pecador sem vontade é feito desejoso, o pecador mais duro e desesperado tem sua consciência amolecida; e aquele que rejeita a Deus e despreza a Cristo é feito prostrar-se aos pés de Jesus. Tem que haver uma intervenção divina, uma operação divina, uma influência divina, caso contrário, façam o que puderem, sem isso vocês perecerão e estarão condenados — "pois, se um homem não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus..." Nunca esqueçamos que a salvação de uma alma é uma obra de criação. Pois bem, nenhum homem jamais conseguiu criar um inseto... Deus somente cria... Nenhum poder humano ou angelical pode intrometer-se nesta gloriosa província do poder divino. Criação é domínio exclusivo de Deus. E em cada cristão há uma absoluta criação — "criados de novo em Cristo Jesus". "O novo homem, segundo Deus, é criado em retidão." Regeneração não é a reforma de princípi-

---

[27] Página 17.

os que lá estivessem antes, mas a implantação de algo que não existia; é a introdução em um homem de algo novo, chamado Espírito, o novo homem — a criação não de uma alma, mas de um princípio ainda mais elevado — tão mais elevado com relação à alma quanto a alma o é do corpo... No ato de fazer com que qualquer homem creia em Cristo, há uma manifestação verdadeira e própria de poder criador, assim como houve quando Deus criou os céus e a terra... Apenas Ele, que formou os céus e a terra, poderia criar uma nova natureza. É uma obra sem paralelo, ela é única e incomparável, visto que o Pai, o Filho e o Espírito precisam todos cooperar nela; pois, para implantar a nova natureza em um cristão, precisa haver um decreto do Pai eterno, a morte do eternamente Bendito Filho e a plenitude da operação do adorável Espírito. É verdadeiramente uma obra. Os trabalhos de Hércules foram insignificantes comparados com isto. Aprisionar leões, hidras, e limpar os estábulos de Augias — tudo isto é brincadeira de criança comparado com a renovação de um espírito reto na natureza caída do homem. Observe que o apóstolo afirma que esta boa obra foi começada por Deus (Fp. 1.6). Evidentemente, ele não cria naqueles notáveis poderes que alguns teólogos atribuem ao livre-arbítrio; ele não foi adorador dessa moderna Diana dos Efésios.[28]

---

[28] I. Murray, *The Forgotten Spurgeon*, p. 87-89.

ELEIÇÃO INCONDICIONAL

As antigas doutrinas da graça afirmam a eleição incondicional; afirmam que a escolha de alguns homens para a santidade e para a vida não se baseia em nenhum mérito ou virtude humana, nem mesmo na fé ou no arrependimento; mas unicamente no amor e na misericórdia de Deus como expressão da sua livre e soberana vontade. Para os calvinistas, a fé e o arrependimento não são condições, mas resultados da eleição, o meio que Deus escolheu para aplicar a salvação aos eleitos. Deus não elege porque antevê arrependimento e fé; Ele produz arrependimento e fé porque elegeu.

Nas palavras de Calvino:

> a semente da Palavra de Deus acha raízes e frutifica unicamente naqueles em quem o Senhor, por sua eterna eleição, predestinou para serem filhos e herdeiros do reino celestial. Para todos os demais, que pelo mesmo conselho de Deus, antes da constituição do mundo, foram reprovados, a clara e evidente pregação da Verdade não pode ser senão odor de morte que conduz à morte.[29]

ENSINO DAS CONFISSÕES REFORMADAS

O que dizem as antigas confissões de fé reformadas? Ensinam elas a doutrina calvinista da eleição incondicional?

A *Confissão Escocesa*, afirma:

> O Deus e Pai, que somente pela graça nos escolheu em seu Filho, Jesus Cristo, antes que fossem lançados os fundamentos do mundo... A regeneração se realiza pelo poder do Espírito Santo, que cria nos corações dos escolhidos de Deus uma fé firme na promessa de Deus a nós revelada pela sua Palavra; por essa fé aprendemos Jesus Cristo com os seus dons gratuitos e com as bênçãos nele prometidas... Esta

---

[29] J. Calvino, *Breve Instruccion Cristiana*, p. 35.

fé e a sua certeza não procedem da carne e do sangue, isto é, de uma faculdade natural que há em nós; mas são a inspiração do Espírito Santo... que nos santifica e nos conduz em toda verdade pela sua operação, sem a qual permaneceríamos para sempre inimigos de Deus... Porque por natureza somos mortos, cegos e perversos, de maneira que nem sequer sentimos quando somos aguilhoados, nem vemos a luz quando brilha, nem podemos assentir à vontade de Deus quando ela se revela, se o Espírito de nosso Senhor não vivificar o que está morto, não remover as trevas de nossas mentes e não dobrar a rebelião dos nossos corações à obediência da sua bendita vontade.[30]

Confissão de Fé dos Países Baixos:

Cremos que, estando toda a linhagem de Adão em perdição e ruína pelo pecado do primeiro homem, Deus se mostrou a si mesmo tal qual é, a saber: misericordioso e justo. Misericordioso porque tira e salva desta perdição aqueles que Ele, em seu eterno e imutável conselho, de pura misericórdia, elegeu em Jesus Cristo, nosso Senhor, sem consideração alguma às obras deles. Justo porque aos outros deixa na queda e perdição às quais eles mesmos se lançaram... Cremos que, para obter verdadeiro conhecimento deste grande mistério [da redenção que há em Cristo], o Espírito Santo infunde em nossos corações uma fé sincera que abraça a Jesus Cristo com todos os Seus méritos... Cremos que esta fé verdadeira, tendo sido operada no homem pelo ouvir a Palavra de Deus e pela operação do Espírito Santo, o regenera e o torna um novo homem, faz com que viva uma nova vida, e o liberta do pecado.[31]

Segunda Confissão Helvética:

Deus, desde a eternidade, livremente e movido apenas pela sua graça, sem qualquer respeito humano, predestinou ou elegeu os santos que ele quer salvar em Cristo... [Sobre o arrependimento:] Dizemos expressamente que este arrependimento é puro dom de Deus e não uma realização de nossas forças... [Sobre a fé salvadora:] Esta fé é simplesmente um dom de Deus, que só Ele pela sua graça, segundo a sua medida, concede aos seus eleitos quando, a quem e quanto ele

---

[30] Capítulos VIII, III e XII.
[31] Artigos 16, 22 e 23

quer. E ele realiza isso pelo Espírito Santo, pela pregação do evangelho e pela oração fiel.[32]

Confissão de Fé de Westminster:

Pelo decreto de Deus e para manifestação da sua glória, alguns homens e alguns anjos são predestinados para a vida eterna e outros preordenados para a morte eterna... Segundo o seu eterno e imutável propósito e segundo o santo conselho e beneplácito da sua vontade, Deus, antes que fosse o mundo criado, escolheu em Cristo para a glória eterna os homens que são predestinados para a vida; para o louvor da sua gloriosa graça, Ele os escolheu de sua mera e livre graça e amor, e não por previsão de fé, ou boas obras e perseverança nelas, ou de qualquer outra cousa na criatura que a isso o movesse, como condição ou causa... [Quanto à fé salvadora:] A graça da fé, pela qual os eleitos são habilitados a crer para a salvação das suas almas, é a obra que o Espírito de Cristo faz nos corações deles, e é ordinariamente operada pelo ministério da palavra.[33]

Artigos de Fé da Igreja Anglicana:

A predestinação para a vida é o propósito eterno de Deus, mediante o qual (antes que fossem lançados os fundamentos do mundo) Ele decretou, de maneira constante, através do seu conselho secreto a nosso respeito, que livraria da maldição e da condenação aqueles a quem escolhera em Cristo, dentre a humanidade, para conduzi-los à salvação eterna por meio de Cristo, como vasos destinados à honra.[34]

Antiga Confissão de Fé Batista (de 1689):

Por decreto de Deus, tendo em vista a manifestação de sua glória, alguns homens e anjos foram predestinados ou ordenados de antemão para a vida eterna, por meio de Jesus Cristo, para louvor de sua gloriosa graça; e, quanto aos demais, foi-lhes permitido continuarem em seus pecados, tendo em vista a sua justa condenação, para louvor da gloriosa justiça divina... No caso daqueles membros da raça humana que foram predestinados para a vida, Deus, antes de serem lançados os fundamentos do mundo, e de conformidade com o seu eterno e imutável propósito, bem como de acordo com o secreto conselho e be-

---

[32] Capítulos X, XIV e XVI.
[33] Capítulo III, parágrafos III, V, VI e Capítulo XIV, parágrafo I.
[34] Artigo XVII.

> neplácito de sua vontade, escolheu em Cristo, para a glória eterna e com base em sua pura graça gratuita e em seu amor, sem que houvesse qualquer outra consideração na criatura, como condição ou causa que O tivesse impelido a isso, aqueles a quem assim quis.[35]

Não pode também haver nenhuma dúvida que a doutrina da eleição incondicional era a doutrina confessada pelas igrejas fruto da Reforma Protestante do século XVI. O arminianismo, podemos estar certos, ao ensinar uma eleição condicional baseada na fé, arrependimento ou qualquer outra obra humana, constitui-se em lastimável e sério desvio das antigas doutrinas da graça.

ENSINO BÍBLICO SOBRE A ELEIÇÃO

A doutrina reformada da eleição incondicional é clara e abundantemente ensinada nas Escrituras. Só uma má interpretação bíblica, decorrente de considerar-se a obra da redenção por um prisma humanista — um ponto de vista completamente inadequado para a compreensão das obras de Deus —, pode negar uma verdade tão explicitamente revelada na Palavra de Deus.

Podemos começar com Efésios 1:4-5. Bendizendo a Deus pelas bênçãos espirituais que Ele dispensa sobre a igreja, Paulo começa afirmando que Deus:

> ...nos escolheu nele [em Cristo] antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para Ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que Ele nos concedeu gratuitamente no Amado.

Escrevendo aos Tessalonicenses, o apóstolo também agradece a Deus pela eleição dos irmãos, dizendo:

> ...devemos sempre dar graças a Deus, por vós, irmãos amados pelo Senhor, por isso que Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade. (2 Ts 2:13).

Os termos *eleitos* e *escolhidos* são empregados com tanta freqüência designando os crentes em Cristo, que tornaram-se como que

---

[35] Artigo III.

termos técnicos para a designação do povo de Deus. Nos evangelhos, assim como praticamente em todas as epístolas, os membros da Igreja de Cristo são chamados de escolhidos ou eleitos.

Falando da grande tribulação, Jesus disse: "Não tivesse o Senhor abreviado aqueles dias, e ninguém se salvaria; mas por causa dos *eleitos que Ele escolheu*, abreviou tais dias" (Mc 13:20). Logo a seguir, adverte: "...surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando sinais e prodígios, para enganar, se possível, os próprios *eleitos*" (Mc 13:22).

Em Romanos, Paulo pergunta: "Quem intentará acusação contra *os eleitos de Deus*?" (8:33). Escrevendo aos Colossenses, exorta-os dizendo: "Revesti-vos, pois, como *eleitos de Deus*, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia..." (3:12). A Timóteo, Paulo diz: "...tudo suporto por causa *dos eleitos*" (2 Tm 2:10). Já Pedro dirige-se à igreja da dispersão dizendo: "Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, *aos eleitos* que são forasteiros da Dispersão..." (1 Pe 1:1). O mesmo acontece com João: "O presbítero *à senhora eleita* e aos seus filhos... Os filhos da tua *irmã eleita* te saúdam" (2 Jo 1,13).

> Sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são *chamados segundo o seu propósito*. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho. (Rm 8:28,29).

Não seriam suficientes apenas estes textos para fundamentar biblicamente a antiga doutrina de que Deus escolheu antes da fundação do mundo, pelo livre conselho da Sua vontade, os que haveriam de ser salvos? Parece-nos evidente que sim. Entretanto, o testemunho bíblico em favor da doutrina da eleição incondicional é ainda bem mais específico.

VÁRIOS TIPOS DE ELEIÇÃO

Na verdade, a soberania de Deus não se manifesta apenas na eleição para a salvação. Há outras eleições ou escolhas mencionadas nas Escrituras. Além da eleição individual de seres humanos pecadores para a salvação, Deus escolhe *pessoas* para serviços ou ofícios, escolhe *nações* para serem alvo especial da Sua graça, e escolheu

ainda *anjos*, para que permanecessem em seu estado original. Todas essas eleições são escolhas soberanas de Deus, fundamentadas não em qualquer virtude do objeto, mas no amor, na graça e na misericórdia de Deus.

Habilidades Naturais, Dons Espirituais e Vocações. É Deus quem habilita pecadores e salvos soberanamente conforme o conselho da Sua própria vontade. As pessoas já nascem com maiores ou menores habilidades naturais. Os convertidos recebem habilidades espirituais "segundo a proporção do dom de Cristo" (Ef 4:7). "Um só e o mesmo Espírito realiza todas estas cousas, distribuindo-as como lhe apraz, a cada um, individualmente" (1 Co 12:11). O mesmo se aplica às vocações. É Deus quem estabelece na igreja apóstolos, profetas, mestres, etc. (1 Co 12:28).

Eleição Nacional. Deus também escolhe nações para que recebam os privilégios externos do evangelho. Deus elege povos para que venham a desfrutar, como um todo, da verdadeira religião. É neste sentido que a nação de Israel foi escolhida como povo de Deus no Antigo Testamento. "Porque tu és povo santo ao Senhor teu Deus: o Senhor teu Deus te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra. Não vos teve o Senhor afeição, nem vos escolheu, porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos, mas porque o Senhor vos amava..." (Dt 7:6-8). "Tão somente o Senhor se afeiçoou a teus pais para os amar: a vós outros, descendentes deles, escolheu de todos os povos, como hoje se vê" (Dt 10:15).

Eleição Angelical. Deus criou os seres angelicais em estado de santidade. Uns caíram, rebelaram-se. A estes "...Deus não poupou ... quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas reservando-os para juízo" (2 Pe 2:4). Outros, entretanto, permaneceram firmes. Estes, "os santos anjos" (Mc 8:38), são chamados pelo apóstolo Paulo de "anjos eleitos" (1 Tm 5:21), indicando, assim, que permaneceram em estado de santidade porque foram soberanamente escolhidos por Deus.

Estas eleições, assim como a eleição individual para a salvação, são manifestações da livre e soberana vontade eterna de Deus. Imu-

tável em seus propósitos, e soberano em sua vontade, o Senhor decide, escolhe e elege, independentemente ou incondicionalmente. Por que uns são tão agraciados com habilidades naturais e outros são quase que totalmente privados delas? Por que escolheu Deus a Saulo de Tarso, um perseguidor implacável da Igreja, para ser o grande apóstolo da fé cristã? Por que escolheu Deus o povo de Israel para ser objeto do seu favor especial, concedendo-lhes o privilégio dos oráculos de Deus? Por que elegeu Ele, dentre todos os anjos, alguns para que não caíssem, mas perseverassem firmes em santidade? Há somente uma resposta possível: porque assim lhe aprouve.

CONDICIONAL OU INCONDICIONAL?

Mas, e com relação à eleição individual para a salvação; foi condicional ou incondicional? Baseou-se em qualquer virtude dos escolhidos, ou na livre e soberana vontade de Deus?

O texto já citado, de Efésios 1, responde esta pergunta de modo suficientemente claro. Paulo não afirma nesse capítulo, que Deus nos escolheu antes da fundação do mundo "porque" fôssemos santos e fiéis, mas "para" sermos santos e fiéis. Ou seja, com o propósito de sermos santos e fiéis.[36] A seguir, ele é ainda mais explícito, ao afirmar que nos predestinou "em amor" (esta é a motivação), "segundo o beneplácito da sua vontade". Se houver qualquer dúvida, basta ler adiante, no verso 11, quando Paulo afirma que fomos "predestinados segundo o conselho daquele que faz todas as cousas conforme o conselho da sua vontade".

E o que o apóstolo diz em Romanos 8:28? Não é que os que amam a Deus foram chamados segundo o propósito de Deus, isto é, segundo a sua vontade, o seu querer? Parece óbvio que sim.

Mas vejamos outros testemunhos da Palavra de Deus:

Quem escolhe? São os homens que escolhem a Cristo, como dizem os arminianos, ou é Cristo quem escolhe os homens, como afirmam os calvinistas? Pode haver resposta mais clara do que a de Jesus em João 15:16? "Não fostes vós que me escolhestes a mim;

---

[36] "Para sermos" = εἶναι (infinitivo final ou de propósito).

pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros, e vos designei para que vades e deis frutos, e o vosso fruto permaneça".

Quem vem a Cristo? As antigas doutrinas da graça dizem que apenas os eleitos, os que o Pai escolheu antes da fundação do mundo. O que dizem as Escrituras?

> Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora... E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia (Jo 6:37,39). Ninguém poderá vir a mim, se pelo Pai não lhe for concedido (Jo 6:65). Não falo a respeito de todos vós, pois eu conheço aqueles que escolhi. (Jo 13:18).

O evangelho é pregado a todos. Uns não entendem, não crêem e rejeitam; outros compreendem, e crêem. Quem responde positivamente ao evangelho? Quem entende o evangelho? Quem crê no evangelho? Os calvinistas não hesitam em responder: os que foram soberanamente escolhidos por Deus para a vida eterna. O que a Bíblia diz? Quando Paulo pregou para um grupo de mulheres em Filipos, Lídia, a vendedora de púrpura, entendeu, se converteu e foi batizada. Por que creu? Porque "o Senhor lhe abriu o coração para atender às cousas que Paulo dizia" (At 16:14). Em Atos 13:48, a explicação é ainda mais clara. Paulo pregava em Antioquia. Uns creram. Quem? Qual a explicação bíblica? "Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna". O que é dito aqui? Que foram destinados à vida eterna os que creram? Não, mas sim, que creram os que haviam sido destinados à vida eterna.

Em Romanos 5:8, a ênfase é na incondicionalidade do amor de Deus. "Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores". Isto é, a prova do amor de Deus está no fato de se manifestar, não devido aos nossos méritos, mas apesar de nós. Esta é a força do argumento do apóstolo Paulo. "Porque se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida" (Rm 5:10). Quando fomos reconciliados por Deus, não éramos pessoas arrependidas que

criam nas promessas de Deus, e sim pecadores, inimigos. E nisto está a maior evidência do amor de Deus. João diz a mesma coisa, em outras palavras: "Nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou, e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados... Nós amamos porque ele nos amou primeiro" (1 Jo 4:10,19).

Há, ainda, outras evidências bíblicas da eleição incondicional? Há sim, e muito fortes. Se alguém ainda tiver qualquer dúvida acerca do fato da doutrina da eleição incondicional ser bíblica ou não, basta ler Romanos 9:

> E ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal (para que o propósito de Deus, quanto à eleição, prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama)... Como está escrito: amei a Jacó, porém me aborreci de Esaú. (Rm 9:11-13).

A linguagem humana não pode ser mais explícita: Deus amou a Jacó e não a Esaú, antes que nascessem e tivessem praticado mal ou bem. Por quê? Para que prevalecesse a vontade livre e soberana de Deus em escolher quem Ele quer.

O texto continua. Conhecendo a insinuação que é levantada pelo coração insubmisso, Paulo diz:

> Que diremos, pois? Há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum. Pois ele diz a Moisés: Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia, e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão. (Rm 9:14-15).

O problema do homem com a doutrina da eleição incondicional é mais uma questão de rebeldia e de insubmissão à soberania de Deus do que de teologia e exegese. O problema dos arminianos é o mesmo dos que se opunham à pregação de Paulo: consideravam injustiça que Deus manifestasse livremente a sua graça sobre quem Ele quisesse. Paulo cita as próprias palavras de Deus em Êx 33:19: "Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia, e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão."

Qual a conclusão que o apóstolo, inspiradamente, tira dessas palavras? "Assim, pois [daí, portanto], não depende de quem quer, ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia". E ele con-

substancia sua conclusão com outro texto: "Porque a Escritura diz a Faraó: Para isto mesmo te levantei, para mostrar em ti o meu poder e para que o meu nome seja anunciado por toda a terra." Paulo, então, amplia a sua conclusão: "Logo, tem Ele misericórdia de quem quer, e também endurece a quem lhe apraz" (Rm 9:16-18). Tanto a eleição como a reprovação são incondicionais. O exercício da misericórdia de Deus, que amolece o coração do pecador, depende única e exclusivamente da vontade de Deus.

Mas alguém pode dizer — e quantos têm dito!: "De que se queixa Ele ainda? Pois quem jamais resistiu à sua vontade?" Como o próprio apóstolo responde a tal insinuação blasfema de que o exercício soberano da misericórdia de Deus não é razoável com a responsabilidade humana? O que Paulo tem a dizer àqueles que, por causa da doutrina da eleição incondicional, revoltados, insinuam que Deus é injusto? O apóstolo responde que a objeção e revolta do homem é que não é razoável. "Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim?" Que absurdo! diz o apóstolo Paulo. E continua:

> Não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro para desonra? Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua misericórdia, que para glória preparou de antemão, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também entre os gentios? (Rm 9:19-25).

Ao aceitarem a doutrina da eleição incondicional, os calvinistas não fazem nada mais senão levar suas mentes cativas à obediência de Cristo, submetendo-se ao próprio ensino bíblico. Ao rejeitarem esta doutrina, os arminianos, os semipelagianos e os pelagianos não fazem nada menos do que rebelarem-se contra a soberania do Criador. "De que se queixa Ele ainda? Pois quem jamais resistiu à sua vontade?", perguntam indignados os defensores das *novas* doutrinas da graça. "Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porven-

tura pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim?", replicam os pregadores das *antigas* doutrinas da graça.

Deus é livre, afirmam as antigas doutrinas da graça; Deus é soberano; Ele faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade; Ele tem misericórdia de quem lhe apraz ter misericórdia e se compadece de quem lhe apraz ter compaixão. Ele não elege condicionalmente, mas incondicionalmente, segundo o beneplácito da sua vontade e não segundo qualquer virtude humana. O homem pode rebelar-se contra isso — e como o tem feito! Afinal, foi a rebeldia que levou o homem à queda e foi nisso que nos transformou: em rebeldes. Rebeldia e insubmissão à soberania de Deus se constitui na essência da nossa natureza pecaminosa. Mas é razoável tal rebeldia? Não. O Criador de toda a terra tem direito de manifestar a suprema riqueza da sua graça escolhendo livremente alguns vasos caídos para, refazendo-os, manifestar neles a sua misericórdia. Assim como também tem todo o direito de deixar os demais quebrados, visto que caíram, para manifestar neles a sua ira e o seu poder. O contraste entre uns e outros, proclama a justiça e a misericórdia de Deus. A longanimidade de Deus em suportar os vasos quebrados, preparados para a perdição, revela "a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos" (Ef 1:19).

LUGAR DO ARREPENDIMENTO E FÉ

O arminianismo insiste em tributar ao nosso arrependimento e fé a condição para a eleição. Insiste em afirmar que é o arrependimento e fé que determinam a eleição. Já vimos que a explicação bíblica é o oposto: é a eleição soberana de Deus que produz arrependimento e fé. "Creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna" (At 13:48).

Qual, então, o lugar do arrependimento e da fé na obra da redenção? É evidente, do ensino bíblico, que a fé e o arrependimento estão intimamente ligados à salvação. Ninguém (pelo menos que tenha juízo para o exercício da fé e arrependimento) chega à salvação sem ter se arrependido e crido no evangelho, a palavra da verdade. E as antigas doutrinas da graça não negam isso de modo algum. Mas, se não são a causa da eleição, são o quê?

São o meio pelo qual Deus aplica a obra da redenção no coração dos seus eleitos. Deus elegeu incondicionalmente os que haveriam de ser salvos, antes da fundação do mundo. Chegando a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, para que morresse expiatoriamente por eles na cruz do Calvário. Pois bem, como a obra da redenção proporcionada pelo sangue de Cristo é efetivamente aplicada aos eleitos de Deus (aos que o Pai lhe deu)? Pelo Espírito Santo que opera no coração dos eleitos, produzindo neles arrependimento e fé.

"Devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, por isso que Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade" (2 Ts. 2:13). O que Paulo diz aqui? Que Deus nos escolheu desde o princípio para a salvação. E então, "por causa" ou "pela"? A resposta é "pela" (no original, εν = *em, por meio de*). Deus não nos escolheu para a salvação por causa da santificação e da fé. Nem os arminianos diriam que Deus nos escolheu por causa da santificação do Espírito — isso seria afirmar explicitamente a salvação pelas obras. O que Paulo está dizendo é que a santificação do Espírito e a fé na verdade são os meios pelos quais Deus aplica a redenção nos seus eleitos, pelo Espírito Santo.

É o que Paulo diz, quando afirma que "pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus, não de obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2:8-9). É "mediante" a fé, e não "por causa" da fé. A preposição usada[37] indica meio, agência intermediária (por meio de, através, por intermédio de). Assim, somos salvos *pela graça* de Deus (a graça de Deus é a causa da nossa salvação); *mediante a fé* (isto é, por intermédio da fé); a fé é o meio através do qual Deus opera a salvação; é o instrumento através do qual a graça salvadora de Deus é efetivamente aplicada no coração dos Seus eleitos. Para que não fique nenhuma dúvida, o apóstolo acrescenta que "isto não vem de vós, é dom de Deus".

E o arrependimento? Também é dom de Deus? Sim; quando Paulo instrui a Timóteo, dizendo que "o servo do Senhor... deve ser

---

[37] διά, com o caso genitivo (πίστεως)

brando para com todos, apto para instruir, paciente, disciplinando com mansidão os que se opõem", ele diz que Timóteo deve fazer isso "na expectativa de que *Deus lhes conceda... o arrependimento* para conhecerem plenamente a verdade" (2 Tm 2:24-25). Em Atos 5:31, Pedro afirma: "Deus, porém, com a sua destra, o exaltou a Príncipe e Salvador, *a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados*". E em Atos 11:18, ao ouvirem o relato de Pedro sobre o derramamento do Espírito Santo sobre Cornélio e sua casa, a Igreja de Jerusalém concluiu: "Logo, também aos gentios foi *por Deus concedido o arrependimento* para vida". É Deus quem concede não só a fé, como o arrependimento. Ambos não vêm de nós, são dons de Deus. São os meios que o próprio Deus emprega, através do seu Espírito, para operar a conversão dos eleitos.

São os frutos da eleição. Esta foi uma das grandes redescobertas dos reformadores: as boas obras (incluindo, é claro, arrependimento e fé) não eram a causa da salvação, mas o seu resultado. "Não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, *as quais Deus de antemão* preparou para que andássemos nelas" (Ef 2:9-10). Deus nos elegeu para sermos santos e irrepreensíveis. Ele nos recriou em Cristo, para que viéssemos a andar em boas obras e não o contrário.

São a prova ou evidência da eleição. O arrependimento e fé, bem como o amor cristão e a esperança, são também evidências da eleição. É por isso que Paulo, ao recordar da operosidade da fé, da abnegação do amor e da firmeza da esperança em Cristo dos tessalonicenses, reconhecia a eleição deles (1 Ts 1:3-4). Escrevendo a Tito, Paulo se apresenta como "servo de Deus, e apóstolo de Jesus Cristo, para promover a fé que é dos eleitos de Deus..." (Tt 1:1). Ou seja, a fé é a marca dos eleitos de Deus, pois "Sem fé é impossível agradar a Deus". O mesmo é verdade com relação ao arrependimento.

OBJEÇÕES

1. *Seria injustiça da parte de Deus.* Não é injustiça da parte de Deus escolher uns e deixar que outros pereçam? Não. Pelas seguintes razões: a) Deus não escolhe dentre inocentes, mas dentre pecado-

res culpados e indesculpáveis; logo, que injustiça há em ser misericordioso para com alguns? E que injustiça há em deixar que pereçam os que justamente merecem perecer? Não se pode esquecer que os que perecerão escolheram livremente este estado, quando decidiram-se, em Adão, pela desobediência. b) O homem em estado de pecado nada pode fazer para mudar sua situação; logo, se Deus não escolhesse alguns para a salvação, todos pereceriam. Sendo assim, o atributo de Deus que se destaca na eleição incondicional é a misericórdia. Se a eleição fosse condicional, todos pereceriam. Se Adão, em estado de inocência, fracassou no pacto das obras, que dirá nós, em estado de pecado! O que nos espanta, não é que Deus tenha aborrecido a Esaú, mas que tenha amado a Jacó. c) Não somos juízes de Deus. A melhor resposta para a insinuação de que Deus é injusto é a resposta de Paulo: "Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?".

2. *É inconsistente com a responsabilidade moral do homem.* Não seria irracional convocar ao arrependimento e à fé os homens, se eles não podem por si só responder positivamente a esta exortação bíblica? Não. Pelas seguintes razões: a) A inabilidade deles explica-se pela depravação total em que se encontram em decorrência da queda (que por sua vez decorreu de sua livre escolha, quando ainda tinham livre-arbítrio). b) As exortações bíblicas ao arrependimento e à fé, para os não eleitos, servem para agravar a situação. Para eles, a pregação constitui-se em "cheiro de morte para morte"; enquanto que para os eleitos, "aroma de vida para vida" (2 Co 2:16). c) Além disso, não se deve concluir que, sempre que as Escrituras exortem o homem, esteja em seu poder responder positivamente. Quando as Escrituras dizem: "Arrependei-vos e convertei-vos" (At 3:19), deve-se concluir daí que o homem pode converter-se a si mesmo? Não, nem os arminianos defenderiam tal coisa. Só Deus pode converter um pecador. d) A objeção de que não é razoável convocar ao arrependimento e à fé os homens, se eles não podem por si só responder positivamente a esta exortação, corresponde à insolente objeção levantada no capítulo nove de Romanos: "De que se queixa Ele ainda? Pois quem jamais resistiu à Sua vontade?" E a melhor resposta para a insinuação blasfema de que o exercício soberano da misericórdia de Deus não é razoável com a responsabilidade

humana continua sendo a resposta do apóstolo Paulo: "Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim?" Em outras palavras: Irracional é o homem, ao ousar insinuar que o Criador não é razoável.

3. *Desestimula os perdidos a buscarem a salvação.* Não; pelas seguintes razões: a) Só Deus conhece os Seus eleitos. Logo, alguém só saberá se é eleito ou não, se buscar a Deus. "Vai até ao Senhor", diz Spurgeon, "a fim de experimentá-lO. Lembra-te de que, se porventura, não és um dos eleitos, nada tens a perder com isso..."[38] b) Além disso, a soberania de Deus e a responsabilidade humana andam lado a lado nas Escrituras. Se as próprias Escrituras — que, como vimos, ensinam claramente a eleição incondicional — não consideram um desestímulo convocar os pecadores a buscarem a salvação, por que argumentaríamos o oposto? Se o próprio Senhor Jesus, o qual disse: "ninguém poderá vir a mim, se pelo Pai não lhe for concedido" (Jo 6:65), não considerou um desestímulo convocar os pecadores ao arrependimento, pregando: "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus" (Mt 4:17); por que chegaríamos nós a tal conclusão?! c) Aqui, cabe a réplica bastante prática de Spurgeon em seu sermão sobre a eleição:

> Há algum de vocês aqui que deseja ser santo, que deseja abandonar o pecado e andar em santidade?... Pois muito bem, nesse caso, Deus escolheu a esse alguém. Mas eis que uma outra pessoa talvez replique: "Não, eu não quero ser santo, e nem quero desistir das minhas paixões e dos meus vícios!" Neste último caso, retruco: Por que, então, você fica aí se queixando do fato de que Deus não o escolheu?[39]

4. *Desestimula o evangelismo.* Outra objeção que se levanta contra a doutrina da eleição incondicional é que ela desestimula o evangelismo. Procede? Só a história pode responder. E, se a considerarmos, vamos ver que a pregação das antigas doutrinas da graça foram o instrumento que Deus usou para expandir sobremaneira a

---

[38] C. H. Spurgeon, *Eleição*, p. 33-34.
[39] *Ibid*, 16.

Igreja. O próprio apóstolo Paulo, que não hesitava em afirmar que a salvação "não depende de quem quer, ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia", correu mundo pregando o evangelho aos gentios. E este tem sido o resultado invariável, sempre que as antigas doutrinas da graça são pregadas com sinceridade. Temos visto que estas foram as doutrinas da Reforma, e quem ousaria dizer que John Knox e os demais pregadores da Reforma não evangelizaram?

Em poucas épocas tantos foram levados a Cristo quanto no Grande Reavivamento do século XVIII. O que pregavam? Ryle responde:

> Os reformadores do século dezoito ensinavam constantemente a total corrupção da natureza humana... Eles lhes diziam claramente que estavam mortos e que precisavam viver; que se encontravam culpados, perdidos, desamparados, desesperados e em perigo iminente de destruição eterna. Por mais estranho e paradoxal que possa parecer a alguns, o primeiro passo deles, no propósito de tornar bom o homem, era mostrar-lhes que eles eram completamente maus; e o seu argumento primordial, no sentido de persuadir as pessoas a fazerem alguma coisa por suas almas, era convencê-las de que não podiam fazer nada por si mesmas.[40]

O que dizer de Charles Spurgeon?! Poucas pessoas levaram tantos pecadores a Cristo quanto ele. Entretanto, foi um legítimo pregador das antigas doutrinas da graça. Pode alguém duvidar do seu zelo evangelístico, do seu amor pelos perdidos, ou do poder da sua pregação?

Em uma entrevista com o Pr. Francisco Leonardo,[41] foi-lhe perguntado: "Historicamente falando, os presbiterianos evangelizam menos que outros grupos denominacionais?" Sua resposta:

> Talvez esta idéia proceda de não se lembrar de uma parte da história da igreja. No continente europeu os presbiterianos são chamados reformados. E como esses reformados e presbiterianos evangelizavam!

---

[40] J. C. Ryle, *George Whitefield. Líderes Evangélicos do Século XVIII*, p. 20.

[41] F. L. Schalkwijk, É Preciso Renovar a Aliança — Entrevista com o Missionário Holandês Francisco Leonardo Schalkwijk. *Ultimato*, p.18.

Grandes homens, tais como John Knox ou o imenso exército anônimo de pregadores preparados na Academia de Calvino, em Genebra. Evangelistas presbiterianos, como David Brainerd, Henry Martin, Hendrik Kraemar, Bill Bright ou Corrie ten Boom são conhecidos, mas nem todos sabem que são nomes presbiterianos. No Brasil colonial, os huguenotes pregaram aos silvícolas e 1/5 dos pastores no Brasil holandês trabalharam entre os índios.

A pergunta seguinte foi mais específica: "A doutrina da eleição enfraquece o ardor evangelístico?" Resposta:

Não, de forma alguma. A falta de compreensão da doutrina, porém, acaba com o ardor evangelístico: apaga-se no tambor do determinismo ou no oceano do universalismo. O Senhor Jesus foi o maior de todos os evangelistas e sabia que o Pai havia escolhido os seus (Jo 10:1-18, Ef 1:4). Homens, como Whitefield e Spurgeon, ardiam em amor pelos perdidos, mesmo crendo que a eleição faz parte do conselho de Deus (At 20:27). Quando eu trabalhava no Paraná como pastor-evangelista, perguntava aos catecúmenos: "Como se converteu?" E sempre a resposta era que Deus os havia chamado. Lembrava-me, então, da explicação de meu velho pastor na Holanda: "Meus filhos, a conversão é passar pela porta estreita. Do lado de fora está escrito: "Vinde a mim", e depois de entrar, olhando para trás, pode-se ler as palavras: "Eu te chamei". Do nosso lado humano, a eleição não é a primeira, mas a última estrofe do nosso cântico de louvor. Mas os perdidos são aqueles a quem Deus, depois de muita paciência diz: "Que seja feita a vontade de vocês".

EXPIAÇÃO LIMITADA

A doutrina calvinista da expiação limitada bem que poderia chamar-se "expiação objetiva ou efetiva", transmitindo, assim, a verdade que se quer ressaltar, quanto à doutrina da expiação: Cristo, ao morrer na cruz, expiou de fato, e não apenas potencialmente, o pecado dos eleitos de Deus. A doutrina calvinista da expiação ficou conhecida como limitada, em parte por causa da controvérsia arminiana. Os arminianos, como já vimos, defenderam a expiação universal, afirmando que Cristo morreu na cruz por toda a raça humana, indistintamente. O Sínodo de Dort, então, expressou a posição reformada, afirmando que Cristo morreu apenas pelos eleitos, o que corresponde ao ensino bíblico. Mas a ênfase da doutrina calvinista da expiação é mais na natureza do que na extensão da expiação. A morte de Cristo não apenas possibilitou, mas assegurou de fato, para todos quantos substituiu, a justificação, a regeneração, a santificação e a glorificação, exclusivamente pelos méritos do sacrifício de Cristo. Enquanto o arminianismo diz que a expiação tornou possível a salvação de todos, o calvinismo afirma que a expiação assegura a salvação dos eleitos.

Quando as antigas doutrinas da graça pregam a expiação limitada, não se deve entender com isso que o calvinismo limite a suficiência da expiação de Cristo. Não; o sacrifício de Cristo, diferentemente dos sacrifícios oferecidos no Antigo Testamento, tem valor ilimitado, e por conseguinte, suficiente para salvar toda a raça humana; mas este não foi o propósito de Deus. A eficácia da expiação para uns e não para outros deve-se, portanto, não à sua insuficiência, mas à eleição soberana.

A expressão "expiação limitada" também não é muito feliz para expressar a doutrina calvinista da expiação, porque, na verdade, se aplica melhor ainda à doutrina arminiana. Os calvinistas limi-

tam a expiação apenas no que diz respeito à sua extensão; já os arminianos a limitam, como vimos, no seu poder, no seu valor inerente, na sua eficácia; visto que apenas torna possível a eleição de todos, mas não assegura a salvação de ninguém — o pecador é quem dará a palavra final.

ENSINO DAS CONFISSÕES REFORMADAS

O que dizem as confissões reformadas sobre o assunto? Nenhuma delas ensina a doutrina arminiana da expiação universal. Nenhuma ensina nada parecido com a doutrina arminiana que afirma que a morte de Cristo possibilita a salvação de todos, mas que não assegura a salvação de ninguém. Pelo contrário, todas afirmam que Cristo veio ao mundo e morreu para salvar um grupo limitado de pessoas: os que o Pai determinou salvar, os eleitos, os fiéis, a igreja, etc. Deve-se ter em mente, entretanto, que uma confissão de fé ou catecismo expressa, não o que o mundo ou todos crêem, mas o que a igreja crê. Assim, quando uma confissão diz: "Cristo morreu por nós", ou coisa similar, aqueles que a redigiram estão afirmando que Cristo morreu pela igreja, pelos salvos, pelos crentes, ou pelos eleitos (se a confissão expressa a doutrina da eleição). Vejamos o que dizem algumas confissões reformadas:

Confissão Escocesa:

> O mesmo eterno Deus e Pai, que somente pela graça nos escolheu em seu Filho Jesus Cristo, antes que fossem lançados os fundamentos do mundo, designou-o para ser nosso Chefe, nosso Irmão, nosso Pastor e o Grande Bispo de nossas almas. Mas, visto que a inimizade entre a justiça de Deus e os nossos pecados era tal que nenhuma carne por si mesma poderia ter chegado a Deus, foi preciso que o Filho de Deus descesse até nós e assumisse o corpo de nosso corpo, a carne de nossa carne e os ossos de nossos ossos, para que se tornasse o perfeito Mediador entre Deus e o homem... Confessamos que nosso Senhor Jesus Cristo se ofereceu ao Pai em sacrifício voluntário por nós [os eleitos], que sofreu a contradição dos pecadores, que foi ferido e açoitado pelas nossas transgressões; que, sendo o Cordeiro de Deus puro e inocente, foi condenado na presença de um juiz terreno, a fim

de que fôssemos [nós, os eleitos, é claro] absolvidos perante o tribunal de nosso Deus...[42]

Confissão de Fé dos Países Baixos:

Cremos que Deus, que é perfeitamente misericordioso e justo, enviou seu Filho para tomar a natureza na qual se havia cometido a desobediência, a fim de satisfazer e levar sobre ela o castigo dos pecados por meio de sua amarga paixão e morte. Assim pois, demonstrou Deus a sua justiça contra o seu próprio Filho quando carregou sobre Ele nossos [dos eleitos] pecados; e derramou sua bondade e misericórdia sobre nós [os eleitos] que éramos culpados e merecedores de condenação, entregando seu Filho para ser morto por nós [os eleitos], movido por um mui perfeito amor, e ressuscitando-o para nossa [dos eleitos] justificação, para que por Ele tivéssemos [nós, os eleitos] a imortalidade e a vida eterna.[43]

Segunda Confissão Helvética:

Deus, desde toda a eternidade, livremente e movido apenas pela sua graça, sem qualquer respeito humano, predestinou ou elegeu os santos que Ele quer salvar em Cristo... Além do mais, pela sua paixão e morte, e tudo o que, em sua carne e na sua vinda, Ele fez e suportou por nossa causa, nosso Senhor reconciliou o Pai celestial com todos os fiéis, expiou o pecado, desarmou a morte, arruinou a condenação e o inferno, e pela sua ressurreição dos mortos, trouxe de novo e restituiu a vida e a imortalidade. Ele é a nossa justiça, a nossa vida e ressurreição, em uma palavra, a plenitude e perfeição de todos os fiéis, a salvação e a mais completa suficiência.[44]

Quem Deus quer salvar com a morte de Cristo? Os santos a quem predestinou e elegeu. O que a sua morte alcançou? Apenas a possibilidade de salvação para todos, ou efetivamente assegurou a reconciliação, o perdão dos pecados, a justificação, a vida e a ressurreição dos fiéis (ou seja, dos eleitos)?

Confissão de Fé de Westminster:

---

[42] Capítulos VIII e IX.
[43] Artigo 20.
[44] Capítulos X e XI

> Aprouve a Deus, em seu eterno propósito, escolher e ordenar o Senhor Jesus, seu Filho Unigênito, para ser o Mediador entre Deus e o homem, o Profeta, Sacerdote e Rei, o Cabeça e Salvador de sua Igreja... e deu-Lhe desde toda a eternidade um povo para ser sua semente e para, no tempo devido, ser por Ele remido, chamado, justificado, santificado e glorificado.... O Senhor Jesus, pela sua perfeita obediência e pelo sacrifício de si mesmo... satisfez plenamente a justiça do Pai, e, para todos aqueles que o Pai lhe deu, adquiriu não só a reconciliação, como também uma herança perdurável no reino dos céus.... Cristo, com toda a certeza e eficazmente, aplica e comunica a salvação a todos aqueles para os quais Ele a adquiriu...[45]

A *Confissão de Fé Batista de 1689*, baseada na *Confissão de Westminster* confessa a doutrina da expiação limitada quase que nos mesmos termos:

> Em seu propósito eterno, e de acordo com o pacto estabelecido entre ambos, aprouve a Deus escolher e destinar o Senhor Jesus, seu Filho unigênito, para ser o Mediador entre Deus e os homens: para ser o Profeta, Sacerdote e Rei, o Cabeça e Salvador de sua Igreja... Desde toda a eternidade, Deus deu-Lhe um povo para ser sua descendência, e para que, em tempo, esse povo seja por Ele redimido, chamado, justificado, santificado e glorificado... Por sua obediência perfeita, e pelo sacrifício que fez de Si mesmo..., o Senhor Jesus satisfez plenamente a justiça de Deus, obteve a reconciliação e adquiriu uma herança eterna no reino dos céus para todos quantos foram dados a Ele pelo Pai... Cristo certamente aplica e comunica eficazmente a redenção eterna, para todos quantos Ele a obteve...[46]

O que todas estas confissões ensinam é a mais pura doutrina calvinista da expiação eficaz ou objetiva, e, portanto, limitada dos eleitos de Deus. Em Seu propósito eterno, aprouve a Deus designar a Cristo Jesus, o Seu Filho Unigênito, para ser o Salvador da Igreja. Aprouve a Cristo oferecer-se a Si mesmo para reconciliar com o Pai a todos quantos Ele lhes deu. Foi por estes que Cristo morreu: os mesmos em cujos corações aplica eficazmente a salvação que adquiriu.

---

[45] Capítulo VIII, parágrafos I, V e VIII.
[46] Capítulo 8, parágrafos 1, 5 e 8.

O QUE É EXPIAÇÃO?

Antes de prosseguirmos nosso estudo, é necessário responder a pergunta básica: o que é expiação? É a morte substitutiva de Cristo na cruz como um resgate para redimir pecadores da iniqüidade, livrando-os da culpa e do domínio do pecado. Foi para isso que Cristo veio a este mundo, morreu e intercede junto ao Pai, como demonstram os seguintes textos bíblicos:

> O Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido (Lc 19:10). Aquele que não conheceu pecado, Ele (Deus) o fez pecado por nós; para que nele fossemos feitos justiça de Deus (2 Co 5:21). Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Mc 10:45). O qual se entregou a Si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai (Gl 1:4). O qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniqüidade, e purificar para si mesmo um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras (Tt 2:14).

A expiação de Cristo nos justifica (Rm 3:24), nos reconcilia com Deus (Rm 5:1), e nos purifica (Hb 9:14). Por causa dela somos adotados (Gl 4:4-5) e recebemos a promessa de vida eterna (Hb 9:15). São estas coisas, e nada menos que isto, o que a expiação nos assegura.

INFERÊNCIA LÓGICA

Da eficácia dos decretos de Deus. Os decretos de Deus são imutáveis, eternos, soberanos e eficazes. Os propósitos eternos de Deus não podem ser frustrados pelas contingências temporais. O propósito dAquele "em quem não pode existir variação ou sombra de mudança" (Tg 1:17) não pode mudar. "Mas se Ele resolveu alguma coisa, quem o pode dissuadir? O que Ele deseja, isso fará" (Jó 23:13). "O conselho do Senhor dura para sempre, os desígnios do seu coração por todas as gerações" (Sl 33:11). "O meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade", diz o próprio Senhor, em Isaías 46:10. Assim sendo, em se admitindo que nem todos serão salvos, mas apenas um número limitado, isto implica que Deus, com a morte de Cristo, tencionou salvar apenas estes. Se o

propósito de Deus com a morte de Cristo fosse salvar todos, fatalmente todos seriam salvos.

Das demais doutrinas calvinistas. Se o homem está totalmente depravado por causa da queda; se, em conseqüência, só os eleitos de Deus são alcançados pela redenção que há em Cristo; e se a graça de Deus é irresistível; é lógico concluir que Cristo morreu pelos eleitos e não por todos. Se Cristo tivesse morrido por todos, das duas uma: ou a expiação foi deficiente, ou todos seriam salvos.

Da presciência de Deus. Se Deus conhece todas as coisas, não teria cabimento Ele tencionar que Cristo morresse por aqueles que Ele sabia (ou melhor, determinou) que se perderiam (visto que não os elegeu). Se um banquete é dado, e já sabemos, com certeza absoluta, que apenas dez dentre os amigos convidados virão, é de se esperar que o banquete seja preparado apenas para as pessoas que virão, e não para todos os convidados.

Da justiça de Deus. Se Deus é justo, como a Bíblia inquestionavelmente revela; e se a justiça de Deus exige a expiação para a concessão do perdão; e se pessoas pelas quais Cristo morreu viessem a ser condenadas, haveria dupla punição pelo pecado: uma por Cristo e outra por eles mesmos, que seriam condenados. Isto seria absurdo e em oposição flagrante à revelação bíblica.

Da natureza da obra de Cristo. A salvação que Cristo nos dá é descrita com termos que necessariamente indicam ter Ele morrido apenas pelos que são efetivamente salvos.

Quando as Escrituras afirmam que Cristo morreu pelos nossos pecados, significa que Ele se ofereceu na qualidade de substituto nosso. É o que o apóstolo afirma em Romanos 5:8, "Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores". A justiça ofendida de Deus tinha que ser satisfeita. Pois bem, Cristo morreu em nosso lugar, para satisfazer a justiça de Deus; ou seja, como propiciação pelos nossos pecados. Quem Ele substituiu? Todos? Neste caso, todos seriam salvos.

Quando as Escrituras afirmam que Cristo nos redimiu, isto significa que Ele nos comprou, nos resgatou com o pagamento de um preço: o seu sangue. O Filho do homem veio ao mundo para "dar a sua vida em resgate por muitos" (Mt 20:28). Assim, aqueles a quem resgatou, pela Sua morte, podem dizer com o apóstolo Paulo: "...nele temos a redenção, a remissão dos pecados" (Cl 1:14). Ou seja, Ele foi ao mercado (onde os escravos eram colocados à venda) e nos comprou, nos libertou da escravidão do pecado e do diabo. Como, então, Cristo pagou o preço por todos, resgatando a todos, se muitos continuam e morrerão escravos do pecado e do diabo?

As Escrituras também afirmam que "fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho" (Rm 5:10). Ou seja, aqueles por quem Cristo morreu saíram da condição de inimigos de Deus e Deus deles, e encontram-se "em paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (Rm 5:1). Esta é a condição de toda a raça humana? São todos amigos de Deus?

Se, a quaisquer dessas perguntas, responder-se: "os que crêem", isso corresponde a dizer "os eleitos", visto que, como já vimos anteriormente, a fé é dom de Deus (Ef 2:8 e 2 Ts 2:13); é o meio para a aplicação da salvação aos eleitos e não a causa da salvação deles.

EXTENSÃO DA EXPIAÇÃO

Inferências lógicas como as que mencionamos são importantíssimas. Não podemos, portanto, de modo algum desprezá-las. O apóstolo Paulo, em todas as suas cartas nos revela a importância de raciocinarmos e retirarmos conclusões baseadas nas doutrinas já biblicamente fundamentadas. "Logo", "portanto", "daí", "que diremos, pois", etc, são termos comuns nos seus escritos. As doutrinas bíblicas não podem ser desconectadas de todo o conselho de Deus. Uma doutrina não pode contradizer outras. A Bíblia é uma unidade, revelando, progressivamente, a vontade eterna imutável e soberana de Deus concernente à salvação do homem para a própria glória dEle. É certo que nem sempre podemos compreender, relacionar e sistematizar o que nos é revelado nas Escrituras; nossas limitações não o permitem. Mas a própria natureza revela a ordem,

unidade e sistematização de tudo o que Deus faz. Sempre falamos de sistemas (solar, eco-sistema, sistema respiratório, nervoso, muscular, etc.) porque descobrimos que há relação, conexão, unidade na obra da criação. Na obra da redenção não é diferente. O conhecimento teológico também é sistematizável. Nunca é demais enfatizar isso.

Não obstante, a doutrina da expiação limitada não se fundamenta apenas em inferências lógicas. Há diversos textos bíblicos que ensinam claramente que Cristo morreu por um grupo limitado e específico de pessoas. É dito repetida e explicitamente nas Escrituras, que Cristo morreu pelo "seu povo", "pela igreja", "pelas suas ovelhas", "por muitos". Ou seja, por uma parte apenas da raça humana.

As profecias messiânicas no Antigo Testamento já revelam a doutrina da expiação limitada. Em Isaías 53, lemos:

> Por juízo opressor foi arrebatado, e de sua linhagem quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo foi Ele ferido... nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca. Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der Ele a sua alma como oferta pelo pecado... a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos. Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma, e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento justificará a muitos, porque as iniqüidades deles levará sobre si... Por isso eu lhe darei muitos como a sua parte e com os poderosos repartirá Ele o despojo, porquanto derramou sua alma na morte; foi contado com os transgressores, contudo levou sobre Si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu (Is 53:8-12).

Em Mateus 1:21, o anjo anuncia a José: "ela [Maria] dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque Ele salvará o seu povo dos pecados deles". É certo que "seu povo", aqui, não significa os judeus, pois os judeus, como povo, não se salvaram; pelo contrário, rejeitaram a Cristo.

O próprio Jesus, no capítulo 10 de João diz: "Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas... Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim

como o Pai me conhece a mim e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas... Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas" (Jo 10:11,14-15,26). Em outras palavras, o que Jesus diz nestes versos é que Ele tem o seu rebanho, composto pelos que crêem nele; e que é por eles que Ele daria a sua vida. Em resumo: Jesus morreria pelas suas ovelhas.

Conselho de Paulo aos presbíteros de Éfeso: "Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a Igreja de Deus, a qual Ele comprou com o seu sangue" (At 20:28). Depois, escrevendo à Igreja de Éfeso: "Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a Si mesmo se entregou por ela" (Ef 5:25).

Hebreus 9:28: "...Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação".

Além dos textos já mencionados, há as palavras de Jesus, na oração sacerdotal, no capítulo 17 de João. O sacrifício e a intercessão de Cristo, sabemos, são dois aspectos da sua obra expiatória. Logo, ao falarmos da extensão da intercessão de Cristo, estamos falando da extensão da expiação. Aqueles pelos quais intercede são os mesmos pelos quais morreu. Pois bem, por quem Cristo intercede? "Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus, Tu mos confiaste, e eles têm guardado a tua palavra... É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus" (Jo 17:6,9). Jesus não podia ser mais claro sobre a extensão da expiação. Por que Ele morreria por todos e intercederia apenas pelos eleitos?

Se Cristo morreu pelos pecados de todos os homens, "então", como escreveu John Owen, "por que não estão todos os homens livres do pecado? Você poderá dizer: 'Por causa da incredulidade deles'. Mas eu pergunto: 'A incredulidade é um pecado?' Se não é, por que todos os homens são punidos por causa dela? Se é um pecado, então deve estar incluída entre os pecados pelos quais Cristo

morreu."[47] Ou então, a morte de Cristo não expia todos os pecados dos homens. À expiação, neste caso, é insuficiente para perdoar o pecado da incredulidade. Que absurdo!

O PROPÓSITO E RESULTADO DA EXPIAÇÃO

Os textos lidos parecem-nos suficientes como evidência bíblica da extensão limitada da expiação. Mas e quanto à natureza da expiação? O propósito da vinda de Cristo ao mundo e da sua morte foi assegurar ou apenas possibilitar a salvação? O que estes e outros textos bíblicos respondem?

Em Lucas 19:10, lemos que "o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido". Em Mateus 1:21, é dito que José deveria chamá-lo de Jesus, "porque Ele salvará o seu povo dos seus pecados". Em I Timóteo 1:15, Paulo afirma que "Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores".

Todos estes textos afirmam que Cristo veio com o propósito de efetivamente salvar, e não apenas de tornar possível a salvação. Assim, se a expiação de Cristo realmente teve o propósito de assegurar a salvação, como estes e muitos outros textos revelam; e, como o sabemos muito bem, apenas uma parte da raça humana, os eleitos, são salvos; só há duas conclusões a que podemos chegar: ou Sua vinda ao mundo e Sua morte na cruz tiveram como propósito a salvação apenas dos eleitos; ou, então, Cristo não alcançou o Seu propósito no que diz respeito aos que se perdem. Neste caso, os planos de Deus foram frustrados e o sucesso da obra de Cristo foi apenas parcial.

E quanto ao resultado da expiação? O que a Bíblia afirma? Sua morte efetivamente alcançou o que se propunha, salvando, redimindo, purificando, e reconciliando com Deus aqueles a quem se propôs fazê-lo através do seu sangue? Ou apenas possibilitou a salvação?

Lemos, em Hb 9:12, que Cristo, "...pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção". Em Hb 1:3, nos é dito que o Filho "...depois de ter feito

---

[47] J. Owen, *Por Quem Cristo Morreu?*, p. 20.

a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade nas alturas''. Em Cl 1:21, lemos que Cristo ''...vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele, santos, inculpáveis e irrepreensíveis''.

Estes textos, e muitos outros, afirmam que o propósito da expiação foi efetivamente alcançado por Cristo. Sua morte assegurou a redenção eterna, a purificação dos pecados e a reconciliação de todos os que se propôs salvar: os eleitos que o Pai lhe dera.

OBJEÇÕES

Passagens alegadamente universalistas.

Há algumas passagens bíblicas que são freqüentemente citadas em defesa da expiação universal, porque nelas é dito que Cristo morreu pelo *mundo* ou por *todos*. Mas estas alegações não procedem. São fruto de má interpretação bíblica.

O fato é que o significado e abrangência dessa palavra só podem ser determinados pelo contexto. A palavra *mundo* pode ter pelo menos cinco significados diferentes nas Escrituras: (1) O universo material: ''...nos escolheu nele antes da fundação do mundo'' (Ef 1:4); (2) O mundo como um sistema corrompido: ''...longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo'' (Gl 6:14); (3) A condição humana: ''O meu reino não é deste mundo (isto é, humano)'' (Jo 18:36); (4) O reino de Satanás: ''... aí vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em mim'' (Jo 14:30); e (5) Os habitantes do mundo.[48]

Mesmo com este último significado, a abrangência pode variar muito, e, ao invés de incluir todos os seres humanos, ter sua abrangência limitada, o que é muito comum. Assim, *mundo* pode abranger: (1) muitos homens: ''Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual vem o escândalo'' (Mt 18:7); (2) o Império Romano:

---

[48] J. Owen, *Por Quem Cristo Morreu?*, p. 59-60.

"Naqueles dias foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do Império (*todo o mundo*)[49] para recensear-se" (Lc 2:1); (3) os que não são/serão salvos (os não eleitos): "Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque Ele habita convosco e estará em vós" (Jo 14:16,17; cf. 14:22); "...o mundo (universo material) foi feito por intermédio dele, mas o mundo (os que não O receberam, que era a grande maioria dos que O conheceram na carne) não O conheceu..." (Jo 1:10); (4) boa parte da nação judaica (uma multidão): [na entrada triunfal] "Por causa disso também (da ressurreição de Lázaro) a multidão lhe saiu ao encontro, pois ouviram que Ele fizera este sinal. De sorte que os fariseus disseram entre si: ...eis aí vai o mundo após Ele" (Jo 12:18,19); (5) os homens em geral: "...eu tenho falado francamente ao mundo; ensinei continuamente tanto nas sinagogas como no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada disse em oculto" (Jo 18:20); (6) diversas pessoas em diversas partes do mundo: "...pela palavra da verdade do evangelho que chegou até vós; como também em todo o mundo está produzindo fruto e crescendo..." (Cl 1:5,6); (7) os gentios em geral: "Dirijo-me a vós outros que sois gentios!...para ver se, de algum modo, posso incitar à emulação os do meu povo e salvar alguns deles. Porque, se o fato de terem sido eles rejeitados trouxe reconciliação ao mundo..." (Rm 11:13-15; cf. v.12).

Muitas outras passagens poderiam facilmente ser acrescentadas a estas. Visto que *mundo* é um termo genérico, a abrangência designada pela palavra depende inteiramente do contexto. Especialmente nos escritos de João, é muito freqüente o uso da palavra *mundo* com abrangência limitada. No Novo Testamento, de modo geral, é muito comum, o emprego da palavra *mundo* para designar a raça humana de um modo geral, enfatizando a universalidade do evangelho que derruba as barreiras separadoras dos homens, por causa do pecado, tais como raça, classe social, sexo, idade, cultura, inteligência e erudição. Portanto, se esta regra básica de interpretação não for ob-

---

[49] Tradução literal do texto original grego (πᾶσαν τὴν οἰκουμένην).

servada, não é de se estranhar que muitas passagens alegadamente universalistas sejam objeções inteiramente sem fundamento.

A Bíblia, tendo sido escrita em linguagem humana comum, usa o modo como o homem normalmente se comunica, para revelar as verdades espirituais. E é comum usarmos este tipo de linguagem, sem que haja problema algum de comunicação. Exemplo: se eu disser, "eu queria que todo mundo viesse hoje à noite para o culto", ninguém pensaria que eu estaria me referindo a todos os seres humanos. O contexto em que falo deixa claro que me refiro aos membros desta igreja. Comumente a Bíblia é má interpretada porque se toma versículos isoladamente, à parte do contexto imediato e geral da Palavra de Deus.

Passagens alegadamente universalistas, como João 3:16, "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna"; Jo 1:29, "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo"; Jo 4:42, "Já agora não é pelo que disseste que nós cremos; mas porque nós mesmos temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo"; 1 Jo 2:2, "Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro"; e 2 Co 5:19, "Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões..."; referem-se, obviamente, à luz dos seus contextos, à raça humana de modo geral, sem distinção de raça, nacionalidade, classe social, etc; ou aos que são salvos, os que crêem, a igreja, os eleitos. Estes constituem a divisão fundamental dos habitantes da terra que o evangelho produz: o mundo dos eleitos e dos não eleitos; dos que crêem e dos que não crêem, dos salvos e dos não salvos.

Desse modo, (1) "mundo", em João 3:16, tem que ser interpretado como "todos os que crêem" (especificados a seguir), visto que no verso seguinte, na terceira ocorrência da palavra "mundo", é dito que o mundo é salvo por Ele; e só os que crêem (os eleitos) são

salvos.[50] (2) Em Jo 1:29, "mundo" tem que ser interpretado como a raça humana genericamente, sem distinção, pois as Escrituras, bem como a nossa própria experiência, deixam mais do que claro que o Cordeiro não tira o pecado de todas as pessoas do mundo. (3) Pela mesma razão, em Jo 4:42, a expressão "Salvador do mundo" significa que "não há outro Salvador para qualquer pessoa no mundo e que somente Ele salva todos quantos são finalmente salvos, em todo o mundo."[51] Esta foi a descoberta pessoal dos samaritanos, os quais passaram a crer que Ele era o Messias prometido que salvaria não apenas os judeus, como também os samaritanos. Ou alguém quer afirmar que todo o mundo será salvo do pecado?! (4) Alguém também ousa afirmar que Cristo é a propiciação pelos pecados do mundo inteiro, no sentido em que Ele foi dado por Deus como uma placa sólida de ouro (propiciatório, Rm 3:25 e Hb 9:5), que esconde todos os pecados de todos os homens, indistintamente? É isso o que significa o fato de ter Deus proposto (colocado) Jesus como propiciatório (como uma tampa de ouro que esconde nossos pecados de Deus, o qual passa a nos ver livres de qualquer culpa, através do sangue de Jesus que nos purifica de todo o pecado e nos reconcilia com Deus). Alguém afirma que o sangue de Jesus purificou todos os seres humanos do pecado? Não. Só os universalistas. O significado, aqui, é que Cristo reconciliou consigo o mundo, genericamente falando (judeus e gentios); e que Jesus é a propiciação pelos pecados não somente dos judeus (nossos — de João e da maioria dos seus destinatários eram certamente judeus), como também dos gentios. (5) Em 2 Co 5:19, "mundo" refere-se a "nos" no verso 18 e "nós" no verso 21. A quem o apóstolo se refere? O verso anterior não deixa a menor dúvida: aos "que estão em Cristo", aos que se tornaram "novas

---

[50] O que não significa que Deus não ame o mundo em geral. A bondade, misericórdia e longanimidade são manifestações do amor de Deus para com o mundo em geral. "Ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos." (Mt 5:45). Mas esta manifestações gerais do amor de Deus para com a humanidade não implica em que Ele tenha que salvar todas as pessoas, nem que Jesus tenha morrido por cada ser humano. O Deus de amor é também o Deus de santidade e justiça, de modo que Ele não pode ter por inocente o culpado (Êx 34:7 e Na 1:3), a não ser que a sua culpa seja imputada a Cristo, e que lhe seja imputada a justiça de Cristo.

[51] J. Owen, *Por Quem Cristo Morreu?*, p. 70.

criaturas''. Mundo, aqui, refere-se portanto aos salvos, aos crentes. Ou estão todas as pessoas do mundo reconciliadas com Deus em Cristo, não imputando Deus a ninguém as suas transgressões?!

Passagens que afirmam que Cristo morreu por todos.

Há também textos que, se alega, provam a expiação universal, porque *todos* deve incluir cada um dos indivíduos da raça humana. Mas o que foi dito quanto à palavra mundo, aplica-se mais ainda às expressões genéricas *todos*, *todos os homens*, etc. Só o contexto pode definir a abrangência dessas expressões. A totalidade a que se referem dependerá sempre do contexto. Além disso, essas expressões também podem ser usadas com sentido qualitativo, indicando *toda espécie* de coisas, *diferentes classes de pessoas*, como, por exemplo, judeus e gentios. O que é extremamente comum no Novo Testamento.

Vejamos alguns exemplos em que *todos* é usado sem que abranja literalmente todos os seres humanos individualmente: (1) ''Depois, ameaçando-os ainda [a Pedro e João], os soltaram, não tendo achado como os castigar, por causa do povo, porque todos glorificavam a Deus pelo que acontecera'' (At 4:21) . É evidente que ''todos'', aqui, refere-se apenas ao grupo de crentes que lá estava. (2) ''De todos sereis odiados por causa do meu nome'' (Lc 21:17). É claro que ''todos'', aqui, não inclui os crentes. ''Todos'' significa os descrentes de todas as nações (ver Mt 24:9). (3) Os judeus com referência a Paulo: ''Este é o homem que por toda parte ensina todos a serem contra o povo, contra a lei e contra este lugar...'' (At 21:28). Não se pode supor que ''todos'', aqui, inclua toda a raça humana. É impossível.

Esses exemplos, que poderiam ser multiplicados indefinidamente, são suficientes para mostrar que é tolice asseverar que os termos ''todos'', ''todos os homens'', etc., têm que ser abrangentes, incluindo toda a raça humana indistintamente. Basta prestarmos atenção, e observaremos que, a todo instante, estamos usando estes termos abrangendo os mais variados grupos de pessoas e coisas. Quando eu digo, em casa, que vamos todos para a Igreja, é óbvio que me refiro apenas à minha família. Qualquer criança que estude matemática

sabe, ao estudar os conjuntos, que todos os elementos de um conjunto podem ir de zero (conjunto vazio) ao infinito. Todas as operações dependerão do número de elementos dos conjuntos envolvidos. Não é diferente com a linguagem.

Consideremos alguns dos textos, os quais, segundo os arminianos, contradizem a doutrina da expiação limitada:

Em Hb 2:9, "...para que [Jesus], pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem"; no original não existe a palavra "homem", mas apenas todos. Logo, todo homem já é uma limitação. Por que não incluir os anjos? Por outro lado, por que não limitar "todos" a apenas "muitos filhos" (verso 10), ou "os santificados" (verso 11), ou "os filhos que Deus me deu" (verso 13)? Foi por estes, por todos estes, mas só por estes que Cristo provou a morte.

I Co 15:22: "Porque assim como em Adão todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo", é outro texto muito citado contra a doutrina da expiação limitada. Mas a vivificação a que o texto se refere não tem nada a ver com a regeneração (a vivificação espiritual). Paulo se refere, aqui, à ressurreição do corpo, escatológica. Ele está provando que Cristo ressuscitou, e, assim como Ele ressuscitou, nós também ressuscitaremos. Além disso, a abrangência de "todos" os vivificados neste versículo, é especificada no verso seguinte: "Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois os que são de Cristo, na sua vinda" (verso 23). "Os que são de Cristo" é que serão vivificados na sua vinda. Só os universalistas defenderiam que todos seres humanos indistintamente serão vivificados. Mas estes são reconhecidamente heréticos.

Outro texto muito explorado em defesa da expiação universal é I Timóteo 2:4-6: "o qual [Deus] deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade. Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem. O qual a si mesmo se deu em resgate por todos...". Mas o significado de "todos", aqui, é claríssimo. Qual foi a orientação de Paulo a Timóteo nos versos anteriores? Verso 1: "Antes de

tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graça, em favor de todos os homens''. Quem são todos os homens? Verso 2: ''...em favor dos reis, e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranqüila e mansa, com toda a piedade e respeito.'' É aos reis e às autoridades que Paulo se refere aqui. Sua exortação a Timóteo é no sentido de que a igreja intercedesse em favor deles, pois Cristo não morreu apenas em favor de escravos, pobres ou cidadãos comuns, mas em favor de toda classe de pessoas, inclusive reis e autoridades.[52]

Em II Pedro 3:9, ''Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, Ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento'', Pedro está explicando que a aparente demora do retorno de Cristo é prova da Sua longanimidade para ''convosco'', ou seja, para os seus leitores. A abrangência de ''nenhum pereça'' e ''todos cheguem ao arrependimento'' é determinada no próprio verso: ''convosco'' = os destinatários da carta; a classe de pessoas às quais ele está escrevendo. Quem são eles? Nesta carta são ''os que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo'' (2 Pe 1:1). Na primeira carta são chamados de ''eleitos que são forasteiros da Dispersão... eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo...'' (1 Pe 1:1-2). O que Pedro está dizendo é que a aparente demora de Cristo é prova da Sua longanimidade para com os eleitos, pois não pode permitir que nenhum deles pereça. Pelo contrário, o que Deus quer é que todos os que foram eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, que os amou e escolheu antes da fundação do mundo, te-

---

[52] Mesmo que ''todos os homens'', neste texto, abrangesse toda a raça humana, ainda assim a passagem não poderia ser usada como argumento contra a doutrina da expiação limitada. O verbo *deseja*, aqui empregado (θέλει), designa freqüentemente aquilo que Deus gosta, aquilo que ele tem prazer. O calvinismo não afirma que Deus tem prazer na condenação dos pecadores. Deus não tem prazer na morte do perverso, mas sim que este se converta e viva (Ez 33:11). Contudo, embora não seja *desejo* (θέλημα) de Deus que alguém pereça, a condenação dos não-eleitos faz parte do *propósito* (πρόθεσις) eterno, da sua *determinação*, do seu *desígnio*, da sua *resolução* (βουλή).

nham — como por certo terão — a oportunidade para que o Espírito opere em seus corações a fé e o arrependimento. Enquanto não se completar o número dos eleitos de Deus, isto é, enquanto todos os que foram escolhidos por Ele não forem alcançados pelo evangelho e pela ação soberana do Seu Espírito, Deus será paciente, e Jesus não retornará.

Rm 5:18 é outro texto que, segundo os arminianos, comprova a expiação universal. "Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida". Mas logo no verso seguinte a expressão genérica "todos os homens" é delimitada: "...por meio da obediência de um só muitos se tornarão justos." Quem são estes muitos? É só ler a primeira parte do capítulo 5 (versos 1-11) e o capítulo 6 que não restará nenhuma dúvida. Se necessário, podemos retroceder um pouco mais e ler Rm 4:23-25.

CONCLUSÃO

A verdade é que a grande maioria dos que rejeitam a doutrina da expiação limitada nunca parou para examinar estes textos, à luz dos seus contextos. Muitos nem mesmo sabem que "mundo" e "todos" ou "todos os homens" são termos genéricos com abrangência comumente limitada pelo contexto, como acabamos de demonstrar. Não é de estranhar, portanto, que suas conclusões coloquem as Escrituras contra as Escrituras. Os defensores da expiação universal também nunca levaram suas doutrinas às últimas conseqüências. Nunca as conectaram e relacionaram com as demais doutrinas bíblicas, discernindo, assim, um sistema coerente e harmônico. Pode parecer bonito ou bíblico afirmar que Cristo morreu pelo mundo ou por todos. Mas se, por tal afirmativa, se quer dizer que Ele salvou a todos, é heresia. Se se quer dizer que é apenas Seu propósito, os planos de Deus foram frustrados. Se for apenas potencialmente por todos, trata-se de uma afirmativa sem significado algum.

O que nós, calvinistas, queremos enfatizar com a doutrina da expiação limitada, é que *Cristo é a nossa redenção*. Nele, "...temos

a redenção, a remissão dos pecados" (Ef 1:7 e Cl 1:14). Ele não apenas a tornou possível, mas *é* a nossa redenção. Ele pagou o preço e nos comprou de fato. Tão objetiva foi a expiação, tão real foi a morte substitutiva de Cristo em nosso lugar, que, no momento em que Ele morreu por nós (os eleitos), Deus "nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor" (I Co 1:13). Do ponto de vista divino, quando Cristo ressuscitou, ressuscitaram juntamente com Ele todos os eleitos, e nos assentamos "nos lugares celestiais em Cristo Jesus" (Ef 2:6).

A expiação de Cristo, para nós (os eleitos), de fato nos livra de perecermos (Jo 3:16). O Cordeiro de Deus tirou realmente os nossos pecados e os levou sobre Si (Jo 1:29). Jesus é realmente propiciação pelos nossos pecados e pelos pecados de qualquer um dos Seus eleitos espalhados pelo mundo (Jo 2:1-2). A morte de Cristo nos reconciliou mesmo com Deus, de modo que não nos são mais imputadas as nossas transgressões (2 Co 5:19). Por isso tudo, Jesus é o nosso Salvador, pois salva; de fato salva; verdadeiramente salva o Seu povo dos seus pecados. Aleluia! "Digno és de tomar o livro e de abrir-lhes os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação" (Ap 5:9).

GRAÇA EFICAZ

As antigas doutrinas da graça são um sistema lógico, coerente e harmônico. Os assim chamados pontos do calvinismo revelam como é possível a redenção eterna de pessoas totalmente depravadas, em conseqüência do pecado original, pelo Deus Triúno: o Pai elege incondicionalmente, o Filho redime objetivamente os eleitos, e o Espírito Santo aplica eficazmente a redenção ao coração daqueles por quem Cristo morreu. A doutrina calvinista da graça eficaz diz respeito, portanto, à aplicação da obra da redenção ao coração dos eleitos de Deus. O Pai elege, Cristo redime e o Espírito Santo aplica a graça redentora de Deus aos eleitos, chamando-os irresistivelmente para a salvação.

Se o homem em estado de pecado está totalmente corrompido, em conseqüência da queda, e espiritualmente incapacitado para salvar-se, visto que "está morto em seus delitos e pecados"; se Deus escolheu soberanamente, antes da fundação do mundo, aqueles em quem manifestaria a Sua misericórdia, designando-os para a salvação; e se Cristo expiou de fato (objetivamente) o pecado dos eleitos, através da Sua vida, sacrifício e intercessão; então segue-se, necessariamente, que esta graça salvadora, redentora e santificadora do Deus Triúno será eficazmente aplicada e os eleitos de Deus serão irresistivelmente chamados por ela para serem justificados, santificados e glorificados.

Esta é a lógica bíblica:

> Sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados (eleitos) segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu (amou), também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho... E aos que predestinou, a esses também chamou (eficaz e irresistivelmente, é cla-

ro); e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou. (Rm 8:28-30).

Entretanto, ao afirmar a doutrina da graça eficaz ou do chamado irresistível, o calvinista não quer dizer, com isso, que os eleitos de Deus não opõem nenhuma resistência à graça salvadora; nem que sejam convertidos à força, contra a vontade. O que a doutrina afirma é que a ação do Espírito Santo não poderá ser eficazmente resistida; isto é: o Espírito Santo agirá de tal modo que, sem violar a vontade humana, restaurará suas faculdades espirituais corrompidas com a queda. Isto de tal modo que, restaurada sua visão espiritual, seu intelecto discirna a palavra da verdade e sua vontade seja persuadida pelo Espírito Santo de Deus, ele se arrependa, creia no evangelho, e a salvação que Cristo objetivamente adquiriu para ele se efetive subjetivamente. Em outras palavras, ninguém reclamará por ter sido salvo, nem aqui, nem na glória; por outro lado, ninguém que discirna o evangelho e deseje sinceramente a salvação será lançado no inferno; quem quer realmente vir a Cristo para ser salvo, é eleito de Deus.

ENSINO DAS CONFISSÕES REFORMADAS

Confissão Escocesa:

...por natureza somos mortos, cegos e perversos, de maneira que nem sequer sentimos quando somos aguilhoados, nem vemos a luz quando brilha, nem podemos assentir à vontade de Deus quando ela se revela, se o Espírito de nosso Senhor não vivificar o que está morto, não remover as trevas de nossas mentes e não dobrar a rebelião dos nossos corações à obediência da sua bendita vontade. Dessa forma, assim como confessamos que Deus, o Pai, nos criou, quando ainda não existíamos, assim como o seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, nos redimiu quando éramos seus inimigos, assim também confessamos que o Espírito Santo nos santificou e regenerou, sem qualquer respeito a qualquer mérito nosso — seja anterior, seja posterior à nossa regeneração. Para deixar isto ainda mais claro: como de boa vontade renunciamos a qualquer honra e glória pela nossa própria criação e redenção, assim também o fazemos pela nossa regeneração e santificação, pois, por nós mesmos, nada de bom somos capazes de pensar,

mas só Aquele que em nós começou a obra nos faz continuar nela, para o louvor e glória de sua graça imerecida.[53]

Confissão de Fé dos Países Baixos:

Cremos que para obter verdadeiro conhecimento deste grande mistério (da redenção que há em Cristo), o Espírito Santo infunde em nossos corações uma fé sincera, a qual abraça a Jesus Cristo juntamente com todos os seus méritos... Cremos que esta fé verdadeira, havendo sido operada no homem pelo ouvir a Palavra de Deus e pela ação do Espírito, o regenera, o faz um novo homem, faz com que viva uma vida nova, e o liberta da escravidão do pecado.[54]

Confissão de Fé de Westminster:

Todos aqueles que Deus predestinou para a vida, e só esses, é Ele servido, no tempo por Ele determinado e aceito, chamar eficazmente pela sua palavra e pelo seu Espírito, tirando-os por Jesus Cristo daquele estado de pecado e morte em que estão por natureza, e transpondo-os para a graça e salvação. Isto Ele o faz, iluminando os seus entendimentos espirituais a fim de compreenderem as cousas de Deus para a salvação, tirando-lhes os seus corações de pedra e dando-lhes corações de carne, renovando as suas vontades e determinando-as pela sua onipotência para aquilo que é bom e atraindo-os eficazmente a Jesus Cristo, mas de maneira que eles vêm mui livremente, sendo para isso dispostos pela sua graça. Esta vocação eficaz é só da livre e especial graça de Deus e não provém de qualquer cousa prevista no homem; na vocação, o homem é inteiramente passivo, até que, vivificado e renovado pelo Espírito Santo, fica habilitado a corresponder a ela e a receber a graça nela oferecida e comunicada.[55]

Confissão de Fé Batista de 1689:

Aqueles a quem Deus predestinou para a vida, Ele se agrada em chamar eficazmente, no tempo aceitável e por Ele mesmo determinado, por meio de sua Palavra e de seu Espírito; do estado natural de pecado e morte, para a graça e a salvação por Jesus Cristo. Isso Deus faz iluminando-lhes a mente de maneira espiritual e salvadora, para que compreendam as coisas de Deus; tirando-lhes o coração de pedra e

---

[53] Capítulo XII.
[54] Artigos 22 e 24.
[55] Capítulo X, parágrafos I e II.

dando-lhes um coração de carne; renovando-lhes a vontade e, pela sua onipotência, predispondo-os para o bem e trazendo-os irresistivelmente para Jesus Cristo. No entanto, eles vêm a Cristo espontânea e livremente, porque a graça de Deus lhes dispõe o coração para isso. A chamada eficaz é resultante da graça especial e gratuita de Deus, e não de algo que de antemão seja visto no homem; e nem de poder algum ou ação da criatura cooperando com a graça especial de Deus. Por estar morta em pecados e transgressões, a criatura mantém-se totalmente passiva, até que, na chamada eficaz, ela seja vivificada e renovada pelo Espírito Santo. A pessoa, então, é habilitada a responder a essa chamada e a abraçar a graça que ela comunica e oferece. Para isso é necessário um poder que de modo nenhum é menor do que aquele que ressuscitou a Cristo dentre os mortos.[56]

A DOUTRINA ARMINIANA

O arminianismo não crê em uma graça eficaz; não crê em um chamado irresistível do Espírito Santo; não crê na soberania de Deus em aplicar, através do Espírito, a obra da redenção realizada por Cristo. Para eles, a graça de Deus, no que diz respeito à aplicação da salvação, se restringe a uma persuasão moral feita indistintamente a todos os homens pela pregação da Palavra. A aplicação da redenção à alma do homem não depende da ação soberana do Espírito Santo, mas da decisão soberana da vontade humana.

O que determina a salvação, para os arminianos, não é a eleição, da parte do Pai, a expiação, da parte do Filho, nem o chamado do Espírito, mas a decisão do pecador. Visto que, para eles, a queda não corrompeu totalmente o homem, que a eleição não passa de uma corroboração da parte do Pai da antevista decisão humana, e que a redenção foi mera expiação potencial do pecado universal, não é de estranhar que a aplicação da redenção seja também determinada pela toda-poderosa, livre e soberana vontade humana. Assim, os redimidos, para os arminianos, não são aqueles a quem o Pai elegeu, o Filho redimiu, e o Espírito eficazmente chamou, mas aqueles que decidiram aceitar a oferta geral e indistinta da graça universal de Deus em Cristo, pela pregação do evangelho.

---

[56] Capítulo 10, parágrafo 3.

Além de condicionar toda a obra da redenção à decisão do homem, atribuindo a ele as virtudes do arrependimento, fé e decisão, em total desconsideração à incapacidade espiritual do homem e à soberania dAquele que faz todas as coisas conforme o conselho da Sua vontade, a doutrina arminiana da redenção aproxima-se bastante do deísmo. Oposta à heresia do panteísmo, que confunde Deus com a natureza e crê num Deus totalmente imanente, o deísmo é outra heresia que afirma que Deus criou o mundo e se afastou. O deísta crê num Deus totalmente transcendente; num Deus criador, mas não mantenedor. Embora afirme crer que o universo foi criado por Deus, não crê que esse Deus possa ou queira interferir ou intervir soberanamente na criação, visto que esta subsiste seguindo as leis inexoráveis que a governam. Para o deísmo, tudo agora depende do homem, pois se Deus existe ou não, é irrelevante, posto que não interfere e a criação foi entregue totalmente ao homem, cabendo-lhe descobrir as leis da natureza, adaptar-se a elas, controlá-las e decidir seu progresso (que se confunde com salvação).

A doutrina arminiana da redenção, no mínimo, se assemelha ao deísmo. O que os deístas crêem com relação à criação não está muito distante do que os arminianos crêem com relação à redenção. O Deus dos arminianos é um Deus transcendente no que diz respeito à obra da redenção. Ele redime apenas potencialmente, ou seja, possibilita que o homem se salve. O Deus dos arminianos é um Deus distante; Ele possibilitou a salvação e se afastou; Ele não interfere ou intervém soberanamente, na aplicação da redenção. Cristo expiou potencialmente a culpa pelo pecado de todos os homens, e o Espírito oferece a graça geral de Deus indistintamente; esta é a lei da redenção. Agora, tudo depende do homem. A aplicação ou não da redenção ao pecador não depende da vontade livre e soberana de Deus através da operação eficaz do Espírito Santo, mas da decisão humana. Deus fez a sua parte e se afastou. Agora é com o homem. Não é isto uma espécie de "redenção deísta", muito parecida com a "criação deísta"?

GRAÇA COMUM E GRAÇA ESPECIAL

A doutrina calvinista da graça eficaz deve ser entendida à luz da doutrina da graça como um todo. A graça de Deus é o atributo divino que faz com que Ele manifeste Seu favor ao homem, agindo para com ele misericordiosa, bondosa e longanimamente. Quando o calvinista fala de graça eficaz, ele fala de uma das características da graça especial de Deus. Ou seja, do Seu favor imerecido com relação à salvação dos eleitos. Esta é a sublime manifestação do amor de Deus para com o homem. Mas há outras. O favor imerecido de Deus para com a criatura, e para com o homem em especial, se manifesta de diversos modos, tanto para com os eleitos como para com os não eleitos. Essas manifestações gerais da graça de Deus são chamadas "graça comum" ou "graça geral".

Estas duas manifestações da graça de Deus são essencialmente diferentes. A graça especial é espiritual, no sentido salvífico; a graça comum é natural (nenhuma quantidade dela pode salvar). A graça especial é apenas para os eleitos; a graça comum é para todos. A graça especial é uma ação sobrenatural do Espírito Santo; a graça comum é Sua ação ordinária. A graça especial é regeneradora, isto é, cria uma nova natureza no homem que se torna co-participante da natureza divina de Cristo; enquanto que a graça comum não altera a natureza humana que continua depravada e caída. A graça especial é justificadora, livra da culpa do pecado, reconciliando o homem com Deus; a graça comum não altera o estado legal do homem, que continua culpado, por maior que seja a proporção da bênção de Deus que receba. A graça especial é santificadora, livra do domínio do pecado; a graça comum pode apenas restringir a influência do pecado.

Finalmente, outra característica distintiva e essencial da graça especial de Deus é que ela é eficaz, irresistível. A graça especial é irresistivelmente aplicada, produzindo o que foi dito acima; enquanto que a graça comum jamais produzirá quaisquer desses resultados. A graça especial não se restringe à persuasão moral; ela inclui também a operação eficaz do Espírito Santo.

A graça comum pode ser não moral ou moral (quanto aos resultados). A graça comum não-moral refere-se às bênçãos gerais de Deus, tais como a chuva, o sol, o alimento, o vestuário, a moradia, etc., as quais, até certo ponto, são indistintamente distribuídas tanto aos eleitos como aos não eleitos. A graça comum moral refere-se aos resultados morais produzidos pela persuasão moral (uma operação geral do Espírito Santo) que, através dos governos, leis, opinião pública e consciência, restringe o pecado e produz certo grau de decência, ordem, justiça, moral, verdade, ciência, etc.

Outra graça comum moral é a influência do evangelho: a pregação da Palavra (chamamento externo), fazer parte da igreja visível (ser um crente nominal), o convívio e testemunho dos eleitos, a disciplina eclesiástica, etc. Os judeus do AT, os filhos dos crentes, e os que freqüentam a igreja gozam dessa bênção que não deve ser menosprezada — como disse o Pr. Francisco Leonardo, é uma grande bênção estar no lugar certo. Mas não se deve confundir esta graça com a graça especial (eficaz). A compreensão desta graça de Deus permite o entendimento de Hebreus 6:4-6.

O esquema a seguir ajuda a compreender as diferentes manifestações da graça de Deus:

GRAÇA	Comum	Não moral (bênçãos gerais): Sol, chuva, alimento, saúde, vestes etc	
		Moral (persuasão moral)	Operação geral do Esp. Sto.: Governo, decência, ordem, justiça...
			Influência do Evangelho: Pregação, testem. dos eleitos, disciplina...
	Especial	Persuasão moral + Operação eficaz do Espírito Santo	

O ENSINO BÍBLICO

Assim como acontece com relação às outras doutrinas calvinistas, a doutrina da graça eficaz ou da vocação irresistível é clara e abundantemente revelada nas Escrituras. O arminianismo afirma que é a decisão humana que determina sua salvação; a doutrina da graça eficaz nega ao homem a soberania sobre sua vida; e afirma que é o próprio Deus quem inclina o coração do pecador para Si.

Antigo Testamento

O que diz o AT? O salmista cria que é Deus quem inclina o coração do homem: "Inclina-me o coração aos teus testemunhos, e não à cobiça" (Sl 119:36). Salomão também: "Como ribeiro de águas, assim é o coração do rei na mão do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina" (Pv 21:1).

Qual a convicção de Jeremias quanto a isso? "Eu sei, ó Senhor, que não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos" (Jr 10:23). Este é o ensino geral. Não cabe ao homem determinar o seu caminho; muito menos, é claro, no que diz respeito à salvação. "Cura-me, Senhor, e serei curado, salva-me e serei salvo; porque tu és o meu louvor" (Jr 17:14). O propósito de tal linguagem não é outro, senão enfatizar que se Deus se propõe a fazer algo, tal coisa será efetivamente realizada. E que a salvação aqui mencionada não se limita ao livramento das garras dos inimigos, fica evidente do contexto anterior, especialmente a partir do verso 5.

A cada passo, a revelação torna-se mais clara: "Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor. Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo" (Jr 31:33). A seguir: "Dar-lhes-ei um só coração e um só caminho, para que me temam todos os dias, para seu bem e bem de seus filhos. Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim" (Jr 32:39-40). Certamente não se pode aplicar tal promessa à nação judaica como um todo — "pois nem todos os de Israel são de fato israelitas; nem por serem descendentes de Abraão são todos seus filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é, estes filhos de Deus não são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa" (Rm 9:6-8) — mas ao "remanescente segundo a eleição da graça" (Rm 11:5).

O texto de Ezequiel 36:26 é bem conhecido; e também impossível que se limite a Israel segundo a carne: "Dar-vos-ei coração

novo, e porei dentro em vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne". Para que não fique qualquer dúvida que tal linguagem se refere à aplicação da obra da redenção operada na alma pela pregação da Palavra e operação eficaz do Espírito Santo, podemos ler em 2 Co 3:2-3: "Vós sois a nossa carta, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens, estando já manifestos como carta de Cristo, produzida pelo nosso ministério (pregação da Palavra), escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivente, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, nos corações."

Novo Testamento

Vamos para o Novo Testamento, aonde a revelação da doutrina da graça eficaz torna-se cristalina:

O que dizem os Evangelhos? Que os que crêem no seu nome "não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus". Foi Ele, Cristo, quem "deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus" (Jo 1:12-13). Que "...se alguém não nascer de novo (do alto), não pode ver o reino de Deus" (Jo 3:3). O que Jesus queria dizer? Ele explica a seguir (v. 5): "Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus". No verso 8, Jesus deixa claro a soberania do Espírito Santo em aplicar a obra da redenção: "O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito".

A explicação que Jesus nos dá em Jo 6:37,44, dificilmente poderia ser mais explícita: "Todo aquele que o Pai me dá (os eleitos), esse virá a mim (será irresistivelmente chamado); e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora ... Ninguém pode vir a mim (ninguém obedecerá ao evangelho) se o Pai que me enviou não o trouxer (se não for irresistivelmente chamado pelo Espírito); e Eu o ressuscitarei no último dia." O que estes versículos afirmam, em outras palavras, é que os eleitos serão irresistivelmente chamados; e que ninguém obedecerá ao chamado externo do evangelho, se não for irresistivelmente chamado pelo Pai através do Seu Espírito.

O que lemos no Livro de Atos? No capítulo 15, encontramos Paulo e Barnabé, a caminho de Jerusalém. Então lemos, nos versos 3, 4 e 9, que eles, "...narrando a conversão dos gentios, causaram grande alegria a todos os irmãos. Tendo eles chegado a Jerusalém, foram bem recebidos pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros, e relataram tudo o que Deus fizera com eles... E não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes pela fé os corações". O que é dito neste texto é que foi o próprio Deus quem operou a conversão dos gentios, purificando-lhes os corações pelo Seu Espírito, através da fé. Quando os apóstolos queriam explicar as conversões, não o faziam em termos de uma *persuasão geral*, mas por uma ação efetiva, específica, objetiva e eficaz do Espírito Santo. Era Ele quem efetivamente estava aplicando a redenção aos seus corações "purificando-lhes pela (por meio da) fé os corações".

E o apóstolo Paulo; o que tem ele a dizer sobre a aplicação da obra da redenção? Em Romanos 9:16, falando sobre os verdadeiros israelitas (os judeus crentes), o apóstolo conclui, como já vimos ao tratarmos da eleição incondicional: "...não depende de quem quer ou de quem corre (livre-arbítrio humano), mas de usar Deus a sua misericórdia (graça eficaz)". Ainda escrevendo aos Romanos, no capítulo 11, versos 4 a 7, ele não poderia ser mais claro quanto à graça eficaz de Deus para com os judeus. Rebatendo a insinuação de que Deus teria rejeitado o Seu povo, Paulo cita 1 Re 9:18, quando Deus diz: "Reservei para mim sete mil homens, que não dobraram joelhos diante de Baal (os eleitos de Deus naquela época)". Então explica: "Assim, pois, também agora, no tempo de hoje, sobrevive um remanescente segundo a eleição da graça (os judeus eleitos pela graça de Deus, contemporâneos de Paulo). E se é pela graça, já não é pelas obras; caso contrário, a graça já não é graça. Que diremos, pois? O que Israel busca (pelas obras), isso não conseguiu; mas a eleição o alcançou (chamado eficaz dos eleitos); e os mais (judeus não eleitos) foram endurecidos".

Vejamos o que o Apóstolo diz em 1 Co 1:26-28:

> Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação (chamado eficaz); visto que não foram chamados (eficazmente) muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo

> contrário, Deus escolheu as cousas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as cousas fracas do mundo para envergonhar os fortes; e Deus escolheu as cousas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus.

Os crentes de Corinto estavam se vangloriando em homens (deixando-se levar pelo partidarismo). De modo que alguém dizia: "Eu sou de Paulo; e outro: eu, de Apolo" (1 Co 3:4). É então que Paulo pergunta:

> Quem é Apolo? e quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um. Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, *mas Deus, que dá o crescimento*. (1 Co 3:5-7).

A vocação para a salvação, diz Paulo, não depende de nenhuma virtude humana, nem mesmo dos ministros, mas de Deus. É Ele quem soberanamente chama; é dEle que vem a frutificação. Através da pregação da Palavra vem apenas o chamamento externo, a persuasão moral; mas, sem a ação eficaz do Espírito Santo de Deus, não adianta plantar nem regar, pois o crescimento vem de Deus. Segundo a doutrina arminiana, Paulo deveria ter dito: "Eu plantei, Apolo regou, mas a frutificação vem do exercício do livre-arbítrio de vocês".

Já mencionamos 1 Co 3:2-3 (em conexão com Ez 36:26):

> Vós sois a nossa carta, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens, estando já manifestos como carta de Cristo, produzida pelo nosso ministério (pregação da Palavra), escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivente, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, nos corações.

A igreja de Corinto era uma carta viva de recomendação do ministério do apóstolo Paulo. Através da pregação dele, ela havia chegado ao conhecimento da verdade e se convertido. Quem, na verdade, operou eficazmente no coração daqueles irmãos? O Espírito do Deus vivente. Foi Ele quem efetivamente aplicou a pregação de Paulo para retirar deles um coração de pedra, e conceder-lhes um coração de carne.

Em Ef 1:18, o apóstolo Paulo ora a Deus para que Ele conceda aos crentes de Éfeso discernimento espiritual, para que compreendam "...a esperança do seu chamamento" (v. 18), ou seja, a firmeza da vocação de Deus; isto é, a eficácia da sua graça especial, através do chamado irresistível do Espírito Santo. Compreendendo isto, eles compreenderiam "...a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder" (v. 19). Ou seja: a natureza do poder que opera em nós, os que cremos. A vocação irresistível do Espírito Santo revela a eficácia da força do poder de Deus. Só tal poder pode vivificar um coração morto, restaurar as faculdades espirituais de um pecador, restaurar sua mente, e inclinar sua vontade para Deus. Que poder é este? O apóstolo explica: é o mesmo poder, "...o qual exerceu Ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos, e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais" (v. 20).

Como opera tal poder de Deus na aplicação da obra da redenção? O que faz a graça eficaz? Basta prosseguirmos na leitura. Nos primeiros versículos do capítulo dois, o apóstolo responde: "Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados" (2:1). Estávamos sendo levados pela correnteza, mortos no pecado, e incapazes de resistir. "Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou..." (v. 4). "Mas Deus..." Nós estávamos impotentes, totalmente depravados espiritualmente. "*Mas Deus...*" — não nós, mas Deus —, movido pela Sua misericórdia e amor, nos vivificou, "...nos deu vida juntamente com Cristo" (v. 5). "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" (v. 8,9). A suprema riqueza da graça de Deus se manifestou em bondade para com os mortos espirituais escolhidos pelo Pai antes da fundação do mundo. E o mesmo poder que Ele exerceu em Cristo para ressuscitá-Lo dentre os mortos, também exerceu para vivificar os nossos corações, pela eficácia da Sua graça. E Ele nos salvou pela Sua graça, mediante a fé. E isto não vem de nós, para que ninguém se glorie. Não foi pelos méritos do nosso livre-arbítrio, mas pela suprema riqueza da Sua soberana graça, através da atuação poderosíssima do Seu Espírito (conferir Cl 2:11-15).

"O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo;" escreve o apóstolo aos tessalonicenses, "e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo." Então ele acrescenta: "*Fiel é o que vos chama, o qual também o fará*"(1 Ts 5:23-24). A fidelidade do que nos chama se manifesta na eficácia da graça. Não há dúvida: O que nos chama o faz eficazmente. A explicação para a tão grande transformação operada em nós não está no nosso "livre-arbítrio" ou na soberana decisão humana, mas no "...poder de Deus, que nos salvou e nos chamou com santa vocação (chamado irresistível); não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação (eleição) e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos". É essa a explicação do Apóstolo Paulo, escrevendo a Timóteo (2 Tm 1:8c-9)

Quando o apóstolo Paulo aconselha Tito a exortar os crentes sobre seus cuidados, a que sejam submissos e obedientes às autoridades, e a não serem difamadores nem altercadores, mas cordatos para com todos os homens (Tito 3:3-7), ele o faz com a seguinte argumentação: "Pois nós também outrora, éramos néscios, desobedientes, desgarrados, escravos de toda sorte de paixões e prazeres, vivendo em malícia e inveja, odiosos e odiando-nos uns aos outros". Não podemos esquecer que tais fomos outrora. Pois bem, quem foi o responsável pela nossa mudança? A nossa decisão? Não. "Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com os homens, não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador, a fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna". Éramos todos néscios e ímpios. O que nos transformou? Qualquer obra de justiça? Não. A graça eficaz de Deus que nos regenerou através do Seu Espírito. Não podemos difamar ninguém, pois o que nos diferencia dos governantes e autoridades ímpias é a graça especial de Deus que nos chamou e arrancou desse mesmo estado, pelo chamado irresistível do Seu Espírito.

Nos parece bem apropriado relembrar as palavras de Tiago, ao tratar do dom maior da salvação das nossas almas:

> Não vos enganeis, meus amados irmãos. Toda boa dádiva e todo dom perfeito é lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação, ou sombra de mudança. Pois segundo o seu querer, Ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas (Tg 1: 16-18).

Não vos enganeis, a melhor das dádivas, a graça da salvação é dom de Deus. É Ele quem nos regenera, pelo Seu Espírito, através da palavra da verdade. "Desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor" é a exortação de Paulo aos amados filipenses no capítulo 2, verso 12, da sua carta a eles dirigida. Mas ele se apressa em deixar claro que "Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2:13). Não nos enganemos irmãos; ao invés de tributar qualquer mérito ao nosso "livre-arbítrio" ou a nossa própria vontade ou decisão, é melhor considerarmos que Jesus é tanto o Autor como o Consumador da fé (Hb 12:2); que é Deus quem opera em nossos corações a graça especial da salvação. É o Seu Espírito — não nós — quem opera tanto o querer como o realizar a Sua boa vontade.

OBJEÇÃO

A objeção comumente levantada contra a doutrina da vocação eficaz é que ela viola a vontade, a "livre vontade" do homem, forçando-o a crer em Deus contra a sua vontade. Quanto a isso, temos a dizer o seguinte:

Não é esta a afirmativa calvinista. O calvinista afirma que a graça eficaz não faz violência à vontade do homem. Ele não é salvo à força, a pulso, contra a sua vontade. A própria *Confissão de Fé de Westminster* deixa claro que cremos que o chamado irresistível do Espírito Santo é feito aos eleitos "de maneira que eles vêm mui livremente, sendo para isso dispostos pela sua graça".

A vontade do homem em seu estado natural não é livre, mas sim escrava do pecado, como a Bíblia ensina, e já a consideramos quando estudamos a depravação total do homem. Como resultado da

queda, a natureza pecaminosa do homem o escraviza, desqualificando-o espiritualmente para responder positivamente ao evangelho, tornando-o inclinado e ativo para a prática do mal. Como rebelde e inimigo de Deus, ele, por natureza, não se sujeita à lei de Deus; visto que o "...pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar" (Rm 8:7).

Longe de violar a vontade do homem, a graça eficaz ou chamado irresistível do Espírito Santo liberta a vontade escravizada do homem, iluminando o seu coração, retirando-o das trevas espirituais, habilitando-o a compreender a palavra da verdade. "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará". É isto o que acontece. A graça especial de Deus age eficazmente na mente do homem, restaurando sua capacidade espiritual perdida com a queda, restabelecendo sua visão espiritual, e possibilitando que sua vontade seja persuadida e convencida pelo evangelho da graça de Deus em Cristo, se arrependa, creia e se converta do pecado.

Ninguém, repito, reclamará por ter sido salvo, nem aqui, nem na glória; ninguém vem a Cristo a pulso; ninguém irá para o céu contra a sua vontade; nenhum dos habitantes da Nova Jerusalém murmurará por ter sido libertado da escravidão do pecado e convencido a crer no evangelho pela graça de Deus. Por outro lado, ninguém que discirna o evangelho e deseje sinceramente a salvação será lançado no inferno; quem quer realmente vir a Cristo para ser salvo é eleito de Deus. Nenhum dos que serão lançados no inferno poderá dizer que almejava a glória, desejava os céus, amava a Deus, se deleitava na Sua Palavra e na comunhão dos santos; e, contudo, lhe foi impedida a entrada na Cidade Celestial.

CONCLUSÃO

Quero concluir dizendo que o grande perigo do arminianismo é atribuir a glória da salvação ao homem. Na doutrina deles, Deus apenas possibilita a salvação; mas é o homem que tem o mérito de se apropriar dela. A fé, o arrependimento e o livre-arbítrio são obras do homem. São estes méritos seus que determinam a diferença entre o salvo e o perdido.

Mas os textos bíblicos que lemos deixam evidente que o propósito de Deus na salvação do homem é exatamente excluir toda possibilidade de que o homem reivindique para si qualquer parte ou obra; qualquer mérito, seja ele qual for, do qual possa se gloriar. "Não de obras, para que ninguém se glorie". Este é o propósito: excluir a possibilidade de jactância, de orgulho. "Onde pois a jactância?", pergunta o apóstolo, depois de expor a pecaminosidade universal e o método de Deus para a salvação do homem. "Foi de todo excluída. Por que lei? das obras? Não, pelo contrário, pela lei da fé" (Rm 3:27).

É o Pai quem soberanamente escolhe; é o Filho quem objetivamente redime; e é o Espírito quem irresistivelmente chama, aplicando eficazmente a graça da salvação ao coração de homens indignos e totalmente imerecedores da graça de Deus.

Não é à toa que o apóstolo Paulo, ao concluir sua exposição da doutrina da salvação pela graça, humilhado e ao mesmo tempo maravilhado, explodiu em manifestação de louvor a Deus, dizendo:

> Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro lhe deu a Ele para que Lhe venha a ser restituído? Porque dele e por meio dele e para Ele são todas as cousas. A Ele, pois, a glória eternamente. Amém."

PERSEVERANÇA DOS SANTOS

A doutrina calvinista da perseverança dos santos é a conclusão inevitável e bíblica da obra da redenção. O homem, em seu estado natural, está totalmente depravado — isto é, teve suas faculdades espirituais completamente corrompidas, tornando-se inimigo de Deus, morto nos seus delitos e pecados. Deus, o Pai, movido pelo Seu infinito amor, escolheu, antes da fundação do mundo, alguns dentre estes para manifestar a Sua misericórdia, elegendo-os para serem santos e irrepreensíveis. Vindo a plenitude dos tempos, o Senhor Jesus Se fez carne, cumpriu a lei, e morreu na cruz pelos eleitos de Deus, expiando objetivamente a culpa que lhes fora imputada pelo pecado de Adão. Na época própria, aprouve a Deus chamá-los eficazmente, aplicando soberanamente a Sua graça especial para a salvação, independentemente de qualquer mérito da parte deles. Que absurdo imaginar que, depois de tudo isso, o redimido possa apartar-se totalmente da graça de Deus, e perder a salvação!

Como pode alguém ser eleito, redimido, chamado, justificado, regenerado, reconciliado, liberto do domínio do pecado, pela graça (imerecida) de Deus, e não alcançar a glorificação, quando a Bíblia diz que "aos que de antemão conheceu, também os predestinou... E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" (Rm 8:29-30)? Como pode tal obra ser interrompida, se Cristo é não somente o autor como consumador da nossa fé?

O que mudou? Nós (os eleitos), ou o amor de Deus? Nós, se mudamos, foi para melhor: "Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores". Este era o nosso estado: pecadores, inimigos de Deus. Ainda assim, Cristo morreu por nós. Não obstante a nossa deprava-

ção e culpa, Deus nos amou e Cristo nos comprou pagando preço preciosíssimo por nós: o Seu próprio sangue. A que conclusão podemos chegar? A mesma do apóstolo: "se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus, mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida" (Rm 5:8,10). Se Deus fez o mais difícil (nos reconciliar com Ele), não fará também o mais fácil (manter-nos neste estado)? Certamente que sim. Pelo menos, esta era a convicção do apóstolo Paulo: "Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós, há de completá-la até ao dia de Cristo Jesus" (Fp 1:6). De onde vem tal convicção? O apóstolo Paulo explica:

> Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou a seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?... Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem cousas do presente nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor. (Rm 8:31-39).

ENSINO DAS CONFISSÕES DE FÉ REFORMADAS

Vejamos apenas o que dizem as duas confissões mais completas e explícitas quanto ao assunto:

Confissão de Fé de Westminster:

> Os que Deus aceitou em seu Bem-amado, os que Ele chamou eficazmente e santificou pelo seu Espírito, não podem decair do estado de graça, nem total, nem finalmente; mas, com toda a certeza, hão de perseverar nesse estado até o fim e serão eternamente salvos. Esta perseverança dos santos não depende do livre-arbítrio deles, mas da imutabilidade do decreto da eleição, procedente do livre e imutável amor de Deus Pai, da eficácia do mérito e intercessão de Jesus Cristo, da

permanência do Espírito e da semente de Deus neles, e da natureza do pacto da graça; de todas estas coisas vêm a sua certeza e infalibilidade.[57]

Confissão de Fé Batista de 1689:

Os que Deus aceitou no Amado, aqueles que foram chamados eficazmente e santificados por seu Espírito, e receberam a fé preciosa (que é dos seus eleitos), estes não podem cair totalmente nem definitivamente do estado de graça. Antes, hão de perseverar até o fim e ser eternamente salvos, tendo em vista que os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis, e Ele continuamente gera e nutre neles a fé, o arrependimento, o amor, a alegria, a esperança e todas as graças que conduzem à imortalidade. Ainda que muitas tormentas e dilúvios se levantem e se dêem contra eles, jamais poderão desarraigá-los da pedra fundamental em que estão firmados pela fé.[58]

INFERÊNCIA LÓGICA

A doutrina reformada da perseverança dos santos é inferida:

Das demais doutrinas da graça e dos atributos divinos. Aqueles que reconhecem a corrupção do coração humano em conseqüência da queda (a depravação total) têm que aceitar que a salvação vem do Senhor, o qual é soberano para salvar (eleição incondicional). E se a salvação provém da eleição soberana, estes também têm necessariamente que crer na morte expiatória de Cristo na cruz pelos eleitos (expiação limitada). Estes, por sua vez, precisam admitir a soberania do Espírito Santo em aplicar a obra da redenção aos que foram redimidos por Cristo, chamando-os irresistivelmente para a salvação (graça eficaz). E, se qualquer uma dessas doutrinas for aceita como ensino bíblico verdadeiro, têm-se que admitir que a salvação dessas pessoas indubitavelmente se consumará. Uma doutrina leva inevitavelmente à outra, não apenas dentro da lógica humana, mas na própria lógica bíblica, como já vimos em Rm 8:29-30. Se o homem não pode salvar-se, e se Deus determinou salvar incondicionalmente alguns, ninguém poderá conceber que os propósitos de Deus não se consumem e Seus desígnios sejam frustrados, sem negar os atributos

---

[57] Capítulo XVII, parágrafos I e II.
[58] Capítulo 17, parágrafo 1.

divinos da soberania, onisciência, onipotência, imutabilidade, etc. Se Deus é Deus, a obra de salvação planejada, efetuada e aplicada soberana e graciosamente, será consumada (concluída) — também graciosa e soberanamente — para o louvor da glória da Sua graça.

Da natureza da transformação decorrente da salvação. Quando a obra redentora de Cristo é aplicada ao coração dos eleitos pelo Espírito de Deus, a transformação é tão grande, tão radical e profunda, que é descrita na Bíblia como *regeneração.* O homem nasce de novo, é feito nova criatura. Não se trata de uma transformação superficial, mas essencial. Uma nova natureza lhe é infundida, a natureza de Cristo, de modo que ele se torna co-participante da natureza divina. Torna-se um com Cristo, fazendo parte do Seu corpo e da Sua carne (uma união mística do crente com Cristo). Não se trata de mera decisão humana, ou de submissão, mas de uma transformação radical. Um transplante espiritual de coração é realizado: o Espírito Santo retira o corrompido coração de pedra, e implanta um coração completamente novo. E nessa operação não há possibilidade de rejeição. Ninguém, nem o diabo, pode reverter esta cirurgia espiritual tão bem sucedida, pois nosso velho e depravado coração foi destruído por Deus depois de extraído. Além disso, não se pode conceber nenhuma falha da parte do cirurgião — e o sucesso da operação depende exclusivamente dEle. Não existe tal coisa como "desregeneração". Não se pode conceber, biblicamente, um retorno do estado de graça para o estado de pecado. O corpo de Cristo não pode ser mutilado, sendo-lhe arrancado alguns de seus membros. A união mística do crente com Cristo é de tal ordem que quando Ele morreu, nós morremos com Ele; quando Ele ressuscitou, nós ressuscitamos juntos (Rm 6); e quando foi assunto aos céus, nós também o fomos nEle, visto que "nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus" (Ef 2:6). Como pode tal obra ser revertida? É impossível.

Da liberdade cristã com relação à lei. As Escrituras ensinam claramente que o homem em estado de graça está total e irrevogavelmente livre da condenação que a lei acarreta. Os salvos não mais estão debaixo da lei, e sim da graça, afirma o apóstolo Paulo, em Rm 6:14. Legalmente, "morrestes relativamente à lei, por meio do

corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos..." (Rm 7:4). Assim, "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te livrou da lei do pecado e da morte" (Rm 8:1,2). O que se pode concluir desses textos é que a transgressão da lei de Deus pode acarretar outras coisas ao crente, mas nunca a condenação. O salvo não mais está sujeito à maldição da lei. A lei não tem mais efeito condenatório para ele, pois não mais está sob seu sistema, mas sob o sistema da graça. Como, então, o crente poderia cair do estado de graça, e ser novamente condenado pela lei, da qual foi liberto gratuitamente pela graça eficaz de Deus? Impossível. "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus".

Da imutabilidade do amor de Deus. O que os arminianos precisam ver com mais clareza é a natureza da salvação que há em Cristo Jesus. Ela não provém de obras, não se fundamenta em qualquer virtude humana; mas provém do amor eterno e imutável de Deus. Se a salvação fosse por obras de justiça nossa, seria natural que sua continuidade dependesse de nós. Mas a nossa salvação fundamenta-se exclusivamente no amor do Senhor. Ele nos amou quando ainda éramos pecadores; Ele nos amou primeiro. "...em amor nos predestinou para Ele, para a adoção de filhos, ...segundo o beneplácito da sua vontade" (Ef 1:5). Esta é a base da nossa salvação: o amor eterno e imutável de Deus. Com amor eterno Ele nos amou (Jr 31:3). O amor de Deus não é sentimento efêmero, mas uma determinação eterna da Sua soberana vontade. E se Seu amor não foi motivado por qualquer virtude que houvesse em nós, por que a continuidade desse amor o seria? Se o amor dos pais pelos filhos não se fundamenta nas virtudes destes, mas se manifesta apesar dos muitos defeitos e erros deles (quando isso não acontece é uma anomalia, o pecado da falta de afeição natural), por que o gracioso, soberano e eterno amor de Deus dependeria das nossas virtudes? A maior prova de que o amor de Deus pelos Seus eleitos não terá fim é que não teve começo — é eterno. Duvidar da eternidade da salvação é duvidar dos propósitos e do amor de Deus, dos méritos e da intercessão de Cristo, e do poder e da sabedoria do Espírito Santo.

EVIDÊNCIAS BÍBLICAS DA DOUTRINA

Vamos começar com uma promessa bíblica que se cumpre em cada eleito de Deus (os verdadeiros israelitas), Jr 32:38-40: "Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. Dar-lhes-ei um só coração e um só caminho, para que me temam todos os dias... Farei com eles *aliança eterna* segundo a qual *não deixarei de lhes fazer o bem*; e porei o meu temor no seu coração, *para que nunca se apartem de mim*".

O que diz o salmista no Sl 34:7? "O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem, e os livra". É por isto que o salvo persevera na salvação: porque não somos deixados por nossa própria conta. O anjo do Senhor nos livra do pecado, da nossa natureza pecaminosa, e do arquiinimigo das nossas almas.

E Jesus, o que diz? "Em verdade, em verdade vos digo: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida" (Jo 5:24). "Em verdade, em verdade vos digo: Quem crê, tem a vida eterna"(Jo 6:47). "Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente..."(Jo 6:51). "Aquele, porém, que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede, para sempre; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna" (Jo 4:14). Estes, e muitos outros textos que poderiam ser acrescentados, afirmam a mesma coisa: aqueles em cujos corações foi aplicada a obra da redenção, pela fé, passaram definitivamente da morte para a vida. A vida que receberam é eterna e não transitória. Aquele que come do pão do céu vive eternamente. Quem bebe da água da vida nunca mais terá sede, para sempre. A fonte não seca; o suprimento é abundante. Esta é a natureza da nova vida que recebemos de Cristo: vida eterna.

O que Jesus quer enfatizar com esta linguagem? Ele deixa bem claro no capítulo 10:27-29:

> As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, eternamente, e ninguém as arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar.

Pode haver ensino mais claro do que este da doutrina da perseverança dos santos? A doutrina da perseverança dos santos não é doutrina apenas calvinista, nem agostiniana, nem paulina; é, sim, o ensino inequívoco do Senhor Jesus. Ninguém pode arrebatar-nos das mãos de Deus. Não há poder no mundo visível ou invisível capaz de separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus. Por quê? Jesus responde:

> A vontade de quem me enviou é esta: Que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, Eu o ressuscitarei no último dia. De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer, tenha a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia. (Jo 6:39-40).

Passemos agora para as cartas do apóstolo Paulo: "O pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e, sim, da graça", diz ele em Rm 6:14. O que este texto quer dizer é que, no estado de graça, não apenas estamos livres da condenação da lei, mas também do domínio do pecado. Antes, reinou o pecado; agora, reina a graça pela justiça para a vida eterna (5:21). Não se trata de exortação, mas de promessa; não temos aqui um imperativo, mas um indicativo. É uma afirmativa inspirada que nos assegura que o pecado não terá domínio sobre os salvos. Na vida dos redimidos quem prevalecerá é a graça, e não o pecado.

Em Romanos 14:4, Paulo está exortando os que não comiam carne a que não julgassem os que comiam. Neste contexto ele pergunta: "Quem és tu que julgas o servo alheio? Para o seu próprio senhor está em pé ou cai; mas estará em pé, porque o Senhor é poderoso para o suster" Esta era a convicção do apóstolo: Deus é poderoso para sustentar os seus servos. A perseverança dos salvos manifesta a eficácia da força do poder de Deus. Perseverar na graça não é obra humana, mas divina; não é obra natural, é sobrenatural.

Em Fp 1:6, o apóstolo manifesta a convicção que tinha desta verdade aos crentes de Filipos: "Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós, há de completá-la até ao dia de Cristo Jesus". É irreversível; a obra da redenção, uma vez iniciada, será inevitavelmente consumada, visto que foi determinada na eternidade. Não poderia ser de outro modo, pois "os dons e a voca-

ção de Deus são irrevogáveis (sem arrependimento)[59]" (Rm 11:29). Se a vocação do povo de Israel como povo escolhido para receber a graça (comum) da influência evangélica é irrevogável (Rm 11:25-26), que dirá a vocação para a salvação, a graça especial da redenção?

Na carta aos Hebreus também encontramos um texto digno de consideração:

> Porque com uma única oferta aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados. E disto nos dá testemunho também o Espírito Santo; porquanto, após ter dito: Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei nos seus corações as minhas leis, e sobre as suas mentes as inscreverei... Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniqüidades, para sempre. Ora, onde há remissão destes, já não há oferta pelo pecado. (Hb 10:14-18).

O argumento do autor de Hebreus, aqui, é que o sacrifício de Cristo foi eficaz para aperfeiçoar para sempre os santos. Deus havia prometido que colocaria no coração do Seu povo as Suas leis; e que os perdoaria de tal sorte, que não mais lembraria das suas iniqüidades para sempre. Pois bem, Ele o fez. O sacrifício de Cristo tem valor eterno; redime para sempre.

Podemos concluir com 1 Pedro 1:5. Pedro está escrevendo aos "eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo..." (1:2). Ele começa a sua carta, como Paulo em Efésios, bendizendo "o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos; (ou seja) para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros..." (1:3-4). Para vós outros, quem? Para os eleitos. O que mais? "...que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para salvação preparada para revelar-se no último tempo" (1:5). O que Pedro nos diz aqui, é que a consumação da

---

[59] Conforme o original: ἀμεταμέλητα.

nossa salvação (a posse plena da nossa herança celestial) é segura (está reservada), porque é o próprio poder de Deus que nos guardará até lá. É o próprio Espírito Santo quem age com todo o Seu poder, guardando-nos até a consumação plena da nossa redenção. Por isso exultemos, irmãos, embora no presente, se necessário, sejamos contristados por várias provações. Pois tudo tem como objetivo confirmar a fé, e redundará em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo.

Muitos outros textos poderiam ser relacionados aqui. Mas, se estes não forem suficientes para convencer-nos da gloriosa e confortadora verdade da perseverança dos santos, outros o fariam?

PECAR? É POSSÍVEL; APOSTATAR? NUNCA.

As antigas doutrinas da graça não ensinam que o salvo não pode cair em pecado. Na verdade, o calvinismo rejeita totalmente a assim chamada doutrina do "perfeccionismo cristão". A Bíblia nos ensina que temos este "tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder, seja de Deus e não de nós" (2 Co 4:7). Pelo menos, Paulo não reivindica tal perfeição, como vemos no capítulo sete da sua carta aos Romanos.

É possível, portanto, que o crente seja enganado pelo pecado, seduzido pela carne, atraído pelo mundo e peque. Como admite a *Confissão de Fé de Westminster*, os eleitos,

> ...pelas tentações de Satanás e do mundo, pela força da corrupção neles restante e pela negligência dos meios de preservação, podem cair em graves pecados e por algum tempo continuar neles; incorrem assim no desagrado de Deus, entristecem o seu Santo Espírito e de algum modo vêm a ser privados das suas graças e confortos; têm os seus corações endurecidos e as suas consciências feridas; prejudicam e escandalizam os outros e atraem sobre si juízos temporais.[60]

O exemplo de Davi é prova suficiente desta triste realidade. O que o calvinismo afirma é que o verdadeiro crente, o eleito, o regenerado, não pode retornar ao estado de não-regenerado. Ele não

---

[60] Capítulo XVII, parágrafo III.

pode cair nem total nem finalmente da graça especial salvadora de Deus. Usando a figura de um barco, em alto mar, podemos dizer que o crente pode cair no convés; mas nunca para fora do barco, onde pereceria.

As seguintes palavras de Spurgeon, defendendo a doutrina da perseverança dos santos, podem ser lembradas aqui. Pregando sobre Jeremias 32:40 ("Farei com eles aliança eterna segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim"), ele disse:

> Como, pois, são preservados? Ora, não conforme alguns dizem falsamente, como se pregássemos "que o homem convertido pode viver como quiser". Nunca dissemos isso; nunca sequer pensamos assim. O homem convertido não pode viver como quer; ou melhor, é tão transformado pelo Espírito Santo, que se pudesse viver como quer, nunca pecaria, mas viveria uma vida absolutamente perfeita. Oh, quão profundamente ansiamos por sermos conservados livres de todo pecado! Não pregamos que os homens podem apartar-se de Deus, e viver, e sim que não se apartam dEle.[61]

Com a doutrina da perseverança dos santos, não afirmamos que o salvo não pode pecar, nem que pode pecar à vontade. Afirmamos, sim, que o salvo foi definitivamente resgatado não só da culpa, como também do domínio do pecado. Que o Espírito Santo de Deus o guardará, de modo que não se apartará de Deus. Pode pecar; mas o pecado já não terá domínio sobre ele; não é mais o senhor dele; não prevalecerá. "O pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, e, sim, da graça."

OBJEÇÕES

A Bíblia e a Experiência Cristã não Comprovam a Apostasia?

Se o salvo não pode cair do estado de graça, e perder a salvação, como é que vemos pessoas que professam a fé cristã se afastarem do evangelho? Não há exemplos, na própria Bíblia, de pessoas que perderam a salvação? Não; não há. O que temos que re-

---

[61] C.H. Spurgeon, *A Perseverança na Santidade*, p. 17.

conhecer, é que a profissão de fé cristã, sim, pode ser apenas aparente. Ninguém, a não ser o Senhor, conhece o coração do homem, que é enganoso. As palavras de Jeremias servem de alerta: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá?" (Jr 17:9). Só Deus esquadrinha o coração e prova os pensamentos. Só Ele sabe com certeza absoluta o estado espiritual de alguém.

A aparente piedade pode esconder um coração não regenerado. Um cooperador na obra apostólica pode ocultar um coração amante do mundo. A aparência de ovelha pode não passar de um disfarce que oculta lobos vorazes. Alguém aparentemente muito ativo e que demonstra muito poder espiritual pode ser um total desconhecido de Cristo. Olhem o exemplo de Demas. Atentem para as palavras de Jesus no Sermão do Monte: o princípio geral é válido: "...pelos seus frutos os conhecereis" (Mt 7:20). Mas é preciso ter cautela por causa dos "falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores" (v 15). É trágico, mas é verdade: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade" (Mt 7:21-23). Tais pessoas foram enganadas pelo diabo. Profetizaram, curaram e expeliram demônios em nome de Cristo; contudo, tudo não passou de práticas iníquas. Enganaram muitos; enganaram a si mesmos; mas não enganaram aquele que perscruta o coração. "Surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios, para enganar, se possível, os próprios eleitos", advertiu o Senhor Jesus em Mt 24:24. Portanto, não nos deixemos enganar: os que apostatam, não se apartaram da graça salvadora, mas da graça comum da influência evangélica, pois nunca se converteram realmente.

A igreja de Corinto, ao que parece, estava sendo enganada por falsos apóstolos, obreiros fraudulentos transformados em apóstolos

de Cristo. "E não é de admirar", diz Paulo em 2 Co 11:13-14, "porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus próprios ministros se transformem em ministros de justiça."

Escrevendo a Timóteo, Paulo revela que Timóteo estava enfrentando um sério problema: "Himeneu e Fileto ... se desviaram da verdade, asseverando que a ressurreição já se realizou, e estão pervertendo a fé de alguns" (2 Tm 2:17-18). Seriam estes exemplos de apostasia, de perda de salvação? Admite Paulo a possibilidade, aqui, de que os eleitos de Deus percam a salvação? De modo nenhum. Logo a seguir, ele tranqüiliza Timóteo dizendo: "Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem..." (2 Tm 2:19). Paulo estava convicto de que o Senhor conhece os que são Seus. Como explicar então a aparente apostasia de Himeneu e Fileto? "Ora, numa grande casa não há somente utensílios de ouro e de prata; há também de madeira e de barro. Alguns, para honra; outros, porém, para desonra" (verso 20). Na igreja visível (nominal, externa) não há apenas eleitos, crentes verdadeiros (utensílios de ouro); há também vasos que foram preparados para a desonra (não eleitos), que se confundem, às vezes, externamente, com os vasos de ouro. Mas, na verdade, não passam de bijuteria, falsos (de madeira e de barro com pintura dourada e prateada). Mas o firme fundamento de Deus permanece: o Senhor conhece os que lhe pertencem. "O Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração" (1 Sam 16:7).

Esta é a explicação bíblica para os casos de aparente apostasia. É a mesma explicação claríssima que João dá:

> Eles saíram de nosso meio, entretanto não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos. (1 Jo 2;19).

Quando a Bíblia usa expressões como "apostataram", "caíram da graça", "saíram do nosso meio", "amou o mundo", etc., não significa que tais pessoas eram eleitas, redimidas, regeneradas, salvas, e perderam a salvação. Não; a referência é apenas externa; pois ninguém pode afirmar com absoluta certeza, senão Deus, que al-

guém é eleito. "Se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco".

Hebreus 6:4-6

Um exemplo freqüentemente citado pelos arminianos contra a doutrina da perseverança dos santos é Hebreus 6:4-6.

Mas o texto deve ser entendido à luz do que foi dito até aqui: "Numa grande casa não há somente utensílios de ouro e de prata; há também de madeira e de barro. Alguns, para honra; outros, porém, para desonra." "Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem."

Quanto à linguagem usada, trata-se de linguagem humana, que pode ser perfeitamente entendida com relação ao que é externo, visível. Eu não creio que nenhum de vocês me tenha por arminiano. E eu não sou. Mas há casos em que uso linguagem parecida, quando me refiro a algumas pessoas. E vocês também. Mas não é lícito inferir das minhas palavras que eu creio ou ensino a perda da salvação. Não; quando trato do assunto, explico claramente o que creio. Paulo também, João também, Jesus também. Mas quando falamos, normalmente, consideramos apenas os fatos externos. É por isso que comumente dizemos que alguém apostatou, fulano se afastou do evangelho, etc. O que queremos dizer é que essas pessoas professavam a fé cristã, e deixaram de fazê-lo, sem entrarmos no mérito quanto ao estado espiritual do coração deles, ou à natureza do afastamento (se definitivo ou não).

Eu posso dizer com relação a algumas pessoas, que "comungavam conosco, provaram da Palavra de Deus, foram iluminadas, participaram do dom de Deus, foram abençoadas com a graça de Deus, e caíram, afastaram-se, apostataram". Com isso, entretanto, não estou de modo algum ensinando que perderam a salvação. Não posso garantir que eram salvos, nem que o afastamento deles é definitivo.

Além disso, não devemos menosprezar a importância da graça comum moral da influência evangélica, como já consideramos anteriormente. Os hebreus, para quem a carta foi escrita, eram dupla-

mente abençoados com a graça de participarem da comunhão com o povo de Deus. Como judeus, desfrutaram de graça extraordinária da parte de Deus. Paulo reconhecia isso: "Pertence-lhes a adoção, e também a glória, as alianças, a legislação, o culto, e as promessas; deles são os patriarcas e também deles descende o Cristo, segundo a carne..." (Rm 9:4-5). A eles foram confiados os oráculos de Deus (Rm 3:2). Não era graça de pouca importância estar entre o povo eleito de Deus para usufruir dessas bênçãos. Sem dúvida, a grande maioria dos circuncisos de coração no Antigo Testamento eram também circuncisos na carne. Jesus veio primeiro para os judeus (leiam o episódio da mulher siro-fenícia). Paulo primeiro pregou aos judeus, e só quando estes rejeitaram, foi para os gentios. A igreja do Novo Testamento era composta especialmente por judeus. Era para os judeus, nas sinagogas, que Paulo pregava primeiro, nas cidades pelas quais passava. Quantos privilégios!

Como membros da igreja visível na Nova Aliança, os destinatários desta carta novamente estavam em contato com as bênçãos de Deus. Que privilégio indescritível é estar no lugar certo. Ouvir as orações dos redimidos, a pregação da Palavra, o louvor dos santos! Que bênção desfrutar da comunhão com os eleitos. Que graça indizível é estar onde Deus está; onde o Espírito Santo se faz presente.

Pois bem, o que poderia o autor da carta aos Hebreus dizer a respeito de tais pessoas? Que dizer de pessoas que desfrutaram duplamente da manifestação mais abundante da graça comum de Deus, e deliberadamente rejeitaram a Sua infinita misericórdia para com eles? "É impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que de novo estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus, e expondo-o à ignomínia". É impossível; ninguém, temos dito, irá para o céu a pulso.

Se os gentios, que só tiveram a revelação da natureza e da consciência, por rejeitarem-na, e não darem glória a Deus, foram entregues a uma disposição mental reprovável para praticarem toda sorte de coisas inconvenientes; que se pode dizer daqueles que, tendo recebido abundante revelação especial da verdade, determinada e terminantemente disseram não à graça comum de Deus, e preferiram pisar aos pés o Filho de Deus, expondo-O à ignomínia? Este é o pe-

cado sem perdão: a rejeição determinada, deliberada, consciente, obstinada e definitiva da manifestação mais abundante da graça comum.

Propósito das Advertências Bíblicas Contra a Apostasia

Qual é, então, o propósito das advertências bíblicas contra a apostasia, se o salvo não pode apostatar da fé?

Por um lado, são meios que Deus usa para fazer com que os salvos perseverem. Por outro, servem para deixar indesculpáveis os Himeneus e Filetos que se misturam com o povo de Deus.

Quando o calvinista afirma a doutrina da perseverança dos santos, ele não quer dizer que isso será feito de modo automático, e sem o uso de meios. Não. Embora o crente seja guardado pelo poder de Deus para a salvação, Deus usa meios para alcançar o Seu objetivo: que é apresentar-nos santos e irrepreensíveis diante dEle. A Palavra, a oração, a comunhão, o exercício da disciplina cristã, tudo isso coopera para que o objetivo final seja infalivelmente alcançado.

Assim como o arrependimento e a fé são os meios pelos quais a salvação é aplicada ao coração dos eleitos, pela ação soberana do Espírito Santo — daí as exortações ao arrependimento e fé —, assim também, as exortações alertando o homem para que não se aparte de Deus (ou não caia), são o meio (a graça, o livramento) que o Espírito Santo usa poderosamente para fazer com que o eleito persevere na salvação. Estas advertências se constituem em estímulos à humildade, à vigilância, à diligência e à dependência da graça de Deus.

Em 1 Co 10:12, encontramos uma dessas advertências. Depois de relatar alguns dos pecados que levaram a maioria dos judeus (povo de Deus, segundo a carne) a caírem no deserto, Paulo diz que isso serve como exemplo para advertência (à igreja visível de Deus, é claro). E conclui: "Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia". Um texto como esse ensina a perda da salvação? É claro que não. Tendo dito isso, Paulo se apressa a acrescentar: "Não vos sobreveio tentação que não fosse humana (suportável), mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de

sorte que a possais suportar." Aí está; as advertências para não cairmos são parte do livramento que Deus nos concede, para que os eleitos não caiam definitivamente, mas perseverem na graça.

É claro que os não eleitos que se incluíram de algum modo entre os eleitos, enganados pelo diabo, não lançarão mão do livramento, e cairão (da profissão de fé; não da salvação). Para estes, as advertências bíblicas servem para deixá-los indesculpáveis.

CONCLUSÃO

Nós não fomos eleitos por nossos méritos; não fomos redimidos por nossos méritos; não fomos chamados por nossos méritos; nem perseveraremos por nossos méritos. Se o Senhor dos Exércitos não tivesse deixado um remanescente, segundo a eleição da graça, já nos teríamos tornado como Sodoma e Gomorra (Is 1:9; Rm 11:5). Mas, guardados que somos pelo poder de Deus, podemos estar seguros de que ninguém nos arrebatará das mãos do nosso Redentor.

Que motivo temos para nos alegrar nesta vida: o nosso nome está escrito no livro da vida! A consumação da salvação dos eleitos de Deus é tão segura que está indelevelmente registrada nos céus. Quando os discípulos de Jesus se alegraram porque os demônios se submetiam a eles, Jesus lhes disse: "...alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e, sim, porque os vossos nomes estão arrolados nos céus" (Lc 10:20). Eles deviam alegrar-se porque eram eleitos de Deus; porque tinham seus nomes escritos no livro do Cordeiro; porque a salvação deles era firme, estável, segura, eterna.

Podemos concluir lendo as palavras do apóstolo Paulo:

> Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Portanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho... E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou. Que diremos, pois, à vista destas cousas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou a seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifi-

ca. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?... Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem cousas do presente nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor (Rm 8:28-39).

CALVINISMO E EVANGELISMO

Temos considerado as antigas doutrinas da graça. Procuramos, inicialmente, mostrar no que consistem, fornecer um breve histórico do início da controvérsia arminiana, bem como uma síntese dos assim chamados cinco pontos do calvinismo e do arminianismo. Tentamos deixar claro que a diferença entre estes sistemas doutrinários não é mera questão de ênfase, mas de conteúdo; há diferenças reais, substanciais e significativas entre eles. Procuramos, também, mostrar qual a essência do calvinismo e explicar algumas das possíveis razões para as doutrinas arminianas.

Depois, com maiores detalhes, estudamos cada um dos cinco pontos do calvinismo: a depravação total, a eleição incondicional, a expiação limitada, a graça eficaz, e a perseverança dos santos. Procuramos mostrar, com relação a cada uma destas doutrinas, que representam o ensino da Reforma Protestante do século XVI; que estão sólida, clara e abundantemente fundamentadas nas Escrituras; que são doutrinas que estão em perfeita harmonia entre si, e com as demais doutrinas evangélicas, formando um sistema coerente de doutrina bíblica. Procuramos, ainda, desenvolver um pouco cada uma dessas doutrinas, buscando responder às perguntas mais importantes relacionadas com elas; e refutar as principais objeções levantadas pelos arminianos às antigas doutrinas da graça.

Muito mais poderia ser dito em defesa dessas gloriosas doutrinas. Numerosas evidências bíblicas poderiam ser acrescentadas. Muitos outros argumentos teológicos importantes poderiam ser apresentados em favor delas e contra o arminianismo. E elas poderiam ser bem mais profundamente desenvolvidas do que o fizemos aqui. Cremos, entretanto, que o que consideramos é suficiente para sermos convencidos da veracidade, excelência e importância das antigas doutrinas da graça.

Mas estas doutrinas não são importantes apenas porque são verdadeiras. Muito da importância das doutrinas calvinistas também reside nas suas implicações práticas. E a primeira delas, que queremos considerar, diz respeito ao evangelismo.

O EVANGELISMO MODERNO

O evangelismo moderno é, sem dúvida alguma, predominantemente arminiano. O modelo evangelístico popularizado por Finney e Moody, na segunda metade do século passado, estereotipou, de modo geral, todo o empreendimento evangelístico subseqüente. Spurgeon, contemporâneo de Moody, e um dos maiores evangelistas que o mundo já viu, pressentiu o perigo da tendência de se criar um novo tradicionalismo baseado nessas práticas, e advertiu seus alunos, dizendo:

> Somos facilmente levados a sermos induzidos a práticas atraentes e a ficarmos presos a regras e métodos... Por que, meus queridos, quando temos um culto especial, um irmão tem que dirigi-lo conforme o método de Moody, e outro só quer cantar os hinos de Sankey? Quem somos nós para que sigamos uns aos outros? Não venham me falar de inovações e coisas desse gênero; fora com essas tolices.[62]

Seus temores eram pertinentes. A influência do método evangelístico de Moody foi tão grande, que o evangelismo ficou atado às suas práticas atraentes e às suas regras e métodos evangelísticos arminianos. Praticamente não se concebe evangelismo que não se conforme a tais práticas.

Sendo arminiana, a prática evangelística predominante enfatiza, logicamente, o livre-arbítrio humano. Seu objetivo é anunciar que Deus possibilitou a salvação de todos, e que compete ao homem apossar-se da redenção potencial que Cristo proporcionou para todos. Crendo que o homem, em estado de pecado, ainda pode responder favoravelmente, por si só, à persuasão do evangelho, o evangelismo arminiano (predominante em nossos dias) consiste em persuadir o homem a decidir-se por Cristo.

---

[62] C. H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, vol 28, p. 377.

Visto que a parte de Deus já foi feita, e que soberana na aplicação da obra da redenção ao coração do homem é a toda poderosa vontade humana, e não o Espírito Santo, o evangelismo arminiano é todo voltado para o homem; mais especificamente, para a vontade do homem.

A metodologia evangelística arminiana está, é claro, bem de acordo com seus pontos de vista doutrinários: grandes campanhas evangelísticas são organizadas e realizadas; muita publicidade é feita para atrair o maior número possível de ouvintes; uma breve, superficial e agradável mensagem é apresentada em um culto repleto de atrações tais como testemunhos, corais, conjuntos, etc. Nestes cultos, os sentimentos são direta e fortemente estimulados, culminando com longos e veementes convites (melhor: apelos, que é o termo mais usado) para que os ouvintes decidam-se publicamente a favor de Cristo, levantando a mão, ou dirigindo-se até a frente. Vindo à frente, vieram a Cristo. E lhes é assegurado que agora são convertidos.

O "sucesso" numérico deste tipo de evangelismo moderno é incontestável. Milhares de pessoas são arroladas como decididas, e logo recebidas como membros de igrejas. Mas o espantoso número dos que logo se "desviam" e "abandonam" a fé, e o nível moral e espiritual baixíssimo dos que resistem, também é incontestável. Esse evangelismo, "o novo evangelho", observa Packer, "fracassa notavelmente em produzir reverência profunda, arrependimento profundo, humildade profunda, espírito de adoração e preocupação pela situação da igreja."[63]

Não menos incontestável é a pálida influência dos convertidos pelo evangelismo moderno na sociedade. Embora o homem seja o centro do evangelismo arminiano, e seu objetivo principal seja ajudar o homem e fazer com que se sinta melhor, resolvendo seus problemas, curando seus males físicos e traumas psicológicos, permitindo que progrida financeiramente, etc.; quão insignificante — quando não negativa — tem sido a influência das igrejas arminianas na sociedade. A proporção de "crentes" no Brasil nunca foi tão

---

[63] J. I. Paker, *O "Antigo" Evangelho*, p. 2.

grande — e a sociedade brasileira nunca esteve tão entregue à impiedade e perversão quanto hoje. A influência positiva evangélica no Brasil é inversamente proporcional à expansão do evangelho. Que qualidade de sal é este? Que natureza de luz é esta? Que dizer dos outros países? Sem dúvida, a Europa e os Estados Unidos dos calvinistas reformados e puritanos antigos era infinitamente melhor do que a Europa e os Estados Unidos dos evangelistas arminianos modernos.

CARACTERÍSTICAS DO EVANGELISMO ARMINIANO

O evangelismo arminiano, geralmente falando, têm características bem definidas:

Conceito Superficial. Uma das principais características do evangelismo arminiano é a superficialidade. O conceito de evangelismo arminiano é superficial. O arminiano, como vimos, não crê na depravação total do homem, nem na ação soberana prévia e indispensável do Espírito Santo de Deus, para que o pecador seja arrancado desse estado. O arminiano não compreende claramente a terrível pecaminosidade do pecado, nem discerne devidamente a natureza da transformação que a salvação implica. Assim, se seu conceito de salvação é superficial, não é de admirar que seu conceito evangelístico também o seja. Evangelismo, para eles, consiste, em suas próprias palavras, em "levar os homens a tomarem uma decisão por Cristo", a "se decidirem pelo evangelho".

Pregação Superficial. A superficialidade do conceito arminiano de evangelização se manifesta na sua pregação. O arminiano super enfatiza a fé, em detrimento da necessidade de regeneração. A fé, para os arminianos, sendo produto do coração humano ainda não regenerado e não dádiva gratuita e soberana do Espírito Santo, é indevidamente enfatizada, tornando-se a causa e não o meio da salvação. Desse modo, a evangelização arminiana enfatiza apenas a fé na pessoa e na morte histórica de Cristo por todos. Raramente, entretanto, é dito que a fé salvadora é acompanhada de regeneração. Não basta crer nem tremer, pois "até os demônios crêem e tremem". A fé que não vem acompanhada de convicção de pecados, de arrependimento sincero, de iluminação do coração para compreender a gra-

ça de Deus em Cristo, e de conversão do coração, não se constitui em fé salvadora; pode não passar de convencimento carnal. A ênfase toda é na decisão. Se o pecador atende ao apelo do pregador, vem à frente, e toma uma decisão por Cristo, fica subentendido que se converteu; de modo que uma decisão por Cristo é normalmente comemorada como conversão. O pecador que vai à frente, em resposta ao apelo do pregador para aceitar a Cristo, no final do culto é parabenizado pelo pastor e pelos membros da igreja, como se a sua salvação houvesse de fato se consumado. Ninguém cogita de regeneração; se a pessoa tornou-se realmente nova criatura; se foi feita novo homem em Cristo. Na verdade, ela é até desestimulada a considerar tais coisas. É instruída a crer que é salva, independentemente das evidências; e que seria incredulidade duvidar da sua conversão, mesmo que nenhuma evidência de regeneração seja constatada. A pregação arminiana freqüentemente objetiva, não a regeneração do coração pecador, mas a decisão do pecador. Feita a decisão, fica subentendido, apenas sob esta base, a sua salvação. É por isso mesmo que milhares "não humilhados, ingressam na igreja; não humilhados nela permanecem; e ainda não humilhados a abandonam", observa Spurgeon.[64]

Metodologia Leviana. Se a meta do evangelismo arminiano é uma decisão da vontade humana, não é de admirar que toda a ênfase recaia na metodologia. Assim, lança-se mão de todos os recursos disponíveis para mover a vontade humana a uma decisão. O uso abusivo da música, de testemunhos, e de instrumentos musicais, e o emprego de dirigentes de culto especializados não passam, na maioria das vezes, de recursos psicológicos para colocar o ouvinte em um "estado de espírito adequado", para que sua vontade seja facilmente conduzida a uma decisão no final do culto. As piadas iniciais para deixar os ouvintes à vontade; o sorriso jovial do dirigente no início; a escolha dos corinhos; bem como a variação na entonação de voz do pregador; seus gestos; o desenvolvimento da mensagem; as ilustrações e o insistente e "emocionado" apelo do pregador (ou de um especialista em apelos) no final — quase sempre acompanhado de uma música bem apropriada; tudo, comumente, tem o propósito deliberado, premeditado e específico, de conduzir a vontade dos ouvin-

---

[64] Em *The Sword and The Trowel*, p. 1882.

tes a uma decisão. Nem menos nem mais do que isso. Isto não é evangelismo; é leviandade. Que diferença do apóstolo Paulo, o maior evangelista de todos os tempos. Escrevendo aos coríntios, ele relembra seu método de evangelização:

> Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. (1 Co 2:1-3).

Não por meio de um evangelismo orquestrado, e de palavras persuasivas de sabedoria humana. Mas em fraqueza, temor, e grande tremor. Para que a conversão dos crentes de Corinto não se apoiasse na astuta sabedoria humana, mas no poder de Deus. Que diferença! Só a incredulidade no poder do Espírito Santo para converter corações pecadores pode explicar a metodologia leviana empregada pelo evangelismo arminiano moderno.

Motivação Espúria. As características que acabamos de mencionar (especialmente a leviandade metodológica), a acentuada preocupação com o número, a determinação de obter resultados imediatos e uma ênfase publicitária denominacional muito grande revelam, em muitos dos casos, a motivação espúria do evangelismo arminiano. Ativismo, por si só, não significa absolutamente nada. As seitas, tais como Testemunhas de Jeová e os Mórmons, também são bastante ativas na propagação do que crêem. Os escribas e fariseus recriminados por Jesus agiam de modo similar: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós" (Mt 23:15). Mas ativismo religioso, mesmo que promovido por religião verdadeira (judaísmo, no Antigo Testamento, e cristianismo), não significa absolutamente nada. Na verdade, pode ser até negativo. O que importa realmente são as motivações; o que nos impulsiona a proclamar o evangelho da graça de Deus em Cristo. Se a motivação é espúria, tal como o orgulho espiritual, a preocupação em encher a igreja, o sucesso da denominação e a promoção pessoal ou "ministerial" (tornar-se um pregador conhecido, admirado ou respeitado, ou seja, um profissional bem sucedido), o mais

provável é que o resultado venha a ser negativo, senão catastrófico para o evangelho, como era o caso dos prosélitos a quem Jesus se referiu.

É certo que há exceções. Não se pode dizer que a prática evangelística de Wesley e Fletcher revela tais características. Não, de modo algum. Eles eram sinceros e fiéis; e, ainda hoje, há arminianos sinceros. Mas, de um modo geral, essas são as características do evangelismo moderno. E a causa é doutrinária. A doutrina arminiana que estivemos considerando traz embutida em si, estas tendências, que logo se manifestaram, e acabaram tornando-se generalizadas em nossos dias. A trágica situação das igrejas evangélicas e sua pálida — senão negativa — influência na sociedade em que vivemos falam por si só.

As palavras de Spurgeon, na qualidade de um dos maiores, senão o maior evangelista de todos os tempos, são esclarecedoras. Elas servem para mostrar a tendência do evangelismo em sua época, como resultado das práticas popularizadas por Moody e pelos assim chamados reavivalistas do século passado, e as suas preocupações e temores — que se revelariam pertinentes. Em um de seus sermões, pregado em 1882, ele alertou:

> Nós somos facilmente levados a identificar o excitamento de massas com o poder de Deus. Esta época de novidades parece ter descoberto poder espiritual em bandas de música e pandeiros... A tendência do momento é grandeza, ostentação e demonstração de poder, como se isto, com certeza, realizasse mais do que os meios regulares não têm conseguido realizar.[65]

Seis anos depois, em outro sermão, ele advertiu:

> Jesus disse: "Preguem o evangelho a toda criatura." Mas as pessoas estão se cansando do plano divino; acham que serão salvos pelo sacerdote, pela música, por peças teatrais, e sabe-se lá o que mais! Bem, eles podem tentar estas coisas o quanto quiserem; mas nada resultará de tudo isso, a não ser completo desapontamento e confusão;

---

[65] C. H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, vol. 28, p. 377.

Deus não honra o evangelho travestido, hipocrisias manufaturadas por milhares, e a igreja rebaixada ao nível do mundo.[66]

Uma última palavra bastante esclarecedora de Spurgeon:

> É um fato que milhares de pessoas vivem próximas aos nossos notáveis santuários e sequer sonham em entrar neles. Até mesmo a curiosidade parece ter se diluído. Por que isto? De onde vem esta falta de apetite pelos cultos ordinários do santuário? Eu acredito que a resposta, pelo menos em parte, está em algo pouco suspeito. Tem havido um crescente estímulo ao sensacionalismo; e, quanto mais este apetite desordenado aumenta em fúria, mais ele é gratificado, e, ao fim, descobre-se que é impossível satisfazer suas demandas. Aqueles que têm introduzido toda sorte de atrações em seus cultos devem culpar a si mesmos se as pessoas desprezarem seus ensinos mais sóbrios, e demandarem mais e mais barulho e coisas singulares... O sensacional leva ao escandaloso, se não ao blasfemo. Eu não condenaria ninguém, mas confesso que fico profundamente pesaroso com algumas das invenções do moderno trabalho missionário.[67]

Que diria Spurgeon do evangelismo moderno? Em seu tempo, essas práticas eram apenas incipientes. Havia engano, mas dificilmente poderia se falar de insinceridade, e raramente de leviandade por parte daqueles que as praticavam. Que diria ele, se pudesse ver, como vemos hoje, as práticas evangelísticas arminianas incipientes que condenou operando em seu pleno desenvolvimento, produzindo abundante escândalo e até as blasfêmias que anteviu?

O CALVINISTA EVANGELIZA?

Os calvinistas têm sido acusados pelos arminianos de não evangelizarem; e a causa, dizem, são suas doutrinas. O que temos a dizer com relação a isso? Antes de mais nada, é preciso determinar a que calvinistas se referem.

Boa parte dos, assim chamados, calvinistas modernos — membros de igrejas de confissão calvinista -, há muito tornou-se arminiana. Influenciados pela avalanche arminiana, mas sem esta tradição,

---

[66] C. H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, vol. 40, p. 199.
[67] C. H. Spurgeon, *An All-Round Ministry*, p. 296-297.

tais pessoas tornaram-se imitadoras do arminianismo. A preocupação de muitos está concentrada em reivindicar participação no culto, uso de violão, bateria, corinhos, palmas, apelos e coisas dessa natureza. De modo algum, entretanto, subscrevem, ou mesmo conhecem as antigas doutrinas da graça. Não é correto incluir tais pessoas entre os calvinistas.

Outra boa parte dos, assim chamados, calvinistas, não passa de meros membros de igreja. Nunca tendo experimentado a graça especial de Deus, tais pessoas se constituem em verdadeira aberração do calvinismo. Como papagaios, repetem algumas das afirmativas mais sublimes das antigas doutrinas da graça, sem a menor compreensão do seu significado. Muitos desses, podem ser, justamente, chamados de hipercalvinistas. São ousados em proclamar que são eleitos, e que, portanto, não podem perder a salvação. Entretanto, com tristeza, reconhecemos que dão pouquíssima ou nenhuma evidência de regeneração.

Há ainda os hipercalvinistas sinceros. Não são muitos em nossos dias, especialmente em nosso contexto. Mas existem. Assim como os arminianos sinceros levam a verdade da responsabilidade humana às últimas conseqüências, inferindo erroneamente daí o livre-arbítrio humano e sua habilidade para responder, por si só, positivamente ao evangelho, tornando-o responsável pela sua salvação, acabando por negar a soberania de Deus; assim também os hipercalvinistas sinceros levam a verdade da soberania de Deus às últimas conseqüências, e acabam negando a responsabilidade humana. Se o homem é totalmente depravado e só os eleitos de Deus são salvos, e serão alcançados irresistivelmente pela graça eficaz de Deus, então, concluem eles, não é necessário nem lícito oferecer a salvação aos homens. Mas isso não é calvinismo. É hipercalvinismo. É uma aberração do calvinismo. Esperamos já ter deixado clara a diferença entre o arminianismo, o calvinismo e o hipercalvinismo. O arminianismo e o hipercalvinismo, embora sejam dois extremos, têm em comum o fato de levarem sua lógica às últimas conseqüências. Já o calvinismo aceita a soberania de Deus e a responsabilidade humana como verdades bíblicas, e reconhece a incapacidade humana de conciliá-las.

A verdade dos fatos é que o calvinista que não apenas subscreve, mas discerne e, em alguma proporção, se regozija nas antigas doutrinas da graça, é uma espécie aparentemente em extinção — mas preservado pela graça de Deus. Há ainda um remanescente razoável na Escócia e na Holanda; e outro remanescente espalhado pelo mundo. E com relação a estes, a acusação é injusta.

Historicamente, tal acusação não procede de modo algum. Pelo contrário, os que têm razoável conhecimento da História da Igreja, sabem que as antigas doutrinas da graça foram o instrumento que Deus usou sobremaneira, sob a influência do Espírito Santo, para expandir a igreja e elevá-la a uma estatura moral e espiritual notável. Quem pode negar o empenho e eficácia evangelísticos dos reformadores, como Calvino e John Knox? Calvino pregava todos os dias, e a determinação de John Knox em levar Cristo à Escócia ficou bem conhecida na sua oração: "Senhor! Dá-me a Escócia ou eu morro." Mas, o que dizer dos puritanos; e dos líderes evangélicos do século XVIII, tais como Whitefield, Howell Harris, Daniel Rowlands, Jonathan Edwards, dos missionários John Elliot e David Brainerd? O diário de David Brainerd precisa ser lido. Ele se consumiu na obra missionária, movido pelo amor aos índios americanos. Que dizer de Spurgeon?! Ninguém talvez tenha sido o instrumento de Deus para levar Sua graça eficaz ao coração de tantas pessoas como o Príncipe dos Pregadores. Na época dos Holandeses no Brasil, vinte por cento dos seus pastores trabalhavam como evangelistas entre os índios. Os fundadores das sociedades missionárias no século passado, que levaram o evangelho à Índia, à África, à Austrália, e à América do Sul, eram todos calvinistas. Estes são fatos; e mesmo os arminianos que conhecem um pouco mais a História da Igreja, embora não consigam explicar, reconhecem estes fatos.

Quanto ao verdadeiro remanescente calvinista neste século, que subscreve, discerne e se regozija em alguma proporção nas antigas doutrinas da graça, estes estão ou estiveram (os que já partiram para a glória) tão empenhados na proclamação do evangelho da graça de Deus quanto os antigos. Alguns são conhecidos, mas nem se sabe que são calvinistas, tais como Bill Bright e Corrie Ten Boom. A maioria, entretanto, permanece anônima, pois abomina a publicidade

pessoal. E só ficam em evidência quando Deus os coloca, quando Ele derrama o Seu Espírito Santo e produz reavivamentos espirituais no meio do Seu povo, produzindo resultados surpreendentes. Foi por isso que Calvino, Knox, Whitefield, Harris, Rowlands, Edwards, Brainerd e Spurgeon tornaram-se conhecidos.

A EVANGELISMO CALVINISTA

O evangelismo calvinista, entretanto, é totalmente diferente do evangelismo arminiano. E daí procede boa parte das críticas. Os calvinistas são acusados de não evangelizarem, muitas das vezes, por não adotarem as mesmas práticas evangelísticas mencionadas acima, especialmente a promoção de campanhas em estádios, em praças e meios de comunicação em massa, como o rádio e a televisão. O Pr. Martyn Lloyd-Jones, considerado o maior pregador reformado do século, por exemplo, menciona que foi constantemente acusado pela organização Billy Graham, neste sentido, porque não dava apoio às campanhas da organização.

E, se o não adotar as práticas evangelísticas que caracterizamos acima significa não evangelizar, é verdade que o calvinista não evangeliza. O evangelismo calvinista é totalmente diferente. E sempre o foi.

O evangelismo calvinista *começa de dentro para fora*. O calvinista sabe que o problema real não é o estado dos que estão fora da igreja, mas o estado dos que estão dentro. E que de nada adianta rodear o mar e a terra para trazer alguém para a igreja, e, uma vez conseguido, torná-lo pior do que antes. Assim, se a igreja não está frutificando, a solução, para o calvinismo, não é organizar uma campanha evangelística, ou estabelecer metas e estimular e ensinar técnicas evangelísticas; mas recorrer à Palavra de Deus para saber o que está errado. Buscar a Deus e implorar-Lhe Sua bênção sobre a igreja é a atividade evangelística mais frutífera a ser empreendida. Se é o Espírito Santo quem aplica soberanamente os méritos de Cristo ao coração dos eleitos de Deus, e se Deus provê também os meios para tal, sendo que a igreja é o instrumento responsável que Deus usa para levar o evangelho aos homens; se Deus é o Autor da salvação e Cristo é o Autor e Consumador da fé; e o Espírito Santo é

quem produz em nós tanto o querer como o realizar, segundo a Sua boa vontade; e isto não está acontecendo, o calvinista, então, recorre primeiro a Deus. O que está errado? Por que Deus voltou Suas costas para nós? Por que Ele não nos têm abençoado como outrora? É assim que começa o empreendimento evangelístico calvinista: de dentro para fora. Primeiro a igreja; depois o mundo. Sempre foi assim. Cada movimento missionário significativo começou assim; e não com campanhas evangelísticas.

É espontâneo. O calvinismo não vê o evangelismo como uma questão de responsabilidade, um dever, mas como um constrangimento natural do Espírito Santo. O calvinista não decide evangelizar; ele não pode deixar de fazê-lo. Essa era a motivação apostólica. Pedro e João foram presos por pregarem o evangelho. Foram ameaçados e ordenaram-lhes que não mais pregassem. O que responderam? "...não podemos deixar de falar das cousas que vimos e ouvimos" (At 4:20). Tendo sido libertos, oraram pedindo que lhes fosse concedido poder para que anunciassem com intrepidez a palavra de Deus. Tendo eles orado, o lugar tremeu, e ficaram cheios do Espírito Santo, e com intrepidez anunciavam a palavra de Deus. Eles não podiam parar de pregar. Eles não podiam parar de fazê-lo. Ninguém podia impedi-los. A perseguição aumentou. Saulo assolava a igreja. E ela teve que fugir. "Entrementes", lemos em At 8:4, "os que foram dispersos iam por toda parte pregando (anunciando) a palavra".

Foi assim que o evangelho se propagou rapidamente na igreja primitiva. Nem rádio, nem televisão, nem livros, e muito menos campanhas evangelísticas, ou metodologia desenvolvida e deliberada para levar os homens a "decidirem-se por Cristo". Não era preciso, pois eles criam, de fato, no poder de Deus. Eles não necessitavam de métodos levianos, pois criam que o Espírito Santo de Deus é poderoso — realmente poderoso — para fazer infinitamente mais do que pedimos ou pensamos. Eles criam que, assim como o coração deles fora mudado, a vida transformada pela ação soberana regeneradora e vivificadora do Espírito Santo, o mesmo podia ocorrer com os outros. Não eram necessários métodos levianos. Eles sequer cogitaram tal coisa.

A motivação deles, bem como dos calvinistas, não era espúria. Não era a promoção pessoal ou denominacional, mas o amor de Deus. "O amor de Cristo nos constrange" (2 Co 5:14). Que motivação eficaz! Quanto mais se alarga a nossa compreensão da largura, da profundidade, da altura e do comprimento do amor de Cristo, maior é a nossa motivação para fazer conhecida a suprema riqueza da Sua graça em bondade em Cristo Jesus para conosco. Se o amor de Cristo não nos constrange, nenhum outro constrangimento será lícito. Não tínhamos nada. Não tínhamos mérito algum; virtude alguma. Éramos culpados, totalmente depravados, mas a graça de Deus nos alcançou. Fomos redimidos pela graça, do início ao fim. Deus nos elegeu; Cristo nos redimiu; o Espírito nos chamou. A natureza do amor de Deus revelado em Cristo nos constrange. Não podemos deixar de falar. Não podemos deixar de anunciar os mistérios de Cristo. Não podemos deixar de proclamar as verdades de Deus.

A excitação do arminiano moderno é planejada, como tudo o mais. O calor da sua voz depende da proximidade em que coloca o microfone da boca; é falsa. O ardor de sua pregação confunde-se com o assim chamado *tom evangelístico*, e aumenta com a elevação premeditada do tom de sua voz. A excitação da pregação calvinista é muito diferente; é proveniente da compreensão da glória da mensagem que está proclamando. A glória da graça de Deus, a glória do plano da obra da redenção move o coração do pregador calvinista de modo que não pode deixar de explodir em manifestação sincera de admiração, louvor e adoração a Deus: "Ó profundidade da riqueza tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos!" (Rm 11:33).

Crendo na depravação total do homem, o calvinista conhece a verdadeira condição do coração deles. Sabe que é escravo do pecado. Está sendo arrastado irresistivelmente pelas correntes das paixões da carne. Não tem como resistir às atrações do mundo. Morto em seus delitos e pecados, nada pode fazer para sair desse estado miserável, que resultará em condenação eterna. Por isso, as antigas doutrinas da graça produzem profunda compaixão pelo pecador. Assim, também, "todos nós andamos outrora, segundo as inclina-

ções da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais'' (Ef 2:3). Este era exatamente o nosso próprio estado. Tais éramos outrora, mas fomos salvos pelo lavar regenerador e renovador do Espírito Santo (Tt 3:5). Deste modo, não podemos, senão, encher-nos de compaixão pelos que ainda se encontram nesse estado terrível. Quão trágico é o estado espiritual do homem sem Cristo.

A PREGAÇÃO EVANGELÍSTICA CALVINISTA

Devemos responder a uma última pergunta: Em que consiste a pregação evangelística calvinista? Colocando em outros termos: Será que é possível anunciar aos pecadores o evangelho, crendo na depravação total do homem, na eleição incondicional, na expiação limitada, na graça eficaz e na perseverança eterna dos santos? Como o evangelho é anunciado aos descrentes, com base nas antigas doutrinas da graça?

Hoje em dia, por causa do padrão arminiano de evangelismo, estas perguntas procedem. Mas fazer tais perguntas para os reformadores, para os puritanos, para Whitefield, e para os demais calvinistas que mencionamos antes, seria completo absurdo. Pois calvinista foi a pregação evangelística extremamente eficaz do apóstolo Paulo, e de todos eles. Calvinista foi a pregação que reformou a Igreja no século XVI, levando Cristo a milhares de corações em trevas. O mesmo é verdade com relação ao século XVII, com os puritanos, com relação ao século XVIII no grande reavivamento na Inglaterra, País de Gales, Escócia e Estados Unidos. E o mesmo é verdade no século XIX, com relação a Spurgeon e aos movimentos missionários que levaram Cristo a milhares de corações em todos os continentes.

O Príncipe dos Pregadores, um dos mais eficazes evangelistas de todos os tempos, cria e ensinava que nada podia alcançar os corações, como as antigas doutrinas da graça. Na verdade, ele não podia dissociar evangelismo de calvinismo. Spurgeon não concebia pregação do evangelho que não fosse calvinista:

> Minha opinião pessoal é que não há tal coisa como pregação de Cristo, e este crucificado, a menos que se pregue aquilo que atualmente se chama calvinismo. É apelido chamar isso de calvinismo; pois

> calvinismo é o evangelho, e nada mais. Não creio que possamos pregar o evangelho... a menos que preguemos a soberania de Deus em sua dispensação da graça; e também a menos que exaltemos o amor eletivo imutável, eterno, inalterável e conquistador de Jeová; como também não penso que possamos pregar o evangelho, a menos que o alicercemos sobre a redenção especial e particular do seu povo eleito e escolhido, que Cristo realizou na cruz; e também não posso compreender um evangelho que permite que os santos apostatem, depois de terem sido chamados.[68]
>
> Há algo nestas doutrinas (dizia ele) que penetra diretamente na alma humana. Outras formas de doutrina escorrem como óleo em uma pedra de mármore, mas esta as entalha, penetra-as até o íntimo.[69]
>
> O grande sistema conhecido como as doutrinas da graça (dizia ele referindo-se ao calvinismo) coloca diante da mente dos homens que realmente o recebe, Deus e não o homem. O esquema de doutrina, como um todo, é voltado para Deus.[70]
>
> O calvinismo dá a vocês (disse ele em outro sermão) dez mil vezes mais razões para ter esperança do que o pregador arminiano, que se levanta e diz: "Há lugar para todos, mas eu não creio que haja nenhuma graça especial para fazê-los vir."[71]

Esta era a sua firme convicção: a doutrina calvinista "pode não produzir reavivamentos superficiais, mas, para produzir obra profunda, ela é inestimável."[72]

Mas *como o evangelho é anunciado aos descrentes, com base nas antigas doutrinas da graça?* Todo o conselho de Deus é anunciado. A responsabilidade do pecador não é anunciada em detrimento da soberania de Deus. Ambas as verdades são clara e inequivocamente proclamadas. O pecador é exortado a se arrepender e crer no Senhor Jesus Cristo. Mas lhe é também anunciado que está morto em seus delitos e pecados, e que suas obras não passam de trapos de

---

68 C. H. Spurgeon, *Spurgeon's Autobiography*, vol. I, p. 172.
69 C. H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, vol. 6, p. 258.
70 *Ibid*, vol. 34, p. 364.
71 *Ibid*, vol. 53, p. 268.
72 *Ibid*, vol. 34, p. 372.

imundícia, e que só a graça de Deus, a obra de Cristo e o poder do Espírito podem vivificar-lhe o coração espiritualmente morto.

A pregação evangelística calvinista procura humilhar o homem. Procura retirar dele qualquer esperança de salvação que não se fundamente exclusivamente na graça de Deus, nos méritos de Cristo e na aplicação soberana do Espírito Santo. Seu estado espiritual é claramente revelado. Com a palavra, mais uma vez, Spurgeon:

> Eu não posso pregar como um arminiano. O que os arminianos querem fazer é suscitar a ação humana; o que nós queremos é matá-la de uma vez por todas, para mostrar-lhe que ele está perdido e arruinado... Eles buscam fazer com que o homem se levante; nós procuramos humilhá-lo, e fazê-lo sentir que está nas mãos de Deus, e que se submeta ao próprio Deus e clame audivelmente: "Senhor, salva-nos, ou pereceremos." Nós sustentamos que o homem nunca está tão próximo da graça, do que quando sente que não pode fazer absolutamente nada. Quando ele diz, "Eu posso orar, posso crer, posso fazer isso e aquilo", as marcas da auto-suficiência e da arrogância ainda estão no seu rosto.[73]

Mas qual deve ser a reação do pecador diante da pregação calvinista? O que deve ele fazer, visto que não tem habilidade natural para arrepender-se e crer, embora seja exortado neste sentido? Deve ser dirigido a Jesus. Deve recorrer à fonte de todas as bênçãos e clamar por misericórdia. Não se trata de decisão, mas de clamor. Uma decisão apressada, antes que a obra de humilhação seja completa, em nada ajudará. Se o arrependimento e fé são dons de Deus, e o pecador é exortado pelo evangelho a arrepender-se e crer, ele só pode recorrer a Deus. Confessar-se pecador, incrédulo, culpado, e implorar pela graça especial, eficaz e soberana de Deus em Cristo é o que ele realmente deve fazer. Se ele está morto em seus delitos e pecados, e só Deus pode vivificar seu coração; se é escravo do pecado, é só Deus pode libertá-lo desta escravidão; se está cego e só o Espírito Santo pode iluminar seu coração; se é inimigo de Deus, e só Cristo pode reconciliá-lo com Ele, retirando a inimizade do seu coração; então, só há um caminho: clamar pela misericórdia de Deus, implorar pela benignidade de Cristo, suplicar pela longanimidade do

---

[73] C. H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, vol. 6, p. 259.

Espírito Santo, em oração, procurando conhecer a vontade de Deus revelada na Sua Palavra. Se alguém necessita de sabedoria do alto, peça a Deus; recorra a Ele.

Esta é uma questão entre o pecador e Deus. E deve ser tratada diretamente com a Trindade. O único intermediário é Cristo. Só quem pode ajudar é o Espírito. Assim, um pecador neste estado deve ser conduzido a Deus, e não à frente. Em tal estado, ele fará melhor em recolher-se, ao invés de ser exposto à admiração pública. A solidão de um quarto certamente lhe fará bem maior, neste estado, do que ser exposto à contemplação pública. "Normalmente, uma consciência ferida, assim como um animal ferido", observa Spurgeon, "prefere ficar sozinha, a fim de que possa sangrar em secreto."[74]

CONCLUSÃO

Para concluir, podemos apenas lembrar o propósito do evangelismo calvinista. Não se limita ao pecador. Vai mais longe: é o louvor da glória de Deus. O louvor da glória da Sua graça que Ele nos concedeu gratuitamente no Amado. Por maior que seja a compaixão do calvinista pelo pecador, este não é o centro da sua preocupação e interesse. Não. A glória de Deus, sim, é o objetivo maior, o propósito último. Ele sabe que a obra soberana da redenção humana não tem por fim o homem, mas a glória do Deus bendito. O evangelismo calvinista não é humanista.

Seja tudo para o louvor da Sua glória — inclusive o evangelismo. O evangelismo calvinista não admite cogitar em dar a mínima parcela da glória da redenção ao homem. Não; Deus, apenas, é digno de receber toda a honra, toda a glória e todo louvor. "Porque dEle, e por meio dEle, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém."

---

[74] C. H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, vol. 23, p. 428.

CALVINISMO E VIDA CRISTÃ

Nós acabamos de considerar a utilidade prática das antigas doutrinas da graça, no que diz respeito ao evangelismo. O conceito calvinista de evangelismo e a pregação evangelística calvinista não são superficiais. Reconhecendo o estado de depravação total do homem, o propósito do evangelismo calvinista não é meramente levá-los a tomar uma decisão por Cristo, mas levar Cristo aos seus corações. O que o calvinista almeja não é a decisão, mas a regeneração do pecador. E ele sabe que isto é obra sobrenatural do Espírito Santo de Deus.

A prática evangelística calvinista, em conformidade com sua doutrina, não é leviana, e a sua motivação não pode ser espúria. O calvinista sabe que a "nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes" (Ef 6:12). Logo, "as armas da nossa milícia não são carnais, e, sim, poderosas em Deus para destruir fortalezas; anulando sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo" (2 Co 10:4-5). Ele sabe que gestos estudados, tom de voz e apelos emocionados são recursos que podem levar multidões à decisão; mas nada podem fazer para levar Cristo ao coração de uma só pessoa. Fraqueza, temor e grande tremor são armas espirituais bem mais eficazes na batalha para anular sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus. Humilhação, sinceridade, verdade, confiança, submissão e temor a Deus são as únicas armas capazes de destruir fortalezas espirituais e levar cativo o pensamento à obediência de Cristo. Se as motivações não forem puras todos os nossos empreendimentos evangelísticos, por mais bem planejados e elaborados que sejam, estarão fadados ao fracasso — senão à blasfêmia.

O calvinista sabe, portanto, que o evangelismo começa de dentro para fora. Se a pregação for verdadeira; a diaconia, fiel; o pastorado, desinteressado; o culto, espiritual; e a comunhão, real; então o evangelismo será natural e espontâneo. Constrangidos pelo amor de Cristo, não podemos deixar de falar das cousas que Deus tem feito por nós; pois, assim também "todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos..." (Ef 2:3). Como instrumentos de Deus, compete-nos viver do modo digno da vocação a que fomos chamados; implorar a Deus por Sua misericórdia e graça sobre nós e sobre os perdidos; e fazer conhecida a suprema riqueza da graça de Deus em Cristo. Quanto ao mais, é entre o pecador e Deus. Eles precisam ir a Ele e rogar-Lhe a bênção das bênçãos: a graça especial da salvação.

Estas são as implicações das antigas doutrinas da graça com relação ao evangelismo. Mas estas doutrinas não são úteis apenas para a proclamação fiel do evangelho aos perdidos. Elas são especialmente proveitosas para a vida cristã. Longe de se tratar de especulação filosófica ou teoria estéril, a fé reformada tem implicações excelentes para os que a professam com sinceridade.

Vejamos o que Calvino pensa das doutrinas que ele sistematizou como ninguém:

> Eu quero, em primeiro lugar, rogar encarecidamente aos meus leitores, a terem cuidadosamente em mente a advertência que faço agora: que este grande assunto não é, como muitos imaginam, uma disputa espinhosa e ruidosa, nem uma especulação que enfada a mente dos homens sem nenhum proveito; mas, sim, um estudo sólido voltado para o bem dos piedosos, porque ele edifica saudavelmente a fé, nos treina para a humildade, e nos maravilha diante da ilimitada bondade de Deus para conosco, enquanto nos impulsiona a louvar esta bondade com a adoração mais sublime. Pois não há meio mais eficaz para edificar a fé, do que considerarmos atentamente a eleição de Deus, a qual o Espírito Santo sela no nosso coração, enquanto ouvimos, mostrando-nos que está firmada na vontade eterna e imutável de Deus para conosco; e que, portanto, não pode mover-se ou ser alterada por nenhuma tempestade desse mundo, por nenhum assalto de Satanás, por nenhuma mudança, variação, ou fraqueza da carne. Pois nossa salvação torna-se

segura para nós, quando descobrimos que sua causa está no coração de Deus.[75]

SEGURANÇA DE SALVAÇÃO

A primeira implicação prática das antigas doutrinas da graça para a vida cristã que quero mencionar é a segurança da salvação. O calvinista crê na salvação e na segurança de salvação. E crê que são bênçãos distintas. Ou seja, é possível ser salvo e não ter segurança de salvação. Nem todo o que é salvo está necessariamente convicto da sua salvação.

É claro que o Espírito Santo, sendo soberano, pode convencer um arminiano, assim como pode convencer um calvinista da sua adoção. E a história da igreja apresenta exemplos incontestáveis, tais como John Wesley e Fletcher. O poder espiritual deles não pode ser explicado de outro modo, senão por um testemunho direto do Espírito Santo do relacionamento filial deles para com Deus. Seja Wesley ou Whitefield, seja Fletcher ou Toplady; a extraordinária utilidade deles para o reino de Deus só se explica com um derramamento soberano em seus corações, por parte do Espírito Santo, do amor que Deus tem por eles. Esta é a convicção de salvação mais elevada que o crente pode ter neste mundo: o selo com o Espírito Santo (já estudamos o assunto do selo com o Espírito em outra oportunidade).[76]

Mas esta fonte de convicção de salvação — proveniente de um testemunho direto do Espírito Santo -, embora seja a mais profunda, é extraordinária e relativamente rara; a não ser em épocas de reavivamentos espirituais, quando apraz a Deus derramar o Seu Espírito sobre o Seu povo.

Há, entretanto, outra fonte de segurança de salvação: a convicção doutrinária, a certeza que provém da fé no ensino bíblico. E esta certeza o calvinista pode ter, enquanto que o arminiano não. A doutrina arminiana não dá lugar para que o crente possa ter convicção plena da sua salvação, porque ela depende dele, do seu livre-

---

[75] L. Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination*, p. 29.

[76] P. Anglada, *The Sealing with the Spirit in Ephesias 1:13 — An Exegetical Study on the Meaning of the Expression* ἐσφραγίσθητε τῷ πνεύματι τῆς ἐπαγγελίας.

arbítrio, da sua decisão, da sua fé. O arminiano crê que a qualquer momento pode apartar-se final e definitivamente da graça de Deus. O máximo que ele pode acalentar no seu coração é a esperança que consiga chegar lá. Mas não há segurança. Sua doutrina não permite. E esta é uma situação desesperadora.

Já a fé reformada confessa que Deus é soberano e tem misericórdia de quem Lhe aprouver ter misericórdia; e que a base da salvação é o amor incondicional e imutável de Deus. Assim, o calvinista não apenas alimenta a esperança de ser salvo, mas está plenamente convencido de que "aquele que começou boa obra em nós, há de completá-la até ao dia Cristo Jesus" (Fp 1:6). E que nada, nem ninguém poderá separá-lo do amor de Deus que está em Cristo Jesus. Nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem alturas, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor eterno e imutável de Deus, manifestado na redenção que temos em Cristo. Se quando ainda éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte de Jesus, muito mais agora, estando já reconciliados, podemos estar seguros de que a nossa salvação se consumará.

Que bênção temos da parte de Deus! Nos é garantido na Sua Palavra, que "se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que em vós habita." (Rm 8:11).

Aqui estamos nós: convertidos, novas criaturas, com uma nova natureza; mas ainda neste mundo tenebroso. Ainda tendo que enfrentar o diabo e a nossa própria natureza pecaminosa. Temos ainda um corpo mortal, corrompido e sujeito a muitas paixões e concupiscências. Um vaso frágil, de barro, com um grande tesouro. Enfermidades, dores, necessidades, tentações, provações, inimigos espirituais terríveis; estamos sujeitos a tudo isso. Que dizer das deficiências e deturpações do nosso próprio caráter! Se a nossa glorificação dependesse de nós mesmos, estaríamos irremediavelmente perdidos. Se Adão, em estado de inocência, caiu quando foi deixado por conta própria, que dirá nós, em nosso corpo corrompido pelo pecado, em

um mundo igualmente corrompido! Fracasso total! Seria este o resultado inevitável.

Jesus, mais do que ninguém, tendo encarnado, conhecia as fragilidades deste corpo. Sua oração sacerdotal, em João 17:15, é certamente atendida: "não peço que os tires do mundo; e, sim, que os guardes do mal." Deus nos livra do mal, enquanto neste mundo. Ele providencia livramento para que possamos suportar as tentações e provações. Somos guardados pelo poder de Deus para a salvação preparada e reservada nos céus para nós. Esta é a fonte da nossa segurança, a base da nossa convicção: Deus, o poder de Deus; a suprema grandeza do Seu poder para com os que cremos. A eficácia da força do Seu poder. O mesmo poder que Ele exerceu para ressuscitar a Cristo dentre os mortos nos livrará de toda obra maligna, e nos levará a salvo para o seu reino celestial (2 Tm 4:18).

Parafraseando o apóstolo Paulo, nós podemos dizer que se a segurança da nossa salvação dependesse de nós mesmos, nós seríamos os mais infelizes de todos os homens. Mas, bendito seja Deus, tão certo como chegamos aqui, também chegaremos lá. Pois não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a Sua misericórdia. "Nossa salvação torna-se segura para nós, quando descobrimos que sua causa está no coração de Deus." E neste não pode haver variação nem sombra de mudança.

CONFORTO NAS PROVAÇÕES

Outra implicação prática das antigas doutrinas da graça para a vida cristã é o conforto que estas doutrinas nos dão em momentos de provações. Nós não cremos num Deus instável, cujos atos estejam sujeitos às eventualidades e contingências dessa vida. Nós não cremos em um Deus impotente e falho nas suas previsões, o qual é tomado de surpresa pelas decisões humanas. Não. Este não é o Deus dos calvinistas.

Nós cremos num Deus soberano. Nós cremos num Deus cuja vontade é eterna, imutável, soberana, incondicional, abrangente e eficaz. Nós cremos no propósito dAquele que faz todas as cousas conforme o conselho da Sua vontade. Nós cremos em um Deus que

opera em nós tanto o querer como o realizar, segundo a Sua boa vontade. Em um Deus cujo conselho dura para sempre, e cujos desígnios do Seu coração por todas as gerações (Sal 33:11). Em um Deus que tudo faz como Lhe agrada. Remove reis e estabelece reis, e opera até na vontade do homem convencendo-a da Sua boa, santa e agradável vontade.

O calvinista crê, também, no amor especial de Deus por Seus eleitos. Por causa disso, o calvinista crê num Deus que faz com "que todas as coisas cooperem para o bem daqueles que o amam, daqueles que são chamados segundo o seu propósito."

Tais doutrinas são uma fonte segura de consolo e conforto nas horas de provações. Em sobrevindo as enfermidades, o infortúnio, as aflições, a necessidade, as perseguições e a dor, o calvinista não vê nenhuma dessas coisas como acidentais. Ele vê, sim, a sempre presente e soberana mão de Deus agindo para o bem dos Seus eleitos. Embora não compreenda no momento, ele sabe que estas desventuras são o "pilão" de Deus, a escola de Deus, a vontade boa e santa de Deus para o seu próprio bem.

Desse modo, o calvinista sincero fica convencido que, por mais intensos que sejam os seus sofrimentos, e que, por maiores que sejam as vagas e ondas de Deus que caiam sobre ele, nada lhe sobrevirá sem a necessária porção de graça necessária para que possa suportar. Visto que estas coisas vêm de Deus ou são permitidas por Ele, nada lhe sobrevirá a mais do que o necessário, para que um bem maior, segundo a sábia consideração do Altíssimo, seja alcançado.

A importância desta implicação prática das antigas doutrinas da graça só é adequadamente considerada no leito de um hospital, quando em necessidade, e em meio às provações e infortúnios desta vida. Estes infortúnios assumem cor diferente, quando olhados através do prisma das antigas doutrinas da graça. Verdadeiras tragédias podem ser consideradas leves e momentâneas tribulações que produzem eterno peso de glória (2 Co 4:17). Neste sentido, podemos até nos regozijar nos sofrimentos, sentir prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de

Cristo (2 Co 12:10). Vistas como manifestações soberanas de Deus para o nosso próprio bem, as provações podem até ser bem-vindas para os eleitos de Deus.

O calvinista não menospreza nem desmaia diante da correção que vem do Senhor. Porque ele sabe que "o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe" (Hb 12:6). "É o Senhor; faça o que bem lhe aprouver" (1 Sam 3:18). "Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós" (Rm 8:18). Por trás das conhecidas palavras de Jó, está a doutrina calvinista: "...o Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!" (Jó 1:21).

Quantos benefícios o infortúnio e a doença nos trazem. "É uma professora rude, admito", diz Ryle, com relação à doença, "mas uma verdadeira amiga da alma do homem."[77] A doença serve para lembrar-nos da morte, e nos faz pensar mais seriamente em Deus, no estado da nossa própria alma, e no mundo vindouro. Os infortúnios amolecem o nosso coração. As privações nos humilham. As provações testam a autenticidade e firmeza da fé.

As palavras de J. C. Ryle servem para mostrar a atitude calvinista diante das aflições. Ainda com relação à doença, ele diz:

> Não temos direito de murmurar por causa da doença ou de reclamar a sua presença no mundo. Antes, devemos agradecer a Deus por ela. Ela é o testemunho de Deus. É a conselheira da alma. É a purificadora do coração. Certamente tenho o direito de dizer que a doença é uma bênção, e não uma maldição; uma ajuda, não uma ofensa; ganho, e não perda; amiga, e não inimiga da humanidade. Enquanto tivermos um mundo onde existe pecado, é uma bênção que o mesmo seja um mundo no qual há doença.[78]

A atitude de Spurgeon para com a doença, embora tenha padecido de muitas e constantes enfermidades, não é diferente:

---

[77] J. C. Ryle, *Doença*, p. 9.
[78] *Ibid*, 13.

> Muitas vezes cometemos equívocos quanto ao que seja bênção... A saúde é nos apresentada como se fosse aquilo que convém desejar acima de qualquer coisa. Será assim? Atrevo-me a dizer que a maior bênção terrena que Deus pode conceder a qualquer de nós é a saúde, *com exceção da enfermidade*. Esta tem sido freqüentemente mais útil que a saúde aos servos de Deus.[79]

Que diferença da atitude moderna (arminiana) com relação às enfermidades e às aflições de um modo geral! O arminiano moderno jamais dá boas-vindas à doença; pelo contrário, tudo faz para livrar-se dela.

Bem-aventurados aqueles cuja doutrina lhes leva a exclamar, quando passam por infortúnio: "Isso é obra de meu Pai, portanto, é bom". Ou, "...o Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!". Que conforto! Que consolo! Não precisamos atribuir tudo ao diabo, como se ele fosse senhor absoluto da nossa vida e destino. Não. Soberano é Deus, e não Satanás.

HUMILDADE

Outra excelente implicação prática da fé reformada na vida cristã é a humildade. As antigas doutrinas da graça são especialmente apropriadas para humilhar e manter humilhado o nosso coração. Não há o menor lugar, nestas doutrinas, para a soberba, para o orgulho, ou para a jactância espiritual. "Onde, pois, a jactância? Foi de todo excluída. Por que lei? das obras? Não, pelo contrário, pela lei da fé." As antigas doutrinas da graça, atribuindo todo o mérito da obra da salvação a Deus, e toda a culpa pelo pecado ao homem, não permite que este reivindique qualquer glória pela sua salvação. "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2:8,9).

As doutrinas da depravação total, da eleição incondicional, da expiação limitada, da graça eficaz e da perseverança dos santos atribuem única, total e exclusivamente a Deus, tanto o plano, como a efetivação, como a aplicação da obra da redenção no coração do pe-

---

[79] C. H. Spurgeon, *Um Ministério Ideal*, p. 105.

éramos por natureza inimigos de Deus, filhos da ira, como também os demais.

"Aquele, porém, que se gloria, glorie-se no Senhor" (2 Co 10:17). Esta é a glória calvinista. "Longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo" (Gl 6:14). "...Gloriamo-nos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem acabamos agora de receber a reconciliação" (Rm 5:11). Nós nos gloriamos em Deus e na Sua eleição soberana; nos gloriamos em Cristo e na Sua expiação objetiva na cruz; nos gloriamos no Espírito de Deus, e no Seu chamado eficaz. Nós nos gloriamos na riqueza da graça de Deus em bondade, em Cristo Jesus, para conosco. Se as trevas do nosso coração já nos foram realmente reveladas pelo Espírito Santo, só podemos nos gloriar na abundância da Sua graça para conosco.

À luz das antigas doutrinas da graça, um calvinista orgulhoso é uma contradição de termos; um calvinista soberbo é simplesmente inconcebível; um calvinista jactancioso é uma abominação. Um calvinista que se vangloria em qualquer coisa, que não seja no favor imerecido e bendito do Deus Triúno para com ele, não tem direito a este nome; não sabe nada sobre a fé reformada; sequer começou a discernir os princípios elementares das antigas doutrinas da graça. Quando um sentimento dessa ordem brota em nosso coração — e devemos, para tristeza e vergonha nossa, confessar que acontece -, devemos nos opor a ele com todas as nossa forças e repudiá-lo desesperadamente. Se a fé reformada é a nossa doutrina, na nossa luta contra o pecado — e contra este pecado em especial — devemos resistir até ao sangue.

Uma mente humilhada, um coração humilde e uma vontade submissa à vontade de um Deus soberano são conseqüências inevitáveis das antigas doutrinas da graça. Um calvinista não tem absolutamente nada do que se gloriar na presença de Deus ou dos homens, exceto na sua própria fraqueza, e na graça bendita de Deus para com ele. Nem mesmo a fé ou o arrependimento podem ser levantados por ele como troféus humanos. Nada! Absolutamente nada; a não ser o favor imerecido de Deus em Cristo, pela ação soberana do Seu Espírito.

"Quando o eu quer levantar-se e mostrar algum valor", as antigas doutrinas da graça mostram-se extremamente eficientes para abatê-lo, e recolocá-lo em seu devido lugar. Tem isto acontecido? Têm estas doutrinas humilhado nosso eu? Tem o evangelho da graça de Deus conduzido-nos a uma baixa estima de nós mesmos? Consideramos realmente os outros superiores a nós mesmos, como aconselha o apóstolo Paulo aos Filipenses (Fp 2:3)?

Temos nós o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus, o qual, sendo Deus, não julgou como usurpação ser igual a Deus; antes, se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz? (Fp 2:6-8)

O Deus soberano em que cremos "é excelso, contudo, atenta para os humildes; os soberbos, ele os conhece de longe" (Sl 138:6), estejam estes entre os arminianos ou entre os calvinistas. Aos soberbos (sejam eles arminianos ou calvinistas), Deus resiste; aos humildes, contudo, concede a Sua graça (1 Pe 5:5). "Porque assim diz o Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito" (Is 57:15). "Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito [seja de arminiano ou de calvinista], não desprezarás, ó Deus" (Sl 51:17).

O verdadeiro calvinista é aquele que diz, como o filho pródigo: "Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho" (Lc 15:21); e humildemente exclama, como o publicano: "Ó Deus, sê propício a mim, pecador!" (Lc 18:13). Se as antigas doutrinas da graça não nos têm conduzido a isso, não somos dignos de nos chamarmos calvinistas. Podemos professar a fé reformada, mas nossa vida ainda não o foi. Leiam um pouco sobre a vida dos calvinistas que temos mencionado e entenderão melhor a respeito desta implicação das antigas doutrinas da graça na vida cristã. Leiam o livro do calvinista Richard Baxter que traduzimos: *Quebrantamento — Espírito de Humilhação.*[80] Os irmãos já sabem

---

[80] R. Baxter, *Quebrantamento: Espírito de Humilhação.*

algo sobre a doutrina calvinista. Leiam esse livro, e saberão mais sobre a vida calvinista. A vida reformada não é menos admirável do que a fé reformada.

Vou terminar mencionando o testemunho de Romaine sobre o calvinista William Grimshaw, pouco depois da morte deste, em um sermão: "Ele foi a mais humilde pessoa a andar com Deus que eu já encontrei. Ele sequer podia suportar ouvir um comentário quanto à sua abnegação. Suas últimas palavras foram: 'Aqui vai um servo inútil!'"[81] Isto é calvinismo!

OUSADIA E CORAGEM

Humildade não deve de modo algum ser confundida com covardia. Juntamente com humildade, as antigas doutrinas da graça produzem ousadia e coragem naqueles que as professam com sinceridade. Quando consideramos a vida de calvinistas verdadeiros, esta qualidade desponta sempre com proeminência. Eles não são insolentes, nem arrogantes; a qualidade anterior (humildade) não permite que coragem degenere em imprudência, e a ousadia em insolência. Mas também não se acovardam diante dos inimigos, sejam eles deste mundo ou espirituais.

Considerem a humildade de Jesus. Humilhou-se até a morte. Mas considerem também Sua coragem diante das autoridades, dos perigos, do diabo e da morte. Considerem a humildade do apóstolo Paulo. Ele considerava-se o maior dos pecadores, um vaso de barro, um "insuficiente para essas coisas"; nem se considerava digno de ser chamado apóstolo. Mas considerem também sua ousadia. Ele não temia as perseguições, as oposições, os apedrejamentos, os salteadores, o deserto, a fome, a sede, o frio, os naufrágios, as prisões, ou a morte. Por quê? Porque sabia que o Senhor o livraria de toda obra maligna, e o levaria a salvo para o Seu reino celestial (2 Tm 4:18). Sabia em quem cria, e estava certo de que Ele é poderoso para guardar seu depósito até aquele dia (2 Tm 1:12). O apóstolo Paulo estava plenamente convicto de que o bom propósito de Deus para a sua vida seria alcançado.

---

[81] J. C. Ryle, *William Grimshaw. Líderes Evangélicos do Século XVIII*, p. 47.

No final da sua terceira viagem missionária, depois de sua emocionada despedida dos presbíteros de Éfeso, em Mileto, Paulo passa por Tiro, e chega em Cesaréia, aonde passou alguns dias na casa de Filipe, o evangelista (um dos sete eleitos em Atos 6). Chega então da Judéia um profeta chamado Ágabo; e, sabendo que Paulo dirigia-se para lá, tomou o cinto de Paulo, ligando com ele seus próprios pés e mãos. Então profetizou: "Isto diz o Espírito Santo: assim os judeus em Jerusalém farão ao dono deste cinto, e o entregarão nas mãos dos gentios". Ouvindo estas palavras, Lucas, Filipe e os que ali estavam, rogaram que Paulo não fosse para Jerusalém. "Então ele respondeu: Que fazeis chorando e quebrantando-me o coração? Pois estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém, pelo nome do Senhor Jesus". Não conseguindo dissuadi-lo, os irmão disseram: "Faça-se a vontade do Senhor" (At 21:7-14). Não havia medo, nem lugar para covardia. Paulo estava pronto não apenas para ser preso, mas para morrer por Cristo. E sua conduta constante, durante toda a sua vida, mostra que não havia exagero algum nas suas palavras. Isto é calvinismo!

Este é o tipo de sentimento que encontramos nos reformadores, tais como Lutero, Calvino, John Knox, e John Huss. Este era o sentimento que caracterizava os puritanos, tais como Baxter, Bunyan e o próprio Cromwell. Este era o sentimento que marcou também as atitudes dos líderes evangélicos calvinistas no século XVIII, tais como Whitefield, Toplady, Daniel Rowlands, Jonathan Edwards, David Brainerd e muitos outros. E este também era o sentimento que se manifestou claramente em Spurgeon e Ryle no século passado. Eles pregavam em grande fraqueza, temor e tremor; mas não se acovardavam diante de nada nem de ninguém. Com o coração humilde, não temiam nada, a não ser "Aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo" (Mt 10:28).

Eu não quero de modo algum dizer que o corajoso exército de Deus não tem em suas fileiras senão calvinistas. Muitos outros, que não professam nosso credo, estão entre os heróis na batalha contra as hostes do diabo. Novamente menciono Wesley e Fletcher — dois generais que despontaram entre os *valentes* do Todo-Poderoso. Contudo, as antigas doutrinas da graça, pela sua própria natureza,

são inegavelmente excelentes estimulantes espirituais para prover coragem e ousadia àqueles que nelas crêem.

Como acovardar-se, se a vitória é ganha? Por que temer, se cremos que tudo está sob o controle do Deus que faz todas as coisas conforme o conselho da Sua vontade? Por que amedrontar-se se "em todas as coisas somos mais que vencedores por meio daquele que nos amou"?

Nós cremos que Deus nos amou antes da fundação do mundo e nos predestinou para a salvação. Cremos que Ele é poderoso para fazer infinitamente mais do que pedimos ou pensamos. Cremos que somos guardados pelo poder de Deus para a salvação preparada para revelar-se no último tempo. Nós cremos que o mesmo poder que Deus exerceu para ressuscitar Jesus dentre os mortos opera em nós, os que cremos. Que poder! Que força! Que eficácia! Portanto, afirmemos confiantemente:

> O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem? (Hb 13:6). O Senhor é a fortaleza da minha vida: a quem temerei?... Ainda que um exército se acampe contra mim, não se atemorizará o meu coração; e se estourar contra mim a guerra, ainda assim terei confiança (Sl 27:1,3). Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo (Sl 23:4). Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações. Portanto não temeremos ainda que a terra se transtorne e os montes se abalem no seio dos mares; ainda que as águas tumultuem e espumejem, e na sua fúria os montes se estremeçam... o Senhor dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio (Sl 46:1-3,7). Em me vindo o temor, hei de confiar em ti... neste Deus ponho a minha confiança e nada temerei. Que me pode fazer um mortal? (Sl 56:3,4).

Isto é calvinismo!

Lutero, depois de denunciar corajosamente o papado, foi intimado a comparecer em Worms. No dia 17 de abril de 1521, lá estava ele, diante do imperador e do Concílio Geral, prontos para condená-lo. Trouxeram-lhe uma pilha de livros que escrevera, e lhe perguntaram se se retratava do que escrevera. "Lutero pediu tempo para refletir. Foi-lhe dado um dia. E na tarde seguinte, mais uma

vez, enfrentou a assembléia. Então reconheceu que, no calor da discussão, usara expressões duras contra as pessoas. Mas quanto à substância do que escrevera não tinha do que se retratar, a menos que pela Escritura ou com argumentos irrespondíveis o convencessem do erro." O imperador quase não podia acreditar na ousadia de Lutero em negar a infalibilidade de um concílio geral. Ameaçado, Lutero teria exclamado: "Não posso fazer outra coisa. Aqui estou. Deus me ajude. Amém."[82] Isto é calvinismo! Coragem; ousadia; determinação para ir às últimas conseqüências em virtude da sua fé.

No dia 7 de março de 1557, aportaram na Bahia da Guanabara alguns huguenotes (calvinistas franceses) que vieram para o Brasil, a fim de colaborarem no estabelecimento do que seria um refúgio para os calvinistas perseguidos na França. Entre eles estavam dois ministros que haviam estudado com Calvino em Genebra: Pierre Richer e Guillaune Chartier. Por sua fidelidade à fé reformada, foram oprimidos, afligidos e perseguidos pelo vice-almirante Nicolas de Villegaignon, o capitão da esquadra que havia se estabelecido na Guanabara dois anos antes (no dia 10 de novembro de 1555). Um grupo teve que se refugiar na floresta por três meses; e, no dia 4 de janeiro de 1558, partiram em um navio mercante francês. Mas, infelizmente, quando o navio havia se afastado apenas algumas milhas, começou a vazar água; e cinco desses calvinistas tiveram que retornar para o continente: Pierre Bourdon, Jean du Bourdel, Matthieu Verneuil, Andre la Fon e Jacques le Balleur. Eles foram capturados. Villegaignon exigiu que professassem por escrito sua fé. Eles o fizeram, e escreveram a primeira confissão de fé do Novo Mundo (tinha 17 artigos). Foi exigido que renegassem a fé reformada, caso contrário, seriam executados. Andre de la Fon fraquejou e aquiesceu. Os demais permaneceram firmes. Jean Jacques le Balleur conseguiu escapar para a floresta, e foi executado por portugueses jesuítas quase dez anos depois. José de Anchieta pessoalmente colocou a corda no seu pescoço, para demonstrar ao executor como "despachar um herege o mais rapidamente possível". Os outros três foram acorrentados de imediato e lançados do despenhadeiro, tornando-se os primeiros mártires das Américas: os Mártires da Guanabara. Segundo o

---

[82] W. Walker, *História da Igreja Cristã*, p. 425.

autor do relato, Jean Lery, um dos huguenotes que sobreviveu,[83] o primeiro a ser enforcado, Jean de Bourdel, "a caminho da morte cantava salmos e louvava a Deus"; o segundo, Matthieu Verneuil, na rocha, orou: "Ó Deus eterno, visto que por amor a Jesus Cristo estamos morrendo hoje; visto que por amor da tua santa Palavra e doutrina estamos sendo conduzidos à morte: lembra-te dos teus servos e ajuda-os; toma nas tuas mãos esta causa, de modo que nem Satanás, nem o poder deste mundo alcance vitória sobre nós". É assim que começa a História da Igreja evangélica no Brasil. Estes homens foram os primeiros a cultuarem a Deus na América do Sul, no dia 10 de março de 1557 — três dias após chegarem (o texto da mensagem foi o Sl 27:4). Foram os primeiros a celebrarem a ceia, no dia 21 de março de 1557. Foram os primeiros a pregar aos índios (aos tamoios na capitania de São Vicente). Escreveram a primeira confissão de fé das Américas. E foram os primeiros a morrer no Novo Mundo por causa do seu amor a Cristo. Isto é calvinismo.

Não seria difícil acrescentar muitos outros exemplos dessa natureza, como o precursor da Reforma, John Huss, que enfrentou a morte com extraordinária coragem, ao ser queimado no dia 6 de julho de 1415, por amor à verdade cristã. Entre os puritanos e os calvinistas do século XVIII há muitos exemplos de ousadia e coragem por amor a Cristo. Baxter e Bunyan são outros exemplos extraordinários da coragem calvinista.

Mas, e nós? Onde estão nossa coragem e ousadia por amor ao nosso Redentor, e a nossa fidelidade às antigas doutrinas da graça? Não temos que reconhecer que não estamos determinados a com-

---

[83] Este relato baseia-se no livro *A Tragédia da Guanabara: História dos Protomartyres do Christianismo no Brasil*, traduzido por Domingos Ribeiro; de um capítulo intitulado *On the Church of the Believers in the Country of Brazil, part of Austral america: Its affliction and Dispersion*, do livro de Jean Crespin: *l' Histoire des Martyres*, originalmente publicado em 1564. Este livro, por sua vez, é uma tradução de um pequeno livro: *Histoire des choses mémorables survenues en le terre de Brésil, partie de l' Amérique australe, sous le governement de N. de Villegaignon, depuis l' an 1558*, publicado em 1561, cuja autoria é atribuída a Jean Lery, um dos huguenotes que vieram para o Brasil em 1557, o qual também publicou outro livro sobre sua viagem ao Brasil: *Histoire d' an voyage fait en la terre du Brésil*. (cf. p. 25-26).

prometer sequer nosso tempo ou bens por amor a Deus, quanto mais a vida? Isto não é calvinismo.

TOLERÂNCIA PARA COM CRENTES E DESCRENTES

As antigas doutrinas da graça, ao enfatizarem a graça de Deus na salvação de pecadores totalmente depravados e imerecedores do favor de Deus, devem produzir, no coração dos que nelas crêem, tolerância, tanto para com crentes como para com os descrentes.

Tolerância para com os descrentes

"Tais também fostes outrora" é a advertência do apóstolo Paulo que deveria estar sempre na nossa mente. Se somos calvinistas, ao considerarmos a impiedade dos descrentes temos que lembrar que este era o nosso estado; que tais eram as nossas práticas; que assim também andamos outrora: "segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência." Entre estes "também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos" (Ef 2:2-3).

Se somos calvinistas, ao apontarmos para a depravação deste mundo lançado no maligno, temos que considerar que nós, também, éramos igualmente depravados — totalmente depravados; e que o que nos tornou total, completa e radicalmente diferente dele não foi nada que houvesse em nós, mas a graça bendita e soberana do nosso Deus. Nós não demos o primeiro passo; nós não cooperamos com a graça de Deus; e a nossa resistência à graça só foi vencida por causa da eficácia da vocação do Espírito Santo. Ao contemplarmos a imensa e indescritível diferença entre o estado de graça em que nos encontramos, e o estado de pecado em que se encontram os não redimidos, precisamos ter em mente que tudo dependeu de Deus. Foi tudo obra da Sua graça. Do início ao fim. Até mesmo o arrependimento e a fé foram dons de Deus, para que não tivéssemos do que nos gloriar.

Assim, se realmente cremos nessas doutrinas, temos que ser tolerantes para com os descrentes, orando a Deus para que Ele lhes

conceda o arrependimento dos seus pecados e fé em Cristo, na Sua obra redentora e na Sua graça salvadora. Este é o argumento do apóstolo Paulo, ao aconselhar Tito. Ao que parece, alguns dos membros da igreja deste não estavam sendo muito tolerantes para com as autoridades ímpias. Este é o conselho do apóstolo:

> Lembra-lhes que se sujeitem aos que governam, às autoridades; sejam obedientes, estejam prontos para toda boa obra, não difamem a ninguém; nem sejam altercadores, mas cordatos, dando provas de toda cortesia, para com todos os homens. Pois nós também, outrora, éramos néscios, desobedientes, desgarrados, escravos de toda sorte de paixões e prazeres, vivendo em malícia e inveja, odiosos e odiando-nos uns aos outros. (Tt 3:1-3).

Se somos calvinistas, não podemos nos tornar cúmplices das obras das trevas, é verdade; mas, por outro lado, não podemos ser intolerantes. Pois, o que temos nós que não tenhamos recebido? E se o recebemos — e o recebemos gratuitamente -, e se assim também fomos outrora, de onde provém a intolerância, senão da nossa incompreensão destas doutrinas e do pecado? Que Deus nos torne intolerantes para com o nosso próprio pecado; e tolerantes para com os outros.

Tolerância para com os irmãos

Se as antigas doutrinas da graça devem produzir em nós tolerância para com os ímpios, que dizer com relação aos irmãos em Cristo? Para com estes, nossa tolerância deve ser ainda maior. É certo que nossa tolerância para com os irmãos não pode invalidar o exercício da sinceridade, do aconselhamento e da disciplina. "Se o teu irmão pecar contra ti, vai argüi-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça" (Mt 18:15,16); este é o conselho de Jesus. "Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o", diz o apóstolo Paulo; mas acrescenta: "com o espírito de brandura; e guarda-te para que não sejais também tentados" (Gl 6:1). É inconcebível que alguém peque, como aquele irmão da igreja de Corinto, sem que a igreja o discipli-

ne; e isto deu razão à indignação do apóstolo Paulo, em 1 Cor 5. Estaria ele sendo intolerante? Não; e na sua segunda carta, sabendo que houve arrependimento, apressou-se a orientar a igreja a perdoá-lo e confortá-lo, para que não fosse consumido por excessiva tristeza, dizendo: "Pelo que vos rogo que confirmeis para com ele o vosso amor" (2 Cor 2:7-8).

As antigas doutrinas da graça devem nos conduzir à tolerância para com os irmãos. Se nos temos por fortes, "devemos suportar as debilidades dos fracos" (Rm 15:1), ensina o apóstolo. E mais, "Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados, com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor" (Ef 4:1-2). Depois de instruir aos colossenses a despojarem-se das obras da carne, Paulo exorta-os a revestirem-se, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade e de longanimidade. Então exorta-os: "Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós" (Cl 3:12,13). Isto é tolerância. Isto é calvinismo.

Tolerância para com os que divergem de nós

E, se devemos ser tolerantes para com os irmãos no que diz respeito às suas atitudes erradas, devemos ser ainda mais tolerantes com relação àqueles que têm opiniões diferentes das nossas quanto a doutrinas e práticas que não sejam essenciais à fé e à conduta cristã. Esta é uma questão especialmente relacionada com membros de outras denominações evangélicas, que pensam e agem diferente de nós. Os batistas e os pentecostais de modo geral têm doutrina diferente da nossa quanto ao significado e forma do batismo. Os congregacionais e os episcopais têm forma de governo diferente da nossa. E há também aqueles que, sinceramente, não subscrevem as doutrinas calvinistas que estamos estudando.

Pois bem, qual deve ser a nossa atitude com relação a isso? Se estamos convencidos que nossas doutrinas e práticas são bíblicas e, por conseguinte, corretas, devemos crer nelas, apegar-nos a elas, ensiná-las e defendê-las (dar razão da nossa fé e prática). Nós esta-

mos convencidos que as antigas doutrinas da graça, por exemplo, são a verdadeira expressão do ensino bíblico, enquanto que a doutrina arminiana é deficiente, e priva os que a professam de terem uma compreensão mais profunda e verdadeira da obra da redenção. Nós também estamos convencidos de que a nossa forma de governo é mais bíblica e mais prática. O mesmo com relação à forma de batismo e ao batismo infantil. Por isso ensinamos, pregamos e praticamos estas coisas — e devemos fazê-lo com a convicção de um John Huss, de um Lutero, um Calvino, um Whitefield e um Spurgeon.

É certo, portanto, que não promoveremos o arminianismo, e as práticas com as quais discordamos; como também não esperamos que esses irmãos promovam o que não aceitam, enquanto não se convençam da veracidade bíblica destas doutrinas e práticas. É certo, também, que se estas doutrinas e práticas degenerarem em insinceridade, leviandade e heresia, temos que condenar tais atos e resistir firmemente às suas práticas e evitar de todos os modos associar-nos com os que tais coisas praticam. Paulo não errou em repreender a Pedro por sua insinceridade.

Nas palavras de Richard Baxter:

> Deus lança — e nós também devemos fazê-lo — a justa desonra sobre o pecador, para que esta não recaia sobre a religião e sobre o próprio Deus... a defesa ou desculpa de pecados odiosos, por pena daqueles que os cometeram, é o modo pior e mais seguro de trazer desonra, cedo ou tarde, tanto para a religião, como sobre eles. Um Noé, um Ló, um Davi, um Salomão e um Pedro, serão desonrados por Deus, nos registros divinos de todas as épocas, para que Deus não seja desonrado por eles![84]

Não obstante, nossas convicções não podem degenerar em intolerância para com os que não pensam como nós. Aqueles que, embora pensando diferente de nós, demonstrem sinceridade, santidade, e sejam apegados às verdades evangélicas essenciais e distintivas, têm o nosso respeito e comunhão. Precisamos ter cuidado para não

---

[84] R. Baxter, *Directions for Weak Distempered Christians*, p. 645. (Este livro já foi traduzido para ser publicado pela Editora Clássicos Evangélicos com o título *Conselhos para Crentes Fracos*.)

negar comunhão e respeito àqueles a quem Deus não negará os céus. Deus os escolheu, Cristo os redimiu, o Espírito os regenerou; e nós lhes negaremos comunhão e amor fraternal porque não pensam como nós? Que Deus nos guarde de tal atitude.

A prática calvinista para com irmãos de outras denominações é tolerante. Quando participamos da santa ceia, a oferecemos livremente aos membros de qualquer igreja genuinamente evangélica, sob a condição única que estejam em comunhão com Deus e com sua igreja. Nós não confundimos a Igreja Presbiteriana ou Reformada, no sentido mais lato, com a Igreja de Cristo. Somos apenas parte da Sua igreja visível. Lembrem-se que outras igrejas não fazem o mesmo. Se um membro de outra igreja pede admissão a uma igreja calvinista, não lhe é exigido completa aceitação de nossa confissão de fé. É-lhe requerido apenas uma profissão de fé evangélica e um testemunho coerente. Tão pouco lhe é exigido que se submeta a novo batismo. Mas há igrejas que não agem assim. Se um membro de nossa igreja deseja ser transferido para outra denominação evangélica, damos-lhe carta de transferência, como daríamos se desejasse se transferir para outra igreja da nossa própria denominação. A recíproca nem sempre é verdadeira. Somos livres para convidar para pregar em nossos púlpitos e para oficializar um sacramento pastores de outras denominações evangélicas. E reconhecemos a ordenação ao ministério de pastores provenientes de outras igrejas. Isto é tolerância. E isto é calvinismo.

Só aos pastores e oficiais (presbíteros e diáconos) calvinistas é exigido subscrição à forma de governo e doutrinas calvinistas. E isto não é intolerância, é zelo justificável, para que a igreja não degenere. Mesmo assim, dificilmente um pastor é deposto por infidelidade doutrinária, em se tratando de questões não essenciais à fé cristã.

Podemos concluir mencionando o exemplo de um antigo calvinista batista: John Bunyan, o autor de *O Peregrino*. Como batista, é claro, ensinava e defendia o batismo por imersão. Mas, ao sair da prisão (depois de 12 anos), viu-se envolvido em uma controvérsia, devido ao que escrevera em um livro que publicou logo depois: *Uma Confissão da Minha Fé e Razão da Minha Prática de Culto*. O motivo da controvérsia foi o que escreveu no que diz respeito "àqueles

com os quais ouso ter comunhão". Justamente na época em que a questão da forma de batismo tornava-se importante (a partir de 1640), Bunyan defendeu a comunhão com os que professassem fé e vida cristã, independentemente da forma de batismo. O batismo é apenas um sinal, dizia ele; logo, aos que não foram batizados nas águas, "o que lhes falta é apenas o sinal, a sombra, ou a circunstância externa... o melhor dos batismos eles têm... Aquele que Deus recebeu, e com o qual tem comunhão, você tem que receber e ter comunhão com ele. Replicará alguém que Deus não tem comunhão, senão com os que foram batizados nas águas? Eu não acredito que um irmão seja tão estúpido, que pense desse modo."[85] A posição de Bunyan representa a legítima tolerância calvinista.

SENTIMENTO MAIS PROFUNDO DE GRATIDÃO

Esta é outra implicação das antigas doutrinas da graça. O sentimento de gratidão de alguém é proporcional aos seguintes fatores: o valor da oferta, bem ou favor; a situação ou estado do beneficiado; e a motivação e abnegação do ofertante.

Se alguém está enfermo, por exemplo, e é curado por um médico, a gratidão do paciente dependerá especialmente do bem feito pelo médico, que por sua vez dependerá da seriedade da enfermidade que tiver acometido o paciente, e da motivação e abnegação do médico. Um médico que cura totalmente um paciente receberá mais gratidão do que outro que curou apenas parcialmente. Se a enfermidade for um câncer, a gratidão será maior do que se for uma gripe. Se houve abnegação, dedicação e muito trabalho da parte do médico, a gratidão será maior do que se ele fez seu trabalho displicentemente. E a motivação também conta muito: um paciente que teve que pagar caro pelo tratamento não terá a mesma gratidão que outro que foi atendido de graça, pela misericórdia do médico.

O que ensinam as antigas doutrinas da graça? Que o nosso estado não poderia ser pior. Estávamos mortos nos nossos delitos e pecados. Não precisávamos apenas de um tratamento, mas de vivificação. Além disso, éramos culpados por estarmos naquele esta-

---

[85] M. Lloyd-Jones, 1991, *The Puritans: Their Origins and Successors*, p. 402-403.

do. Merecíamos ser condenados a um estado ainda mais terrível. Pior, não podíamos fazer nada para mudar nosso estado, nem podíamos pagar pelo tratamento, pois o tratamento requereria um alto preço. E, como se não bastasse, éramos inimigos do Único que poderia fazer alguma coisa por nós. Que situação terrível!

E o que aconteceu? Tal médico nos amou; sem que houvesse nada de bom ou atrativo em nós, Ele nos amou. Não obstante nossa culpa e nossa inimizade natural para com Ele, Ele se compadeceu de nós, teve misericórdia de nós, e nos deu vida. Salvou-nos daquela situação desesperadora. E fez isso de graça, visto que não poderíamos pagar. E que abnegação foi necessária da parte dEle para que pudesse nos arrancar deste estado! Teve que entregar o Seu próprio Filho, Seu amado e único Filho, para que pagasse a nossa culpa. Vejam com que grande amor nos amou o Pai; sequer podíamos tomar os remédios, mas Ele mesmo os aplicou em nós através do Seu Espírito. E, para completar, Ele ainda nos adotou, fez-nos Seus filhos, supriu-nos com toda sorte de bênção materiais e espirituais; e nos fez herdeiros legítimos de Suas heranças celestiais.

E de lá até aqui? Até aqui nos têm abençoado o Senhor. E quanto ao futuro? Podemos estar certos de que Aquele que começou boa obra em nós há de completá-la até o dia de Cristo Jesus. Fiel é o que fez, o qual também o fará. Aquele que faz todas as coisas conforme o conselho da Sua vontade disporá todas as coisas, de modo que tudo cooperará para o nosso bem.

Que motivações para a gratidão temos nós, nas antigas doutrinas da graça! De todos os sentimentos cristãos, este deve ter lugar proeminente em nossas vidas. Se somos calvinistas, devemos ser eternamente gratos a Deus por Suas misericórdias para conosco. Se cremos nas antigas doutrinas da graça, temos que ser eternamente gratos pela suprema riqueza da Sua graça em bondade em Cristo Jesus para conosco. Estávamos perdidos, e fomos achados; pior: estávamos mortos e fomos vivificados. "Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados" (Cl 1:13). Ele nos tirou de um poço de perdição, dum tremedal de lama; colocou-nos os pés sobre uma rocha e nos firmou os passos. E nos pôs nos lábios

um novo cântico, um hino de louvor e gratidão ao nosso Deus (Sl 40:2-3).

Que daremos ao Senhor por todos os seus benefícios para conosco?...Oferecer-te-emos sacrifícios de ações de graça, e invocaremos o nome do Senhor (Sl 116:12,17). É isto o que faremos. Ofereceremos nossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o nosso culto racional. E não nos conformaremos com este século, mas nos transformaremos pela renovação da nossa mente, para que experimentemos qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Rm 12:1-2). Nós O bendiremos por todos os dias da nossa vida; e nos empenharemos a viver do modo digno da vocação a que fomos chamados, para o Seu inteiro agrado. Isto é o que faremos, como gratidão pelos Seus incontáveis benefícios para conosco.

OUTRAS IMPLICAÇÕES PRÁTICAS DO CALVINISMO

Outras implicações práticas das antigas doutrinas da graça poderiam ainda ser consideradas, tais como um *sentimento de adoração mais sincero* e *santidade*. Mas vamos mencioná-las brevemente, pois já nos demoramos muito mais do que pretendíamos a princípio neste estudo sobre as antigas doutrinas da graça.

Sentimento de Adoração mais Sincero

Quando lemos os escritos do apóstolo Paulo, não é possível deixar de observar suas freqüentes manifestações de louvor e adoração a Deus. Os versículos 3 a 14 do capítulo primeiro de Efésios (que estivemos estudando por alguns meses)[86], como vimos, é uma *eulogia*, uma expressão de adoração e louvor a Deus: "Bendito o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual em Cristo" (Ef 1:1). Que bênçãos são essas que levam o apóstolo a uma manifestação sincera de profunda adoração a Deus? A eleição incondicional, a predestinação por amor, a expiação limitada, a ação iluminadora do Espírito Santo, a

---

[86] Em série de pregações proferidas na Igreja Presbiteriana Central do Pará.

vontade soberana dAquele que faz todas as coisas segundo o conselho da Sua vontade.

As palavras de apóstolo Paulo em Romanos 11:33-35, é uma das manifestações mais profundas de adoração e louvor que encontramos nas Escrituras. O apóstolo, maravilhado com a riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus, não se contém, e explode em adoração: "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos!..." O que suscitou tais palavras? O que o apóstolo vinha falando, desde o início da sua carta? Das antigas doutrinas da graça. Do capítulo primeiro ao décimo primeiro encontramos a mais clara e sistemática exposição do calvinismo. A depravação total, a eleição incondicional, a expiação limitada, a graça eficaz, a perseverança dos santos, são doutrinas vívida e veementemente expostas e defendidas pelo apóstolo nesses capítulos.

E esta é uma implicação invariável das antigas doutrinas da graça. Não podemos compreender a grande pecaminosidade do pecado e a suprema riqueza da graça de um Deus soberano e compassivo sem nos inclinar em adoração e louvor a Ele. O plano, a efetivação e a aplicação da obra redentora ao coração de pecadores depravados revela uma sabedoria tão grande, um conhecimento tão infinito, e um amor de proporções tão inconcebíveis, que só podemos nos prostrar diante do Todo-Poderoso e adorá-Lo, tributando-Lhe todo louvor, toda glória, toda força, toda honra, toda virtude. Não é de estranhar que até os anjos anelem discernir a obra da salvação e conhecer, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus. Leiam a respeito de um calvinista sincero, e vocês entenderão melhor sobre o que estou falando.

Santidade

A conseqüência natural destas implicações é santidade. Um calvinista procura, de todos os modos, viver do modo digno da vocação a que foi chamado. Tais doutrinas não se coadunam com a iniqüidade. Um coração humilhado e grato a Deus não pode conviver pacificamente com o pecado. Nada fere e angustia mais um calvinista do que entristecer o Espírito de Deus. Não há melhor

motivação para a santidade do que a humilhação e a gratidão. Um calvinista leviano é contradição de termos. Um calvinista afeiçoado ao pecado é abominação. E esta, mais do que qualquer outra, é a implicação das antigas doutrinas da graça que desponta na vida dos que as professam com sinceridade. Procurem um calvinista, e acharão um santo; isto é, alguém que trava batalhas ferrenhas contra a carne, o mundo e o diabo.

"Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum. Como viveremos ainda no pecado, nós [logo nós] os que para ele morremos?... Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim, da graça. E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e, sim da graça? De modo nenhum." (Rm 6:1-2,14,15). Nunca, jamais, nem pensar; isso não passa pela cabeça de um calvinista. O que desejamos realmente, o que mais queremos é viver para o inteiro agrado do Senhor; "de modo digno da vocação a que fomos chamados".

Nós somos indignos da Sua graça, e pecamos, é verdade; mas o fazemos contra a nossa vontade. O que realmente queremos, a ansiedade e desejo do nosso coração, é sermos fiéis, sinceros, honestos, justos, verdadeiros, longânimos, humildes, corajosos, gratos, tolerantes, benignos e piedosos. Oh, como ansiamos por isso. Como desejamos nos revestir, "como eleitos de Deus, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade, suportando-nos uns aos outros, e perdoando-nos mutuamente", como Paulo exorta no terceiro capítulo da sua carta aos Colossensses. Oh, como abominamos os frutos da carne, quando se manifestam em nós. E como ansiamos pelos frutos do Espírito; por amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio.

Que o Deus, que pode fazer infinitamente mais do que tudo que pedimos ou pensamos, nos abençoe. Que Aquele que efetua em nós tanto o querer como o realizar encha o nosso coração com o desejo de abundar nestas virtudes, e nos habilite para vivermos para o Seu inteiro agrado. Nós não queremos apenas crer como Jesus, Paulo, Lutero, Calvino, Baxter, Bunyan, Whitefield, Grimshaw, Brainerd e

Spurgeon. Nós queremos viver como eles, para podermos morrer como eles, e termos uma entrada abundante na glória, para o louvor da glória da graça do nosso Deus. Que Deus tenha misericórdia de nós, pecadores!

CONCLUSÃO

Quero concluir este estudo sobre o *Calvinismo — As Antigas Doutrinas da graça*, mencionando um arminiano; o melhor e mais conhecido deles: John Wesley.

Espero que o que foi dito até aqui tenha sido suficiente para demonstrar a excelência das antigas doutrinas da graça, e a deficiência e perigo dos sistemas doutrinários que as rejeitam ou contradizem, como é o caso do arminianismo. Entretanto, quero enfatizar que arminianos como John Wesley e Fletcher, embora tenham defendido e pregado doutrinas com as quais não podemos de modo algum concordar, foram homens de elevada estatura espiritual, e instrumentos utilizados por Deus com muita graça para a edificação e expansão da Sua Igreja. Que a teologia e pregação de Wesley eram substancialmente diferentes da teologia e pregação arminiana moderna, parece evidente, das suas própria palavras, proferidas no sermão pregado por ele no funeral de Whitefield. Ei-las:

> Não há poder algum no homem para realizar qualquer boa obra, falar qualquer palavra boa, ou manifestar qualquer bom desejo, até que do alto lhe seja dado. Portanto, não é suficiente dizer que todo homem está apenas doente por causa do pecado; não, nós estamos todos mortos em delitos e pecados.
>
> E todos nós estamos sem esperanças, tanto com relação ao poder, como à culpa do pecado. Pois, quem pode tirar alguma coisa pura de algo impuro? Ninguém, exceto o Todo-Poderoso. Quem pode levantar aqueles que estão mortos, espiritualmente mortos, no pecado? Ninguém, a não ser Aquele que nos levantou do pó da terra. Mas em que consideração Ele faz isso? Não por causa das obras de justiça que tenhamos feito. Os mortos não podem te louvar, ó, Senhor, nem podem fazer qualquer coisa através da qual venham a adquirir vida. Qualquer coisa que Deus faça, Ele o faz exclusivamente por amor ao seu Amado Filho. "Ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas

nossas iniqüidades." Ele mesmo carregou em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados. Ele foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação. Aí está a única causa meritória de toda bênção que possamos desfrutar ou desfrutamos e, em particular, de nosso perdão e aceitação por Deus, da nossa total e gratuita justificação. Mas, por meio de quê nos tornamos interessados no que Cristo fez e sofreu? "Não por obras, para que ninguém se glorie, mas pela fé somente." "Concluímos", diz o apóstolo, "que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei". E "a quantos O receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber, aos que crêem no seu nome, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus".

"Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus." Mas todos os que têm o Espírito de Deus dentro deles, Cristo estabelece seu reino em seus corações — justiça, paz e alegria no Espírito Santo. Neles há a mente de Cristo, habilitando-os a andar como Cristo andou. Seu Espírito que habita neles, faze-os santos com relação à mente e a toda maneira de se comportar. Mas, visto que tudo isto é um dom gratuito, através do sangue e da justiça de Cristo, há eternamente a mesma razão para lembrarem-se: "aquele que se gloria, glorie-se no Senhor."

Vocês não ignoram que estas são as doutrinas fundamentais sobre as quais o Sr. Whitefield insistia. Não podem elas ser resumidas como que em duas palavras: *novo nascimento* e *justificação pela fé*? Nisto devemos insistir com toda ousadia, em todo tempo, em todos os lugares, em público e em privado. Apeguemo-nos a estas antigas e imutáveis doutrinas, por maior que seja o número daqueles que as contradigam e delas blasfemem.[87]

Tal pregação pode ser considerada hipercalvinista por muitos "calvinistas" modernos. E isto deveria fazer ambos refletirem, arminiano e calvinistas! À luz destas palavras de Wesley, os calvinistas contemporâneos parecem arminianos; e os arminianos "hiperarminianos"!

O seguinte comentário do bispo J.C.Ryle, sobre a teologia de Wesley é digno de ser transcrito:

---

[87] J. C. Ryle, *John Wesley. Líderes Evangélicos do Século XVIII*, p. 29-30.

Eu creio que meu esboço sobre Wesley seria incompleto se não mencionasse a objeção, continuamente feita contra ele, de que era um arminiano na doutrina. Eu admito plenamente a seriedade da objeção. Não tenciono atenuar ou defender suas objetáveis opiniões. Eu, pessoalmente, não consigo explicar como um crente bem instruído pode sustentar doutrinas tais como a perfeição e deficiência da graça, ou negar doutrinas tais como a eleição e a imputação da justiça de Cristo.

Mas, apesar de tudo, devemos estar alertas para não condenar as pessoas tão fortemente por não verem todas as coisas conforme nosso ponto de vista, ou excomungar e anatematizá-los porque "não lêem na nossa cartilha". "Tu, porém, por que julgas a teu irmão? E tu, por que o desprezas?" Nós precisamos pensar. Precisamos aprender a distinguir as coisas que constituem a *essência* do evangelho e coisas que dizem respeito ao *aperfeiçoamento* do evangelho. Nós podemos achar que um homem prega um evangelho imperfeito ao negar a eleição, ao considerar a justificação como sendo nada mais que perdão e ao dizer aos crentes em uma mensagem que eles podem atingir a perfeição nesta vida, e dizer em outra que podem cair inteiramente da graça. Mas, se o mesmo homem, forte e ousadamente, expõe e denuncia o pecado, clara e plenamente enfatiza a Cristo, distinta e abertamente convida homens a crerem e a se arrependerem, ousaremos nós dizer que este homem não prega o evangelho de modo nenhum? Ousaremos dizer que tal homem não produzirá bem algum? Eu, da minha parte, não posso dizer assim, de modo algum. Se me perguntarem se eu prefiro o evangelho de Whitefield ou o evangelho de Wesley, de imediato responderei que prefiro o de Whitefield: eu sou um calvinista e não um arminiano. Mas, se me pedirem para ir além, e dizer que Wesley de modo algum pregava o evangelho e que nenhum benefício trouxe, de imediato, direi que não posso fazer isto. Que Wesley teria feito melhor se tivesse podido desvencilhar-se do seu arminianismo, eu não tenho a menor dúvida; mas que ele pregou o evangelho, honrou a Cristo e fez imenso bem, eu não duvido mais do que posso duvidar da minha própria existência.[88]

Eu penso que estas palavras são sábias e apropriadas para encerrarmos este estudo sobre o *calvinismo.*

Contudo, *as antigas doutrinas da graça* são importantes; são importantíssimas; e podem produzir grande bem. É uma pena que

---

[88] J. C. Ryle, *John Wesley. Líderes Evangélicos do Século XVIII*, p. 27-28.

tais doutrinas tenham sido abandonadas, e colocadas no celeiro, como um funcionário aposentado, do qual já não se espera nenhum serviço útil, como afirmou Spurgeon.[89] É lastimável, pois estas doutrinas são verdadeiras; são poderosos instrumentos para a conversão de pecadores e edificação dos santos. Nós precisamos considerá-las melhor; estudá-las mais profundamente; crer firmemente nelas e pregá-las com convicção, ousadia, sinceridade e graça, para o bem da igreja, conversão dos perdidos e glória do nosso Deus.

---

[89] C. H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, vol. 12, p. 429.

BIBLIOGRAFIA

A Bíblia Sagrada; Antigo e Novo Testamento. Edição Revista e Atualizada no Brasil. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil.

ANGLADA, P. *The Sealing with the Spirit in Ephesias 1:13 — An Exegetical Study on the Meaning of the Expression* ἐσφραγίσθητε τῷ πνεύματι τῆς ἐπαγγελίας. Tese de Mestrado. Potchefstroom, South Africa: Potchefstroomse Universiteit vir Christelike Hoer Onderwys, 1897.

BAXTER, R. *Directions for Weak Distempered Christians.* Em *The Practtical Works of Richard Baxter.* Grand Rapids: Baker Book House, 1981, p. 643-694.

BAXTER, R. *Quebrantamento: Espírito de Humilhação.* Belém: Editora Clássicos Evangélicos, 1988.

BERKHOF, L. *Teologia Sistematica.* Grand Rapids: T.E.L.L., 1976.

BOETTNER, L. *The Reformed Doctrine of Predestination.* New Jersy: The Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1979.

CALVINO, J. *Breve Instruccion Cristiana.* Barcelona: Asoción Cultural de Estudios de la Literatura Reformada, 1966.

Creemos y Confesamos: Confesión de Fe de los Países Bajos. 2ª ed. Barcelona: Asoción Cultural de Estudios de la Literatura Reformada, 1976.

CRESPIN, J. *A Tragédia da Guanabara: História dos Protomartyres do Christianismo no Brasil.* Trad. por Domingos Ribeiro. Rio de Janeiro: Typo-Lith. Pimenta de Mello & C., 1917.

HODGE, A. A. *Evangelical Theology — Lectures on Doctrine.* Pennsylvania: The Banner of Thuth Trust, 1976.

HODGES, Z. C. & FARSTAD, A. L. *The Greek New Testament According to the Majority Text.* Nashville, Camden e New York: Thomas Nelson Publishers. 1985.

LLOYD-JONES, M. *The Puritans: Their Origins and Successors.* Edinburgh e Pennsylvania: Banner of Truth, 1991.

MURRAY, I. *The Forgotten Spurgeon.* London: Banner of Truth, 1978.

OWEN, J. *Por Quem Cristo Morreu?* São Paulo: PES-Publicações Evangélicas Selecionadas, 1986.

PAKER, J. I. *O "Antigo" Evangelho.* São Paulo: Editora Fiel, 1986.

RYLE, J. C. *George Whitefield. Líderes Evangélicos do Século XVIII, Vol.1.* Belém: Editora Clássicos Evangélicos, 1988.

RYLE, J. C. *John Wesley. Líderes Evangélicos do Século XVIII, Vol. 2.* Belém: Editora Clássicos Evangélicos, 1989.

RYLE, J. C. *William Grimshaw. Líderes Evangélicos do Século XVIII, Vol. 3.* Belém: Editora Clássicos Evangélicos, 1989.

RYLE, J. C. *Doença.* São Paulo: PES-Publicações Evangélicas Selecionadas, s.d.

RYLE, J. C. *Vivo ou Morto.* São Paulo: Editora Fiel, s.d.

SCHALKWIJK, D. L. É Preciso Renovar a Aliança — Entrevista com o Missionário Holandês Francisco Leonardo Schalkwijk. *Ultimato*, setembro, 1986, p. 18-19.

SEATON, W. J. *Os Cinco Pontos do Calvinismo.* São Paulo: PES-Publicações Evangélicas Selecionadas, s.d.

SPURGEON, C. H. *Spurgeon's Autobiography.* 4 vols. London: Passmore and Alabaster, 1897-1900.

SPURGEON, C. H. *An All-Round Ministry.* London: Banner of Truth, 1960.

SPURGEON, C. H. *The Early Years*. London: Banner of Truth, 1962.

SPURGEON, C. H. *Um Ministério Ideal*. Vol. 2. São Paulo: PES-Publicações Evangélicas Selecionadas, 1990.

SPURGEON, C. H. *Eleição*. São Paulo: PES-Publicações Evangélicas Selecionadas. s.d.

SPURGEON, C. H. *A Perseverança na Santidade*. São Paulo: PES-Publicações Evangélicas Selecionadas, s.d.

SPURGEON, C. H. *Livre Arbítrio: Um Escravo*. São Paulo: PES-Publicações Evangélicas Selecionadas, s.d.

SPURGEON, C. H. *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*. 62 vols. London: Passmore and Alabaster.

WALKER, W. *História da Igreja Cristã*. 2ª ed. (vols. I e II). Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ASTE, 1980.

O grande pregador batista Charles Spurgeon, que viveu em uma época semelhante a nossa, onde prevaleceu uma evidente insatisfação e desgosto para com o calvinismo, não hesitava em declarar que não concebia pregação do evangelho que não fosse calvinista:

"Minha opinião pessoal é que não há pregação de Cristo e este crucificado, a menos que se pregue aquilo que atualmente se chama calvinismo. É cognome chamar isso de calvinismo; pois calvinismo é o evangelho e nada mais. Não creio que possamos pregar o evangelho... a menos que preguemos a soberania de Deus em sua dispensação da graça; e também a menos que exaltemos o amor eletivo, imutável, eterno, inalterável e conquistador de Jeová; como também não penso que podemos pregar o evangelho, a menos que o alicercemos sobre a redenção especial e particular do seu povo eleito e escolhido, que Cristo realizou na cruz; e também não posso compreender um evangelho que permite que os santos apostatem depois de haverem sido chamados".

O que é calvinismo? Que sistema doutrinário é este que ficou conhecido pelo nome do grande reformador francês do século XVI? Qual a sua essência? Quais as suas afirmativas principais? Quais as objeções? Qual a sua história? Faz justiça à revelação bíblica?

O autor responde a estas questões de uma forma simples e clara, afirmando que calvinismo é o evangelho dos grandes pregadores do passado como Lutero, Calvino, John Knox, Tyndale, Latimer, os puritanos, Jonathan Edwards, Whitefield, Newton, Spurgeon, J. C. Ryle, Martyn Lloyd-Jones, Packer e os grandes missionários, como David Brainerd, David Livingstone, William Carey. Os que confessam o Calvinismo estão na mais excelente companhia.

EDITORA OS PURITANOS

Editora Os Puritanos
Rua Canguaretama, 181
Vila Esperança - São Paulo - SP
Cep 03651-050 - Fone (011) 6957-5111